

# Textos

Leonardo Nunes Nunes

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 24/12/2009

Título : A CASA DE DAGON

Categoria: Contos

Descrição: História baseada em sonhos.

A CASA DE DAGON

Autor: Leonardo Nunes Nunes.

Nota do Autor: Esta história foi escrita no dia 24 de dezembro de 2009, baseada n'um sonho tido no dia seguinte, em 23 de dezembro de 2009 – com pequenas alterações no final para a publicação no sítio Projeto Passo Fundo.

Não sei discernir o sonho da realidade. É-me impossível, entretanto, afirmar que foi simplesmente sonho. É verdade que eu estava dormindo, mas eu despertei. Eu juro! E quando despertei, vi, distante, aquela casa. Eu a observei como se observa as estrelas, com muita atenção aos seus detalhes. Dois andares imponentes, telhado pontiagudo, janelas expressivas e a porta... Ah! A porta! A maior que já vi.

Nela havia algumas pessoas. Talvez arrumavam as janelas, ou somente passeavam pela frente despreocupadamente, antes do culto. De qualquer forma, a casa possuía uma beleza chamativa, hipnotizadora. Fiquei sabendo que o prédio fora construído há mais de século, e que sempre abrigara irmãos abastados. A riqueza daqueles que o cultuavam era abundante, chegava a extrapolar certos limites. Era também convidativo.

Fui tomado por uma curiosidade excessiva e resolvi aproximar-me deles. Era a minha chance de mudar de vida. Além da curiosidade, algo gritava dentro de mim ordenando a minha aproximação. Meu inconsciente, quem sabe. Nem bem passou dois dias e, cheio de coragem, fui ter com os irmãos conversa. E eu que imaginava que seria recebido com desdém, fui surpreendido pela extrema educação, prestatividade e receptividade.

Através de um dos irmãos, lhano, simples, conheci internamente o aconchegante lar. As salas, os quartos, a cozinha, e também o recinto que pelo meu anfitrião era chamado, não sei se pejorativamente ou carinhosamente, de santuário. As poltronas como tronos, todas em círculo e em volta de uma grande mesa, e atrás dessa mesa, uma única poltrona, provavelmente a do líder. Por sobre toda a extensão da mesa, um manto rubro negro, e no meio um pedestal, que outrora carregou a Bíblia, com um estranho e desconhecido livro. Qualquer coisa parecida com o nome Barlium. E uma adaga diante dele.

O nobre irmão confidenciou-me que a riqueza era abundante, e inevitável. Convidou-me para desfrutar dos benefícios, e tornar-me seu irmão. Eu aceitei de imediato. Todos estavam lá, com capuzes na cabeça. Alguns dentro da casa, outros fora. Era o dia da minha iniciação. Pediram para que eu vestisse um manto todo negro. Era dia claro. Enquanto eu adentrava por aqueles pórticos, ouvia um estranho mantra. No mantra, o nome de Dagon. Percebi: era tarde demais. Acabei sendo consagrado Sectário de Dagon, assim como todos eles, sem ter como recuar da decisão final.

FIM

Data : 01/01/2008

Título : A LEPRA QUE MEU AMOR DISTANCIOU

Categoria: Contos

Descrição: Não sei bem como iniciar minha narrativa...

## A LEPRA QUE MEU AMOR DISTANCIOU

Autor: Leon Nunes

Drama.

Nota do autor: Este conto foi baseado em fatos reais: realmente vi uma bela mulher, mas não falei com ela, e isso despertou o desejo pela história. Este conto também foi influenciado por sonhos. Desenvolvido sob um frêmito vindo do próprio infinito.

### Capítulo I

Não sei bem como iniciar minha narrativa. Ontem eu tive um sonho. Foi estranho, devo dizer. Ela nele estava. Não sei quem mais. Havia pessoas no sonho, estávamos viajando de trem. Mais uma vez é com ela que sonho. Minha amada, minha querida, minha abençoada. Sempre. Bela. Formosa. E eu, como se não existisse. Foi a minha sensação.

Não lembro ao certo qual trem viajávamos. Ou a direção seguida. Talvez pouco importasse. Nele, era apenas eu e ela, e mais algumas pessoas. Essas pessoas, creio eu, eram fantasmas. Talvez a minha consciência. Mas ela era real. Talvez o único ser real em meus sonhos.

Eu sempre tentei procurar, em vão, pela mulher certa, pela criatura a mim destinada. Mas somente em sonhos eu a encontrava. E a perdia. Perdia talvez por não poder jamais tê-la. Acostumado, era uma condição que eu já estava disposto a aceitar. Minha cabeça rodava sempre quando acordava. Teria eu

nascido para ficar só? Era como uma maldição, como se o diabo colocasse sua pesada mão em meu caminho e criasse desvios, desvios esses que levariam-me cada vez mais distante dela.

Os sonhos. Os sonhos nem sempre são o que parecem. É provável minha amada sequer soubesse que em meus sonhos ela estava. Muito menos soubesse eu existisse. É como se, entre nossos sonhos, uma barreira invisível e intransponível nos separasse. Ou fosse um sonho dentro de um sonho. Quem sabe sonhava ela que viajava, e eu, que a amava. Quem sabe os sonhos dela fossem de liberdade, e os meus, d'uma fuga de lugar nenhum, dos meus pensamentos, de minha vida. Puro escapismo. Que medo lancinante eu sentia, que aflição meu peito apertava. E ainda aperta. Tão perto, tão longe daquela pelos deuses a mim foi prometida.

Foram poucas as vezes pude dizer a ela: amo-te. Foram poucas as vezes pude sua face beijar, acariciar. Sonha ela também comigo? Serei eu quem ela sonha? Será que estou n'um sonho dela? Quando será que vamo-nos encontrar?

Não sou dado a divagar, mas o onírico amor impele-me a fazer isso. Somente desta forma conseguirei explicar. Dela tenho saudades durante o dia, e, a cada noite minha cabeça no travesseiro, espero com ela novamente sonhar. Dá vontade de nunca mais levantar. Apenas dormir e com ela sonhar, e continuar sonhando, nunca mais acabar.

Pelo amor dos deuses, ó deus dos sonhos, faça-me feliz novamente junto dela!

E este sonho foi o mais estranho. Meu medo aflorou: medo de mil demônios. Mas ao lado dela tudo fica calmo, o tempo não passa, mas ainda assim é triste, pois sei que vai acabar. Por vezes aparece louca, n'outras morena tal qual a mais bela flor de Lótus, a mais mortal e dominadora fêmea que jamais pôs os pés aqui.

Em todos os sonhos dei-me a ela para completá-la; nem em todos os sonhos deu-se a mim para completar-me. E é assim desde quando pela primeira vez a vi n'uma montanha de cume nevoso, ou quando a tristeza consumia-me por vê-la tão distante e triste.

Não sei bem o que eu fazia. Olhava para os lados. Por vezes, aquele terreno não me parecia desconhecido, talvez por lá já ter passado, no momento seguinte o lugar ficava completamente alheio aos meus olhos. Eu a seguia. Queria velar pelos seus passos. Não parecia bem. Senti uma aura obscura enevoar-lhe a frente, senti que deveria protegê-la. Um mal estava para acontecer. Os mil demônios, meus medos mais sutis, do âmago partiam em busca de novas fronteiras. Deveria protegê-la, mas como, se nem a mim fui capaz de proteger? Senti meu espírito corroer-se. Mil lágrimas queriam romper meus olhos, mil demônios, em fuga, assustavam-me.

Mas onde ela estava? Perdi-a, novamente. Sempre quando a perco, fico com a sensação q'alguma coisa irá faltar ao longo do meu dia. Provavelmente penses, amigo, quando a encontro, beijo-a, afago-a, e que meu dia é o melhor de todos. Tens razão. Mas não se engane, são poucas as vezes desta forma fico.

Nesse sonho, pela primeira vez, alguém falou comigo. Um fantasma falou comigo. O demônio falou comigo. Quem era ele, afinal? Eu já disse, a minha consciência. Custei a acreditar ter alguém dito algo. Nos sonhos apenas os

conhecidos meus falavam, mas, até então, jamais um estranho direcionou-se a mim. Custei para ver quem era, ou o que era o da boca falante. Não lembro se vestia um terno, somente sei da cor: azul-marinho.

Eu repito: os sonhos nem sempre são o que parecem.

Disse-me ele: és tu!

O que isso significa?

## Capítulo II

Meu dia tinha sido um caos. No trabalho, uma inquietude até o fim chegar. Mas desta vez fiz diferente. Peguei direção oposta, influenciado por aquele que nos sonhos sempre desviava meu caminho. Fui ao shopping. Comi qualquer coisa, mas sempre com os pensamentos em minha amada. Foi aí, sentado a uma distância de quatro mesas, pela primeira vez a vi. Usava touca curta na cabeça desnuda, d'uma irradiante beleza na mais fosca transparência. Eu a vi e apaixonei-me de chofre. Ela me viu e corou, envergonhada.

Que destino miraculoso, para ela e para mim. Trocamos olhares, risos, vimos um ao outro exalar aquele característico sentimento de afeição. Amor. Teria tudo isso sido pelo diabo preparado? Teria sido a interferência de sua mão mal-abençoada? A felicidade estava estampada em nossas faces; ela, por estar voltando a ter esperança na vida, e eu, por encontrar a mulher dos meus sonhos.

Já disse alguém: o sonho e a esperança são dois calmantes que a natureza concede ao ser humano[1]. Absolutamente certo. De sua face branca como gelo, avermelhada pelo fogo da paixão ficou. E que sorriso! Não era um humano, era a mais bela mulher que meus olhos visavam. Todos desapareceram.

Ela sofria de câncer. Seus olhos castanhos hipnotizavam-me. Dentre todas as mulheres, a mais bela. E recitei uma frase que há muito havia lido: “ainda que haja noite no coração, vale a pena sorrir para que haja estrelas na escuridão[2]”.

Foi o acaso que me conduziu até ali. A poucos metros donde ela estava sentada. Talvez a primeira vez em anos sorria com o sorriso d'uma princesa, e, por segundos, parecia esquecer-se de sua lepra nojenta.

Eram tantos problemas, tantas batalhas, que a deixavam com a aparência um pouco cansada. Mas o fogo fez acender a paixão em seu peito. O destino tramava algo, éramos peças dele, fundamentais para o funcionamento. A paixão,

de viver, e de poder amar novamente ou como nunca antes, capacidade que perdera por completo.

Tanto tempo em função de hospitais, tanto tempo preocupada em não morrer, preocupada em sobreviver e chegar com forças ao final, cansada de tanto chorar e de tanto perder-se consumida em dúvidas. Cansada de deitar-se em camas de hospital, e de sujeitar-se a exames cada vez mais doloridos. Cansada por uma vida assim tomada, e por uma juventude tão assim perdida. Foi isso que me fez apaixonar por ela. Acho ainda ter precisado disso. A força de vontade, enfeixada à paixão nela reaparecida, davam-me também forças. Forças para continuar minha vida.

Não pude segurar meu ímpeto, fui até ela. Ela corou ainda mais. Que mulher deslumbrante aquela. A vida parecia passar lentamente por mim. Alheia a tudo, a todos, e a ela também, estava a vida. Éramos apenas nós, sintonizados n'uma mesma frequência de pensamento. Um no outro. Outro n'um. Ambos n'uma mesma direção: a candura. A paixão inocente entre duas almas também sofredoras.

O que devo dizer? Qual sensação senti? Impossível expressar com palavras. Em sua frente sentei e observei seu rosto rubro, e um hiato de tempo passou até que eu voltasse a falar. “Estou apaixonado”, disse-lhe com profundo respeito, em voz embargada. Já não pude segurar minhas lágrimas, elas percorriam todas as rotas do meu rosto, os sulcos em minha pele e terminavam por cair na mesa.

Vi-a chorar, também. “Não faça isso”, disse-me sutilmente. “Por ti estou apaixonado”, voltei a falar, ainda com voz embargada. Somente nos apresentamos tempo depois do primeiro beijo em sua face banhada pelas lágrimas. Explicou-me tudo. Seus problemas e agonias. Respondi-lhe que em mim encontraria fortaleza. Na verdade, nela quem encontraria fortaleza seria eu.

### Capítulo III

Depois de termo-nos encontrados duas vezes no mesmo lugar, levei-a a um local para mim muito especial. Guiei meu carro pela estrada e segui n'uma estrada de chão batido em direção a um casarão já há muito antigo, desabitado e fadado ao ostracismo. Ela estava tão ou mais bela do que quando a vi pela primeira vez. Ó, como estava! Estar ao seu lado era como banhar-se em imaculadas nuvens, excelso seu poder de atração. O céu estava tomado por estrelas, uma noite clara e iluminada pela Lua.

- Você me ama?

- Eu sou pobre.

- Eu tenho câncer.

- Tu és rica.

- Eu te amo.

Depois de um prolongado hiato de tempo, apenas olhando o céu, não sabendo ao certo se ela em mim olhava ou a Lua, disse-lhe apontando timidamente:

- Nem sempre aquela estrela está próxima da Lua, mas é a mais bela de todas.

- Eu te amo – volveu ela.

- A estrela – disse eu convicto – É você! – sussurrei.

Segurei sua mão fortemente. Ó, Deus, quão forte segurei. Percebi uma lágrima percorrer sua bela face, uma lágrima de tristeza que eu muito bem entendia: precisou a doença nos juntar. Precisou a maldita lepra para um entrar no sonho d'outro. Precisou. Eu a beijei. Não me importei com problema algum, simplesmente a beijei, chorando, e sendo correspondido.

#### Capítulo IV

Não lembro qual foi o motivo, mas nunca mais a vi. Nunca mais aquele sorriso, mesmo dolorido, nunca mais aquela sua determinação. Eu a tenho em minha lembrança, como a nenhuma outra mulher. Por que, ó Deus dos Desamparados, deixaste-me só e sem meu único amor? O que fiz para tanta desgraça em miúdos acometer?

Como um derrotado, perdi a mulher dos meus sonhos. O frio tomou conta de mim. Tão bela e formosa, como em qualquer outro sonho, assim como a conheci e nunca mais esqueci, sei que neles ela reaparece. Ela, a minha bela, acende a brasa do amor em meu peito. Fogo-fátuo, apenas. E, ao despertar, tudo apaga. As trevas voltam ao seu lugar de origem. Não sei como até aqui eu cheguei. Tanto tempo passou e minha alma, consumida pelas traças e pelos impacientes vermes gulosos, não sabe mais como seguir adiante. Hoje é um péssimo dia para mim. O símbolo da minha derrota: é a data em que a vi pela primeira vez. (Não) Tenho certeza que sou o único e exclusivo dela.

Devo admitir. Enfrentaria todas as legiões do inferno, toda a infantaria do Grande Oponente, para tê-la comigo novamente.

Veja por outra visito o cemitério tentando encontrar seu túmulo. Tenho a expectativa de encontrá-la, nem que a certeza desta esperança seja descobri-la morta. E então, confirmada esta expectativa, juntar-me-ei novamente com meu grande amor no Infinito, seremos banhados pelo arco-íris e poderemos desfrutar daquilo que para nós foi prometido.

Saudade é o que sinto daquele beijo molhado. Saudade daquele iluminado sorriso e da determinação que eu sentia nela cada vez mais aflorar.

Os sonhos nem sempre são o que parecem. Talvez aquele espectro em meu sonho esteja certo: sou eu quem nunca poderá encontrar a alma prometida sem antes sofrer pela perda dela. Sou eu quem nasceu para gorar.

FIM

2008 – Revisão 2010

---

[1] Frederico I.

[2] Arnaldo A. Padovani.

Data : 01/01/2011

Título : A leveza d um ser

Categoria: Contos

Descrição: Não devemos corrigir um erro com outro...

30/ 01/ 2011 - 14:30h domingo

A leveza d'um ser

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Tive sonhos. Reveladores. Assustadores. De horrores nunca antes vistos, pelo menos por mim. Meus olhos são as únicas provas disso. Não uso psicotrópicos, ou drogas ilícitas, além de meus remédios – controlados – para hipertensão. Nada explica o que fiz. Minhas atitudes. De certa forma, mesquinhas. Mas... confesso que fiquei com raiva. Desesperado. Oras! Fui pedir auxílio, pombas! Ajuda. Negada. Simplesmente obliterada. Praticamente cortada pela raiz.

Foi na última quinta-feira. Dirigi-me à Igreja para confessar. Confessar meus pecados oníricos. E não eram sonhos simplesmente. Eram verdades vislumbradas por através da cortina transparente que cega a todos. Quanta dor senti! Indescritível, diria eu. Mas, ainda que indescritível, perfeitamente explicável: uma dor na alma, corrupção e câncer em minha inocência. Corroborada, sobretudo, pela execrável e pungente tarefa: o homicídio. Eu matei um padre!

Atormentado, atarantado por inúmeras dúvidas (existenciais, oníricas, verdades e mentiras, clero, religião, Deus, Deuses, Demônios, Satã, bem, mal, saúde, doença, corpo e alma, coração, sangue, conspiração de toda espécie e tamanho, ressurreição, morte), a todo instante olhando de esguelha para minhas mãos (a destra e seu sinal), olhando de volta para a face interna da igreja e do padre que me recebia (obrigação, pura e simplesmente) no confessionário. Ajoelhei-me (questionando a mim mesmo se aquilo era um ato de penitência, ou apenas masoquismo), imediatamente sentindo dores devido o contato direto do joelho com a madeira do degrau externo; procurei as palavras que não vinham e tentei iniciar da melhor forma possível: pelo começo.

- Padre, o que é o pecado?

- Pecado, meu filho, antes de materializado, é um sentimento que vem do nosso âmago e, tomando nosso organismo sem resistência, é levado a lume sem que possamos evitar ou lutar contra.

- E o que é feito quando cometemos esse pecado?

- Creio que dez “Padre Nosso” e dezoito “Ave-Maria” resolvam.

- Rezar?

- Sim, rezar.

- Isso fará desaparecer meus pecados? Como um encanto, uma mágica?

- Não é um encanto, muito menos uma mágica, meu filho. Não é sequer um rótulo que se possa falar por falar. É a Lei Divina. Que devemos venerar, naturalmente.

- Que nos leva diretamente a Deus, suponho.

- A Jesus Cristo. Antes Ele, e com Ele até Deus.

- Mas não vejo rezar um meio de diluir meus pecados, Padre.

- E não diminuirão, meu filho. Não diminuirão. Não é senão um pedido de desculpas. Para Ele – pude vê-lo apontar para cima com mãos calmas através da tela de madeira que nos separavam. Apontar para Deus.

- Padre, eu cometi um pecado.

- Foi o que eu disse: dez “Padre Nosso” e dezoito “Ave-Maria”.

- Mas Padre, de que me vai adiantar rezar dez “Padre Nosso” e dezoito “Ave-Maria”, quando o q’eu sinto cá no peito, um aperto, mas não um aperto, uma solidão, mas não uma solidão, dor.

- Entendo. O seu pecado foi tão grande que o teu espírito está revoltado consigo mesmo. Então acho que vou mudar para vinte “Padre Nosso” e vinte e cinco “Ave-Maria”. Talvez o teu espírito possa abrandar esta fúria por ter cometido tal pecado.

- Padre, não quer saber qual pecado cometi, para só depois dar minha penitência?

- Pecado é pecado. A intensidade dele é medido pela dor que você sente. E pelo que você me diz, dói tanto que o único remédio é rezar. Vinte “Padre Nosso” e vinte e cinco “Ave-Maria”.

- Eu matei, Padre.

- Defendeu-se?

- Não sei. Normalmente são momentos em que estou perdido. Até deitar a cabeça no travesseiro tudo é real, mas um real, ainda que dolorido, cheio de mentiras. Após deitar a cabeça no travesseiro, a realidade muda de figura, torna-se verdadeiro, e continua a dor. Só que eu não sou eu. Não respondo mais por mim por ser guiado por uma força, descomunal, direcionada sei lá para onde, tendo de carregar de olhos abertos esta culpa, este sentimento horrível e asqueroso sem ver uma única solução para meus problemas – falei olhando para minhas mãos, como se nelas estavam a minha vergonha, e, de fato, n’uma delas estava.

- Deus, meu filho. Eis a resposta.

- Quisera Deus, o Congresso Deles, perdoar-me. Não vejo, entretanto, como desligar-me de meus pecados com simples “Padre Nosso” e “Ave-Maria”. Preciso algo cujo efeito seja imediato. Quero um pano limpo e branco para limpar todas minhas imperfeições, o sangue do injusto por mim derramado justamente.

- As pessoas chegam até mim com problemas insolúveis, e saem com seus problemas solucionados. Por que seria diferente contigo?

- Padre, pelo visto você não está capaz de entender aonde eu cheguei. Eu conheci a verdade. Eu matei a verdade, junto dela toda mentira foi-se para nunca mais voltar – exaltei um pouco minha voz sem medo de que alguém pudesse me escutar, mas logo abrandei o tom – Não basta o Senhor ordenar vinte “Padre Nosso” e vinte e cinco “Ave-Maria”. Quero Deus assim como quero Satanás. Eros e Thanatos. Caim e Abel. Eu e J. C. Quero entender qual é a verdadeira face disso tudo que vivemos – apertei com toda força minha destra, como se dentro dela estivesse o tal poder por mim desejado, de modo a nunca perdê-lo, olhando, por fim, o padre por entre a tela – e rasgar o pano que nos cega.

- E que pano seria esse?

- Ele é composto por vários setores que hoje conhecemos como política, governos, conspiração, religião – falei contando nos dedos da destra, com voz de baixo tom.

- Jesus Cristo ressuscitou dos mortos direto para Deus Pai Todo-Poderoso. Fez isso para nos salvar, morrendo na cruz. Foque nisso, meu filho.

- Hitler, Mussolini, fascistas e nazistas em prol da dominação total. Segunda Guerra explodindo. Mentiras contadas como sendo verdades, e virando verdades incontestáveis. Novos Papas surgindo quando velhos Papas morrem. O próprio Vaticano encerra as verdadeiras escrituras. O mundo virado de cabeça para baixo. Dor. Falta de saúde n'uma população cada vez mais preocupada em quem morreu na novela tal do que na educação dos próprios filhos. A política, o câncer cada vez mais tomando conta. Enquanto nossos irmãos de carne e osso estão morrendo de fome e sede, muitos por aí regozijam-se de lucros estratosféricos obtidos na Bolsa de Valores, em suas empresas ou ainda em ganhos ilícitos. Na injustiça cometida por todos nós. No vórtice criado por si mesmo, e por isso poderoso. No mal que ronda nossos passos, guiados não por Cristo, mas pela própria maldade. Esquecemos que somos humanos. Tão-somente humanos, mas ainda assim humanos. Não duvido que estamos as vias d'uma terceira.

- O seu problema soa como o de Judas. O Iscariote.

- Não, Padre. É meu problema, mas é seu também.

- Rezemos juntos, então. Acompanho-o nestes vinte “Padre Nosso” e vinte e cinco “Ave-Maria”.

- Você ainda não entende. Alguém, ou alguma coisa me viu. Não pude identificá-lo. Eu matei, Padre. Mas onde está a linha que separa a realidade da ilusão? Aliás, linha tênue essa. Onde? Onde ela está, separando os sonhos dos despertos? – aumentei o tom de voz. Não havia ninguém na igreja naquele momento quando desapareci da frente do Padre, ouvindo-o falar baixinho chamando a mim de filho, além de seu respirar um pouco pesado – Foi em sonhos q'eu matei, Padre! – reapareci já dentro do confessionário, imobilizando-o – E o Senhor não soube me auxiliar, não soube me libertar desta angústia, deste peso, deste pecado. Foi o Senhor quem matei em sonhos! E agora chegou a sua hora, Padre. Deve pagar!

Meu grito final poderia ter espantado todos os pássaros que de repente estivessem no telhado da igreja, mas não chegou a nenhum ouvido humano que estivesse a, no mínimo, cento e cinquenta metros de distância. Meu grito ainda carregou consigo minha mão, que por sua vez carregava uma faca. Não devemos corrigir um erro com outro, não devemos julgar os sonhos nem tampouco a realidade, pois a realidade é apenas ilusão, talvez ainda pertença aos sonhos mais loucos. O que eu esperava, afinal? Adivinhações? Bola de cristal e truques de mágica? Que o Padre pedisse desculpas?

Apavorado com o que acabara de fazer (a faca no peito, bem em cima do coração), mãos maculadas – de sangue, de vergonha e de sinais – e com o meu coração pulando boca a fora (o que era aquilo? Meu sonho repetindo-se, ou a realidade?), deixei-o caído naquele banquinho do confessionário e corri igreja afora. Fosse sonho ou realidade, aquilo era mais uma carga pesada demais para carregar. A minha cruz. Meu pecado materializado. E se eu tivesse deixado os pecados encerrados nos sonhos, apenas nos sonhos, o que me aconteceria no futuro? Ficaria eu mais tranquilo ao acordar? Abrir os olhos teria significado diferente? Continuar a usar a venda? Tudo que sei é que corri esbaforido daquela igreja e, não sei se consegui (é bem provável que não), tentei não demonstrar qualquer preocupação que pudesse entregar meu desespero inclusive aos policiais – para eles, eu corria por ter perdido o horário do ônibus para voltar pra casa. E em meio a tanto pavor, ainda me preocupava para que o pessoal não notasse minha presença dentro do ônibus; não sei como evitei que as pessoas olhassem para mim e o sangue em minhas mãos. Eu suava, mas será que meu suor era apenas isso? Suor? Não. Eu creio que não. Era sangue, cujos vestígios estavam em minhas mãos. Na verdade, em meus olhos.

Depois daquele dia, após meu retorno e o banho demorado, não liguei a televisão nem por um segundo, muito menos sintonizei qualquer estação de rádio a fim de não escutar as chamadas. Descia pelo ralo do box não simplesmente sujeira do corpo, mas a sujeira da alma. Quem olhar minha casa verá uma bagunça: tirei os aparelhos de televisão e rádio e os coloquei nos fundos, empilhados, dois dias depois. Devo ter dois ou três espelhos de no máximo dez centímetros cada, para não ver quão monstro me tornei. E, se é que é possível tal análise, friamente recordando, posso lembrar com extrema exatidão que vi, sim, alguém (ou alguma coisa) me observando sair daquela igreja correndo, sabendo perfeitamente o que eu havia feito. Não era um espectador qualquer, um transeunte, não; era o mesmo alguém ou coisa que eu via em sonhos! Teria ele materializado-se também, junto de minhas perversidades? Um anjo? Demônio? Rindo-se? Sagrado? Chorando? Foi tão rápido que só pude vê-lo de esguelha e só agora lembrar. Olhos azuis? Não posso identificá-lo com uma lembrança muito vaga. Mas o que eu fiz? Fins não justificam os meios. Nem intenções. Então retorno à precariedade humana e não saio mais de casa. Ninguém dará falta por mim (acho).

Deixem meus pecados comigo!

FIM

Data : 01/04/2010

Título : A Limítrofe Arte de Escrever

Categoria: Contos

Descrição: Ao estilo de Jorge Luís Borges.

A Limítrofe Arte de Escrever

Autor: Leon Nunes

01 / 04 / 2010 – 21:05

Ao estilo de Jorge Luís Borges.

Escrever. Escrever à noite. Escrever, à noite, é expiar os pecados, de dia. Escrever, à noite, é expiar os pecados, de dia, cometidos sem (com?) lucidez. Escrever, à noite, é expiar os pecados, de dia, cometidos sem (com?) lucidez, ainda que de dia escrevamos. Escrever, à noite, é expiar os pecados, de dia, cometidos sem (com?) lucidez, ainda que de dia escrevamos obras-primas. Escrever, à noite, é expiar os pecados, de dia, cometidos sem (com?) lucidez, ainda que de dia escrevamos obras-primas que serão lembradas eternamente. Não seria, portanto, escrever, à noite, pecar expiando nossos pecados (de dia)?

Data : 01/01/2007

Título : A OFERENDA

Categoria: Contos

Descrição: Trata-se d'um conto 'delirantista'.

## A OFERENDA

AUTOR: Leonardo Nunes Nunes

Nota do Autor: Trata-se d'um conto 'delirantista'. O "Delirantismo" foi 'criado' pelos escritores Rogério Silvério de Farias, Paulo Soriano e pelo já falecido e saudoso amigo Henry Evaristo. É mais ou menos uma homenagem liberta a este gênero dentro da "Lit.Fan." desenvolvido por brasileiros.

Foi escrito na segunda-feira, trinta de abril (2007?).

Eu estava cansado, cansado o suficiente para profundamente dormir. Despertei tempo depois, abri meus olhos e vi pessoas ao meu redor, vestidas estranhamente, falando umas com as outras de onde eu surgira. Um deles, o líder, ajudou-me a levantar quando com suficientes forças demonstrei ter, e levaram-me até sua casa, que logo percebi cheia de adornos, decoração ultrapassada e cheia de detalhes que inicialmente nada queriam dizer.

Por um longo tempo, deitado fiquei, contemplando aquela estranheza ao meu redor, com olhos perscrutadores e assustados. Não entendi como ali fui parar, nem como poderia sair - em nenhum momento pensei ser um sonho, pois, sabia, não era.

Então vi ajeitar uma escuridão que invadia aquele quarto, e ouvi um alarido do lado de fora. Ele apareceu no meu quarto, e, eufórico, bradou um estranho nome apontando em minha direção. Suas roupas lembravam povos mais antigos; seu cajado de madeira vermelha encostado ao chão; seus medalhões, na cintura, no peito, e pescoço, cintilavam tamanha potência que inspirava.

"Venha comigo!"

Foi o que entendi falar. Levantou-me, sempre com certa força, mas calmamente, pelo braço, conduzindo-me até a janela da sala ao lado, penetrando a sacada por entre a sepulcral treva asoliticana, para ver a turba reunida, num êxtase-louvor, como se, ali, fosse eu um deus.

“Contemplem-no!”

E todos gritavam aquele mesmo estranho nome antes dito pelo sujeito ao meu lado, até cessarem, todos curvados ao chão, numa postura de reverência. O homem ao lado esticou seu cajado em minha direção, depois para o fiel povo, e pude sentir flutuar por sobre suas cabeças. Flutuei, com aquela sensação de liberdade, até uma desconhecida praia de pequenas ondas; e, com os pés dentro d'água, vi todos com suas negras faces conduzirem-me para dentro d'água, como uma oferenda. E, então, antes que, de medo e aflição, pudesse acordar à vida, com aquele grito instalado na garganta, vi aquela imagem dantesca, talvez apenas Doré pudesse representar com grande fidelidade; surgindo daquele mar d'águas escuras bem como correm no inferno, em minha direção, vindo pegar-me. Não há palavras para explicar aquela figura grotesca que insiste, há vinte anos, em atormentar minhas noites mal dormidas; à água do mar nunca mais retornei.

Leonardo Nunes Nunes

FIM

Data : 22/07/2010

Título : A Resposta de Henry

Categoria: Contos

Descrição: Venho, há muito, tentando encontrar a resposta. (revisado noite 20/10/2012)

A Resposta de Henry

Autor: Leonardo Nunes Nunes - Leon Nunes

22 / 07 / 2010 – 12: 35 – 20:19

Para o nobre e saudoso amigo Henry Evaristo.

Venho, há muito, tentando encontrar a resposta. A resposta para a vida. A resposta para a morte. A resposta para a distância [1]. Mas tenho medo de encontrá-la, também. Covarde, uns diriam. A essência, homiziada no âmago do peito, que translada paulatinamente minha aparência, minhas feições. Como entender o que se passa comigo, tudo à minha roda? Às vezes penso estar imiscuído num mundo louco, para o qual somente a loucura pode salvar. Mas não estaria eu falando com coerência, afirmando minha sanidade, pois não estou são num mundo como este. E basta olhar as pessoas para sentir aflição. Aflição capaz de congelar minha espinha. Todos cegos diante a uma verdade incontestante: é tudo um erro. Um grande erro.

Já bebi para esquecer minha vida. Já claudiquei por vielas estranhas, ruas escuras de minha cidade, sempre na tentativa vã de poder encontrar (encontrar-me) um rumo para tomar, um objetivo para alcançar. Pura desilusão. Puro sofrimento. Pura amargura. Meu peito já não agüenta tanto escalavrado. E já há muito é hora de encontrar um sentido pra minha vivência. Sou apenas sombra do que nunca fui, entretanto. E se algum dia tive sorte, foi quando pude, enfim, expressar meus sentimentos em palavras escritas. E se, com isso, minha sorte concedeu-me o privilégio de conhecer pessoas, fui agraciado por um torvelinho de esperança, hoje ignaro. E se o privilégio de conhecer pessoas foi apenas um torvelinho de esperança no todo, à época e a seu talante foi um rebôjo. Um rebôjo voraz, sorvedouro, célere, finito.

Este rebôjo, apenas um torvelinho dentro de todo o contexto de minha vivência, serviu para estremar uma ínfima parte de mim. O zênite dum ínfimo instante comparado ao nadir de minha existência. Foi conhecer iguais a mim. Pessoas capazes de criar uma nova explicação para tudo à nossa roda, talvez incapazes de serem entendidas a seu tempo, ou no mínimo desconhecidas. Mas o que fez distanciar-me (virtualmente) delas? Quem foi o responsável pela minha ausência? O que eu fiz?

Talvez nunca serei compreendido. Talvez nunca serei compreendido em tempo algum. Talvez nunca serei compreendido em tempo algum, nem por qualquer pessoa. Talvez nunca serei compreendido em tempo algum, nem por qualquer pessoa, nem por qualquer vivente. Talvez nunca serei compreendido em tempo algum, nem por qualquer pessoa. Talvez nunca serei compreendido em tempo algum. Talvez nunca serei compreendido. Talvez nunca. Talvez. Talvez nunca serei o que sempre quis. E o que me foi destinado, talvez nunca chegue a mim. Nunca. Pois são as hercúleas dúvidas as que me assolam. As que me enfraquecem. Derrotam-me. Derrotam-me e me esmagam. Derrotam-me e me esmagam implacavelmente. Derrotam-me e me esmagam, implacavelmente, fazendo-me delas seu escravo, e elas, meu algoz. Sem importância. Sem lógica. Sem remorso.

Não, meu amigo. A passagem é muita estreita. Os perigos, muitos. Motejos, diversos. Não, meu amigo. Não há subterfúgio, muito menos artil. No fim você está certo. No fim, olhar “à beira do abismo [2]” é olhar para nós mesmos. Cair “subjugado pelo poder [3]” daquilo que se desconhece, é conhecer nossos mais íntimos desejos. Então, que devo eu fazer?

Está certo. Ainda não chegou a minha hora. Sabe quando chegará? Não. Não lhe é permitido saber. Eu entendo; minto, não entendo. Não faz sentido, não aqui, não para mim. E do teu lado, faz? A sua demora em responder me faz acreditar que também não. Não, eu já sabia. Mas, e o sinal que eu tenho, a vida que eu levo? Não existe? Tem certeza? Você tem, eu sei. Mas por que tudo isso? Você tem razão, tem toda razão. Eu não compreenderia. Sim, estou olhando. Não, nada vejo além disso. Minha visão? Eu sei que é limitada. Mas... Não há um ‘mas’, correto? Sim, eu escuto. Não sei dizer. Da mesma maneira você aí. Não sabe explicar direito. Faz pouco que chegou. Mas eu não sou capaz sequer de sorrir, um movimento involuntário! Nem você, quando vivo; entendo. Está bem. Tentarei. Certo. Tentarei chegar ao final, sem antecipá-lo. Aquele foi o seu final, não é? O seu final natural, correto? Farei. Farei o que (você) me pede. Farei. Eu prometo! Viver até o final. Descobrirei, assim como você descobriu? Está bem. Falarei, também. Avisarei a todos que você está melhor. Que os teus machucados não mais doem. Sinto. Sinto a sua presença. Mas de onde vem, mesmo? Não é correto falar. Precisa ir? Já? Mas nem falamos tudo... está bem. ‘Eles’ o esperam? Eu estava certo? Diga. Serei? Serei recebido de braços abertos? Certo, recolherei. Nenhuma lágrima vai cair por tão pouco. Certo: tenho muito a dizer. Tenho muito a dizer... Volte. A honra é minha, pode ter certeza. Fale, eu escuto.

Na minha última noite sobre esta terra, parecia gritar enfurecido com o tempo, com o espaço e com Deus. Frases emanavam no ar sensações macabras; sentenças de medo sobrenatural. Parecia me envolver como o abraço da morte que vai penetrando a pele e, esmigalhando ossos e órgãos, avança como um verme dos lamaçais pútridos do Tártaro. E, no entanto, sinto-me capaz de racionalizar sobre: solidão tão terrível agora sou apenas espírito. Quero que você conheça um pouco dos mistérios que estão além da compreensão e da aceitação humanas. Na minha última noite sobre esta terra, tudo brilhava com uma luz espectral, o fardo deste maldito conhecimento me fustiga as costas como nunca. Foi apenas o tempo correto. Por que fui tão desrespeitoso e cético ante o fato de que se aproximava a hora do amaldiçoado sétimo? Ai de mim! Tinha que prosseguir c’ jornada pelos domínios estranhos d’ mente, minha vida. Mas, só isso basta para que nos tornemos parte d’ segredo desta vida? No horizonte longínquo, olhei apavorado para a lua vermelha aspergindo seu veneno morfético por entre nuvens escuras como se disparasse uma miríade de raios em direção à decrépita terra que me abrigava, ao mesmo tempo, sorrindo e chorando. No mesmo instante tive plena certeza de que era hipnotizado. Não

temes, meu irmão, a algazarra dos seres vivos neste mundo louco. Insano nestas terras escuras, um último sorriso sarcástico para sua miserável existência. Agora sois quem guarda o segredo d' este universo de dores e escravidões dalém mar. É tua a obrigação guardá-lo bem. Eu estarei em ti e tu estarás em mim, será uma imensa honra! [4]

FIM

---

Data : 03/03/2014

Título : A Riqueza é vida. A morte, sabedoria.

Categoria: Poesia

Descrição: A Riqueza é vida. A morte, sabedoria. Numa obra do céu – sou o construtor. Na hierarquia estou no topo.

A Riqueza é vida. A morte, sabedoria.

Leon Nunes

03 mar 2014 11h aprox., ócio produtivo

A Riqueza é vida. A morte, sabedoria.

Numa obra do céu – sou o construtor. Na hierarquia estou no topo.

Ei, é você? Como no vento que sopra, uiva. Personificação da beleza interna incompreendida. Do caos que somos formados. Profunda reminiscência de ecos duma época perdida e esquecida.

Medo. Por que do medo? Se o que se tinha não tem mais. Quiçá não ter mais o que nunca teve. É apenas um passo. Em falso. Sobre lâminas afiadas do passado assombrado, ensombrado. Do que foi permanentemente esquecido pelo pensar-tempo.

Mais saboroso do que ter é sentir. A posse não passa de um conquistar por força. E só se conquista por ser mais forte. Fraco, o outro lado, devido perda do controle emocional. Emoção de ter o que sempre se procura. Personificado em um ícone vivo.

Tudo está na cabeça. O cérebro-razão-emoção de persistir.

E ver. Contemplar.

Porque da loucura se sobrevive. Da dissimulação também.

O ícone. O escritor. O mundo dentro de si.

O caos do construir.

Nota: fragmento que entra em meu novo romance ('inda sem nome).

Data : 27/10/2012

Título : As Veias Furadas

Categoria: Contos

Descrição: Eu naturalmente sobrevivi, pois do contrário não estaria aqui. Contando. Mentiria acaso falasse que saí incólume daquela situação... Ficção comum.

As Veias Furadas

Por Leon Nunes

Escrito à data de 18 de setembro de 2012, terça-feira, entre os horários 17h 34min & 22h 32min – debaixo de um temporal.

Ficção comum.

Eu naturalmente sobrevivi, pois do contrário não estaria aqui. Contando. Mentiria acaso falasse que saí incólume daquela situação; mentiria da mesma forma se dissesse nada ter aprendido. Foram lições terríveis que carrego até hoje. Velho. Final da vida. A guerra é algo que marca profundamente. As batalhas diárias são como as feridas que ganhamos com o tempo, e as vitórias, bem, as vitórias nem sempre é chegar no fim do dia feliz.

Por motivos adversos, este conto (ou a maior parte dele) foi retirado do Projeto e publicado na Amazon.com como teste de primeiro material disponibilizado em formato Kindle.

<https://www.amazon.com.br/dp/B00HRXLH3W>

Att,

O Autor

Todos os direitos reservados ao Escritor - Leon Nunes.

Data : 08/06/2009

Título : Banshee

Categoria: Contos

Descrição: Nota: Este conto foi escrito a partir de uma “competição”...

Banshee [1]

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Nota: Este conto foi escrito a partir de uma “competição”, de um pseudoconcurso entre eu e dois amigos, do qual cada um deveria escrever um conto baseado em três temas. Este conto foi escrito baseado no termo japonês Yaoi. É um conto estranho, que não faz parte da minha filosofia, mas pelo fato de eu ter adotado este “eu lírico” em questão dentro dos sonhos, e por ter conseguido me expressar bem, fico muito satisfeito por tê-lo escrito. Uma experiência única.

História escrita no dia 08 de junho de 2009.

## Parte I

P. A. Farina sentia que precisava desabafar. Embora tenha tentado com a esposa, fracassou. Pensou no amigo de infância, Gustavo, e por telefone marcou com ele uma conversa ainda em sua casa de tarde, período do qual Patrícia iria dar aulas. Gustavo B. chegou até mais cedo do que o horário combinado; viu o amigo vestido n'um roupão, cabelos molhados do banho tomado.

- Acho que não entendi direito – disse, depois da longa conversa.
- É estranho, né? Mas aconteceu – confirmou Farina.
- E a tua esposa, você contou pra ela?
- Não. Não tive coragem.
- Sente vergonha?
- Não sei colocar em palavras, diante dela. Até já tentei. Aí então ela sabe que eu tive pesadelos, e tenta explicar o inexplicável.
- E como é o uivo que você escuta assim que desperta do sonho? – perguntou muito interessado Gustavo.
- Agudo. Começou com sete, agora são dois longos uivos. E, pelo visto, somente eu escuto.
- E você pensou que falando para mim tudo estaria resolvido.
- Não. Eu só achei que você entenderia.
- Mas foi você mesmo que disse que é inexplicável. Como entender o inexplicável, homem?
- Não sei. Eu só sei que venho tendo esses pesadelos. É involuntário, acho – mas Farina não tinha tanta certeza disso – Eu não entendo. Sonhamos todas as noites, mas quando o sonho tem essa conotação nos preocupamos. Parece que deixa de ser sonho e passa a se tornar realidade.
- E você tem medo que o sonho venha a se tornar realidade – atravessou o amigo – Não é isso?
- Talvez. É possível?
- Esqueça Malleus Maleficarum. Parece-me que você está tendo sonhos repetitivos, talvez uma continuação deles, mas isso não deve afetar a tua vida normal.
- Não sei. Para qualquer lugar que vou, vejo aquela criatura. Fecho os olhos, é com ela que estou.
- Tá. Quer uma dica? Psiquiatra.

- Eu tenho medo. Medo do desconhecido, que parece estar tão próximo que me deixa acuado.
- E quem não tem? Talvez a solução esteja dentro desse mesmo pesadelo. Conta de novo, e devagar.

## Parte II

Foi há pouco menos de uma semana. Eu não sabia do que se tratava; talvez ainda não saiba. No sonho eu sentia que havia algo muito ruim, só que eu nada via. Acho que cheguei a escutar desde então, mas pensei que era minha respiração pesada. Analisando bem, você tem razão: é como uma continuação. Sonhei que estava no meu quarto, na cama deitado ao lado de minha esposa. Que mal tem nisso? Merda. Um sonho como os outros, não fosse o fato de eu estar assustado. Quando acordei, e vi minha esposa dormindo – tão bela – me dei conta que eu estava bem. Ledo engano. Acontece que ouvi os sete uivos; ouvi em minha cabeça.

Hoje acordo praticamente exausto, quase sem forças pra nada. Você acha que minha palidez vem de onde? Demoro uma hora, às vezes até mais, para me recuperar, mas ainda assim não por completo. E está cada dia piorando. Esses sonhos repetem-se agora com mais intensidade.

Só para você ter uma ideia, na terceira noite, a vi soerguer-se debaixo das cobertas da cama a qual eu estava deitado. E ela tinha olhos brancos como cera, mas não posso garantir que cor realmente eram os olhos, pois eu simplesmente congelei. Acordei todo suado. Da cabeça aos pés. Cansado, também. Meus olhos latejavam. Há duas noites eu sonhei novamente, eu vi claramente a criatura. Você já ouviu falar naquela criatura com asas parecidas com as de morcegos, mas ainda assim muito de humanas? Pois bem, vi definitivamente erguer-se de debaixo das cobertas da cama a qual eu estava deitado. E essa criatura estava ao meu lado, no lado onde minha esposa deveria estar! Acordei até pior do que na terceira noite. Até achei que tinha gritado de verdade, mas tive sorte de não ter soltado mais do que suspiros, do contrário a acordaria. Sim, eu gritei e muito. Gritei de pavor, nos sonhos. Desde o primeiro sonho que aquela maldita cria estava lá, e eu pensando que era minha esposa, Patrícia! Sabe, eu sinto como se estivesse traíndo-a.

Nessa última noite cheguei a acordar minha esposa, de fato. E o pior: eu não gritava somente, eu uivava! Como um lobo, foi o que Patrícia me disse.

Os sonhos estão cada vez mais reais. E eu não estou gostando disso. Não preciso forçar a memória para lembrar esse meu último sonho, esse que me levou a gritar. Acontece que no sonho eu sou... usado. Você entende o que eu falo? Eu não sei explicar com palavras. Droga. O primeiro sonho foi só uma sensação de que algo ruim iria acontecer. Já o dessa noite, eu senti, literalmente. É pior do que cortes profundos na pele. Mas ainda assim é profundo. E a criatura é bem como eu disse: parecida comigo, muito humana! Está vendo meus braços, minhas pernas? Igual! E essa criatura sai da cama, sempre do lado em que minha esposa deveria estar. E abre as asas e caminha com onipotência. Sai...

satisfeita. Satisfeita! Imagine você um ser daqueles, muito parecido contigo, sair da tua cama? O que você sentiria?! Pavor, é claro. Aquilo não era normal. Aquilo não é normal. Entende o que eu falo? Parecido comigo. Não as minhas feições, mas o que eu sou.

Bah. Quando acordei desse pesadelo mais parecia estar morto do que vivo. Patrícia disse ainda que correu ao banheiro, encharcou uma toalha e me banhou ali mesmo na cama. Eu ainda permanecia com os olhos abertos, o que dava um aspecto mais sombrio em meu corpo, nu. Em outras circunstâncias, isso seria um estímulo a mais para nossa relação. Mas não naquela. Não da maneira de como eu estava. E digo que vi tudo, mas não vi nada; quero dizer, eu vi o que estava no campo de minha visão, mas nenhum objeto ficou registrado em minha memória. Não. Minto. Ainda podia vê-la. Acho até que introduziu-se no campo de visão que me era permitido ver para mostrar-se, simplesmente. E seu corpo era... igual ao meu. Com as asas, é claro.

Quando, por fim, voltamos a dormir, Patrícia já em sono alto, e eu acordado, porém muito exausto, escutei novamente aquele uivo agudo. Como eu disse, começou com sete, mas dessa vez foi somente dois longos uivos. Eu estranhei, admito. Foi decrescendo o número de vezes que esse som se repetia, noite após noite, ao longo dessa semana. Alguma coisa isso tem que significar.

Enfim, tudo isso soa aos meus ouvidos como um aviso, Gustavo. Eu tenho medo. Não estou sabendo interpretar, mas acho que vou morrer. É como o badalar dos sinos que avisa a hora da missa. Três batidas, duas batidas, uma batida. Eu só espero estar errado. Patrícia vai ficar chateada comigo. Na verdade, vai me odiar. Ela nem imagina, mas em meus sonhos aparece um ser com asas de morcego, mas com um corpo humano de forma... eu não consigo dizer. Não consigo cogitar a hipótese de ter, todas as noites durante essa última semana, uma espécie de relacionamento com um demônio. É um demônio, sim! Pois eu pesquisei. Tive que tirar essa história a limpo, do contrário eu não ficaria tranquilo. Os pesadelos. Esse estranho sentimento de morte, ou de que algo muito ruim vai acontecer. A energia que me fora drenada, e que continua sendo. Isso que eu sinto dentro de mim. O que sinto e o que vejo em sonhos tem um nome. E esse demônio é um INCUBUS [2]!

### Parte III

#### UMA PEQUENA NOTA: GUSTAVO B.

Naturalmente o que se passou com meu amigo P. A. Farina foi devido a sua imaginação exacerbada. Ele gostava de praticar leituras noturnas de histórias da literatura fantástica, e isso contribuiu para que viesse a sonhar os pesadelos. Mas o fato é que ele faleceu há três dias. Sua esposa, Patrícia M., conversou comigo durante o velório de meu amigo. Pediu para saber sobre qual assunto conversamos naquela tarde da qual ela precisou sair para dar aulas. Falei sobre os pesadelos, sobretudo da sensação de iminente morte que ele

tinha, e também dos gritos, os dos sonhos principalmente; todavia negligenciei a parte da narrativa em que falava do Incubus que sonhava.

Não creio verdadeiramente ter tido uma relação com aquele demônio. Mas também não digo que estava errado. De qualquer forma, ele sonhou com isso, e às vezes o sonho parece ser real. Sentimos, inclusive. Mas algumas coisas realmente batem.

Eu pesquisei e descobri que aqueles longos uivos eram na verdade avisos sobre quantos dias ainda viveria. E assemelha-se com os dias que lhe restavam até a morte. Era uma Banshee; dizem até que sua face é sempre muito pálida como a morte, morte essa que carregou Farina daqui. No fim, ele estava certo em sua preliminar interpretação: qualquer coisa que tenha acontecido em seus sonhos foi o motivo que o levou à morte.

FIM

---

Data : 24/04/2010

Título : CÁLICE

Categoria: Contos

Descrição: Tudo saíra como planejado...

CÁLICE

(Conto Liliputiano)

Nota: Meu primeiro conto liliputiano, escrito durante a oficina de escrita criativa, na data de 24 de abril de 2010. Revisto para publicação no sítio do Projeto Passo Fundo em 19 de junho de 2010.

Tudo saíra como planejado. Baseado nas suas últimas experiências executaria até de olhos fechados. Os passos eram de erguer o braço e encher o velho cálice o máximo possível. Sorveu n'um só gole. Sentiu-se extasiado.

Data : 01/01/2008

Título : Capítulo 12 - Sombrio Desígnio.

Categoria: Contos

Descrição: 12º capítulo do meu primeiro romance, escrito entre os anos de 2006 e 2008, revisado em 2010.

Nota do Autor: Este capítulo abaixo compõe meu primeiro romance (Lit. Fan.) (aproximadamente 280 p.) já finalizado. Chama-se: Sombrio Desígnio. Como não fui laureado no Prêmio SESC Literatura, tentarei encontrar outro meio para publicar este meu primeiro romance. Fiquem com a nova correção deste capítulo que fiz ao longo das últimas semana.

LN

Capítulo 12

Oito horas da manhã. O dia pouco importa. Com fortes dores de cabeça, Eloir Tissot despertou de um pesadelo que, desde quando perdera a esposa, atormenta-lhe o sono. Sentou-se na beira da cama e refletiu sobre o sonho.

Eram sempre os mesmos acontecimentos: acorda-se n'um dia maravilhoso, disposto para a viagem marcada há dois meses, e, ao seu lado, Hellen Perissinotto Tissot, sua esposa. É terrivelmente vívido em sua lembrança: a passos lentos e sonolento, caminha ao banheiro fazer sua higiene matinal. O banho demorado faz acordar seu corpo 'inda dormente. Havia tomado Pierre Careden na noite anterior, e, sempre quando bebia vinho, sentia-se deveras fatigado, embora a quantidade tomada não tenha passado de dois copos. Até permitia-se beber mais, mas seu organismo era relativamente fraco para o álcool. De certa forma, o banho devolvera-lhe a avidez. Na sua lembrança, olhava para o ralo do box por onde escorria a água, percebendo a vida voltando ao corpo acompanhada da dor há muito não sentida, na altura da cintura.

Comprometeu-se à esposa fazer, logo após a viagem, os exames prometidos desde, pelo menos, o início do ano e nunca feitos. Não se sentindo tonto, presumiu que estava em perfeitas condições para dirigir seu automóvel: de cor vermelha, o havia comprado em homenagem ao aniversário de casamento que estavam comemorando, recém-tirado da concessionária.

Não interpretou os sinais. Viu o vidro do espelho do banheiro quebrado enquanto estava voltando para o quarto pegar uma toalha; havia esquecido ao entrar no banho. ...

\*\*\* Excerto apenas.

Data : 01/01/2011

Título : Capítulo 46 - Sombrio Desígnio.

Categoria: Contos

Descrição: Suponho existir pessoas capazes de afirmar que certas coisas definitivamente não acontecem, não existem.

Nota: Aproveito para disponibilizar mais um capítulo deste meu primeiro romance. Também revisado.

LNN

## Capítulo 46

Suponho existir pessoas capazes de afirmar que certas coisas definitivamente não acontecem, não existem. Dirão elas tratar-se de pura fabulação, ou paranóia. Ou meras imagens na lente. Talvez estejam certas, talvez erradas. Em minha modesta opinião, prestidigitadoras elas são. Sobretudo aqueles que se dizem donos da verdade, do saber e da informação; governantes e donos de cadeiras em órgãos que unem as nações. Talvez essa certeza aplica-se tão-somente em cidades grandes. Quem sabe. Mas não acredito que as pessoas que moram em cidades menores estejam livres de quaisquer ameaças de todas as ordens, daquelas advindas do espaço e também ominosas forças preternaturais. Ah! Não! Estamos todos entrelaçados a eventos que ou já aconteceram ou estão para estourar em breve: algo voltado para uma nova ordem de pensamentos e ideias. De toda forma, considero importante o que tenho para contar. Aconteceu com Meggie Monteiro, em tarde ensolarada. Aconteceu não muito tempo depois do falecimento do marido. O episódio em questão é estranho e revelador: tento provar tratar-se de tudo menos mentira e ilusão.

\*\*\* Apenas um excerto.

Data : 31/05/2018

Título : Corretores da Morte

Categoria: Contos

Descrição: A história de alguns corretores de imóveis e a tragédia que os acometeu.

Corretores da Morte

Família

I

Queda.

Ferros retorcidos.

Sangue.

Cem metros.

Alguém...?

Poeira.

Talvez ninguém.

Na memória, tanto de quem estava dentro, quanto dos de fora, tragédia.

Na memória, dos do lado de fora, a certeza, dúvida, de que ninguém sobrevivera.

Muitos lamentavam.

A informação já apitava alarme vermelho nos ouvidos dos donos da construtora. Prejuízo financeiro. Da vida dos outros, pouca importância. Deus no céu, bolsos cheios de dinheiro na Terra.

Muitos choravam.

Vizinhos se achegavam para ver a desgraça; burburinho formando-se na rua, assim como nas janelas dos prédios adjacentes.

Poeira começava a dar sinal de que baixaria, mas não tão cedo.

E tosses.

E choros.

E orações desesperadas.

E lamentos.

E olhos apavorados.

II

- Precisa pôr o capacete, e só temos três agora, querem subir em grupos?

- Não, vamos esperar os colegas descerem.
- Quanto tá o CUB?
- Não sei, alguém tem internet no celular? Google nele.
- Eu tenho, já encontro.
- É importante, temos de estar sempre informados.
- Quanto custa?
- Sim, as construtoras dependem disso, e é uma forma de balizar os custos.
- Padrão baixo, R\$1.573. Padrão normal, R\$1.896. Padrão alto, R\$2.282.
- Então, esta construtora faz muito de padrão alto.
- É a mais conceituada.
- São três as grandes, né?
- Sim. Aí nossos colegas.
- Já querem subir?

### III

Sirenes a todo vapor se aproximando, e algumas buzinas talvez como alerta para dar passagem.

Confusão dentro da construção e fora, na rua.

Policiais, bombeiros, resgates públicos encostados ao meio fio.

Por precaução, embora risco de incêndio não parecesse iminente, alguns bombeiros entraram para cortar a energia, preparados a eventual princípio de fogo. Não obstante flutuando no ar poeirento carga emotiva muito forte, o fogo era o menor dos problemas.

Eram as vidas naquele elevador caído.

### IV

O quadro de informações dizia:

797 DIAS SEM ACIDENTE

- NOSSO RECORDE: 838 DIAS -

Cada qual dos corretores pusera o capacete, mais por formalidade que por precaução de fato, a se direcionarem ao elevador de carga.

- Imagina se essa droga cai.
- Vira essa boca pra lá, ô.

- É seguro, esse elevador é seguro.
- Se você diz...
- ... tá dito.

V

A tragédia já corria solta pela internet.

### QUEDA DE ELEVADOR DE CONSTRUÇÃO

Não se sabe ainda se alguém sobreviveu.

### ELEVADOR DE CONSTRUÇÃO CAI NO CENTRO DA CIDADE

Corretores de imóveis estavam dentro na hora da queda.

### A MARCA NEGRA QUE MANCHA A CIDADE

Dizem que o prédio não tinha segurança adequada.

Não se sabe ainda o número de vítimas, mas se estima que dez pessoas, dentre eles corretores de imóveis, estavam dentro do elevador de carga acidentado.

### TRAGÉDIA ASSUSTA MORADORES

Moradores da região dizem terem ouvido um estrondo muito alto na hora do acidente.

### COMO SE EVITA ACIDENTES?

Quando a empresa não leva a sério a segurança, termina-se sempre em tragédia, como no caso do elevador de carga caído.

(...)

### MORADORES DO CENTRO APAVORADOS

Tudo indica que não há sobreviventes da queda de elevador de carga de uma construção no centro da cidade.

Bombeiros e policiais civil, militar e armada cuidam da segurança.

Parentes de vítimas já começam a ser informados.

Não se sabe qual atitude a empresa vai tomar, mas esperamos que seja a mais digna possível.

## VI

- A subida é um pouco desconfortável, mas a descida será melhor.
- Imagino.
- A gente tem que subir o andar de cima, porque lá tá o apartamento decorado.
- Aqui é o poço dos elevadores?
- Sim, é.
- Estas são as tubulações de luz?
- Tem de luz, de telefone, internet, ar, split, é completo.
- Bem-vindos.

## VII

Apartamento decorado com extremo bom gosto e um coquetel à mesa.

Vista primorosa do horizonte, assim como dos morros em derredor. Um apartamento por andar; teto rebaixado em gesso, vidraça da janela da sala-de-estar oblonga; suítes, cozinha com detalhes chamativos e inteligentes.

- Viu o chicote na parede?
- Destaca a sala, né?
- Sabe o significado?
- Decorativo?
- Também. Mas o que ele representa.
- Sei lá.
- Muitos consideram o símbolo da justiça; na antiguidade, digo. Na verdade é um mau sinal.
- Ai. Vira essa boca pra lá!

## VIII

Alguns jornalistas de emissora local, até mesmo os de emissora maior, faziam suas perguntas investigativas, cujas respostas baseavam-se na única coisa certa a dizer: não sei, não sabemos, o lugar está isolado pela polícia.

Fofocas, soltas ao vento, impressionavam a muitos na cidade. Pessoas de outras cidades já sentenciavam possíveis verdades, e jornais de países próximos enchiam páginas de inverdades, capas chamativas para vender mais.

Na sede da construtora, funcionários se viam preocupados, até sem palavras frente ao ocorrido; ligações diversas, a maioria não atendidas.

Restava apenas rezar.

IX

A porta de ferro recém havia fechado quando o primeiro cabo rompeu.  
Apesar disso, o ascensorista deu movimento ao elevador, sem notar a falha.  
Cinco minutos, a queda.

X

As informações, escassas.  
Respostas, evasivas.  
Imprensa agitada.  
Famílias preocupadas.  
Restavam poucas dúvidas de quem estava no elevador.

XI

Na imobiliária, preocupação generalizada. Portas fechadas, corretores e consultoras em prantos, outros no maior silêncio, alguns em oração.  
No coração de cada um, a certeza de que a vida sempre estivera por um fio. E de que Deus faria o melhor para as famílias e para as almas partidas.

XII

Gritos.  
Desespero  
JESUS ME SALVA!  
Choros compulsivos.  
Medo.  
Dor.  
DEUS!  
Passageiros, apenas.  
Balanço.  
Um sobre o outro.  
Cabeças em choque.  
Ossos quebrados.

Sangue.  
Feros retorcendo-se.  
Salto no escuro.  
Cortes profundos.  
Partes de ossos.  
Tufos de cabelo.  
Eterno.  
A queda.  
Baque.  
Fim da descida.  
Do caminho.

### XIII

O IML já havia sido acionado, talvez estivesse na metade do caminho, e demoraria um pouco para chegar.

A polícia fazia a guarda, os agentes de trânsito a interromper a vida, bombeiros resgatando os corpos.

A fragilidade humana. Uma batida no lugar certo e a alma é libertada do casulo. Uma no lugar errado, o que falta é a mobilidade.

### XIV

Não se descobriu como o cabo rompera-se; nenhum indício de desgaste provocado pela maresia, ou ainda erro humano. A construtora entendeu que aquilo só poderia ter sido causado por concorrentes desleais, mas não descartava fatalidade. Talvez questão de tempo para se descortinar os porquês, ou nem o tempo viria explicar.

Fora dado férias coletivas aos funcionários da obra, assim como aos mais sensíveis à dor alheia.

Mais um capítulo da cidade. Mais um da construtora mais antiga da região.

### XV

Um a um, os corpos, envoltos em sacos pretos, se iam levados até o camburão do IML, escoltados por policiais incumbidos de não deixar curiosos e jornalistas chegarem perto o bastante para reportagens demasiado sensacionalistas e fofocas maledicentes.

XVI

Houvera um sobrevivente.

Houvera apenas uma chance de vida.

No jogo dos pauzinhos, quem tira o menor vence.

Perde.

A capacidade de viver.

Os sonhos.

A vida.

XVII

Os cemitérios da cidade nunca viram um cortejo fúnebre como aquele.

Viúvas. Mães. Pais. Filhos, filhas. Irmãos, irmãs.

Primeira e única vez, um riacho de lágrima sobre os túmulos.

Primeira e única vez, o fim que une e desagrada.

XVIII

No hospital, dos médicos a família do único sobrevivente recebera a temerosa notícia.

Tetraplégico.

Nunca mais um passo.

Nunca mais um sinal com as mãos, um cumprimento.

Nunca mais um sorriso.

Nunca mais, no máximo um piscar de olhos inquietos, de uma mente recheada de dúvidas-tristeza-angústia.

Até quando?

Dizem que temos um caminho a percorrer, um trajeto a seguir. Dizem até que escolhemos antes mesmo de nascer.

Não.

Nada se compara à dor da morte, viver.

FIM

26 fevereiro 18 segunda-feira

28 fevereiro 18 quarta-feira 08h 26min

Leon Nunes

Data : 01/01/2008

Título : D.S.

Categoria: Contos

Descrição: Conto inserido em livro a concorrer concurso literário.

D.S.

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Escrito: 14 / 02 / 2008 (Madrugada) - 29 / 02 / 2008 (Madrugada)

A correção foi feita com o auxílio do amigo, escritor e professor Afonso Luiz Pereira a data de 24/ 05/ 2009.

OBS.: conto inserido em livro a participar de concurso literário.

Data : 01/01/2011

Título : Depressão, plaga terrestre desconhecida

Categoria: Contos

Descrição: Conto de Ficção Científica.

Depressão, plaga terrestre desconhecida

Autor: Leon Nunes

Início: 08/ 06/ 2011

Fim: 10/ 06/ 2011 11h25min

Em memória de L. Sprague de Camp.

I

Nem bem terminei de ler meu livro e o Agente Maurício veio bater à minha porta. Levantei do sofá sem apagar a luz do abajur e, ainda com a agradável e gostosa sensação que deixara-me o livro, fui atendê-lo, extasiado. Depois d'um aperto de mãos, convidei-o a entrar. Era a terceira vez que vinha bater à minha porta n'um mês: fui o único sobrevivente d'um assalto ocorrido há um mês e meio e, aproveitando-me, com direito, da Lei de Proteção a Vítimas, salvo Amaral Amarante (também agente da Federação) que me trazia comida, era o único que

conhecia tanto o caminho que conduzia à casa quanto a própria que me era concedida ao longo das demoradas – e cheias de burocracias e papeladas – investigações.

- Lendo um livro – constatou Maurício meio mau-humorado.

- O teu mau-humor é um empecilho para que se leve uma vida normal – respondi meio brincalhão.

- Olha quem falando! – disse, olhando pelas persianas semifechadas – Nem parece que foi testemunha de um assalto, todo brincalhão – o seu jeito de falar, embora ríspido, denotava também uma pilhéria, só que não era possível decifrar se estava sendo jocoso ou não: sequer deu um meio-sorriso como troco – O que está lendo?

- Ficção científica – respondi arqueando as sobancelhas.

- Deixa ver – e pegou o livro pousado na mesinha do abajur – Pelo menos é uma forma de passar o tempo – e recolocou-o de volta quase jogando – Não recebeu ninguém, recebeu? Afora o Agente Amarante.

- Não.

- Ótimo. Senta – e puxou do bolso esquerdo da calça preta que vestia junto da camisa branca e terno também preto o flexível bloco de notas, desdobrando-o no ar com um simples movimento dos dedos holograficamente – Você reconhece esta construção? – a holografia mostrava um conjunto de prédios antigos, e ele apontava com o indicador uma em específica, logo aproximando-a com outro simples movimentar de dedos – Preste atenção. Interceptamos intercomunicação holográfica dos que consideramos os assaltantes e fizemos, através dos números binários, o retrato-holográfico de quem seria eles exatamente. Reconhece alguém?

- Sim. Por certo.

- Então significa que estamos na pista certa. Aliás, minha pergunta não foi em vão. Nesta intercomunicação descobrimos três coisas mui importantes: eles estão munidos da melhor carga de eletrodos de estojo para pistola elétrica, bem como com munição pesada para armas de longo alcance para confrontos não-nucleares; eles sabem o teu nome, onde antes você morava e querem a tua cabeça; eles, logo, estarão em teu encaicho.

- Não poderia ser menos direto? Não? Mas o que me resta para minha vida tornar-se um verdadeiro inferno de Dante?

- O quê?

- Nada. Mas, afinal, o que eles querem? É sabido que os Jetha-Borianos são pacíficos, ao menos temos isso como lei em Jetha-Boria.

- Também não sabemos o que levou os Jetha-Borianos, ou aquele grupo de Jetha-Borianos em específico, a cometerem o assalto. É mais estranho ainda o fato de terem usado armas, uma vez que aquele povo não sabe atirar. Mas de qualquer forma vamos descobrir o que está por trás deste ataque.

- A Federação não entrou em contato com a embaixada de Jetha-Boria em São Paulo? – perguntei, mesmo sabendo a resposta.

- Sim, entrou. Mas saiba você que a Embaixada é mera formalização. Entrar em contato com as autoridades daquele planeta leva cinco anos-luz, para ir. Outros cinco para voltar, isso nos deixa meio atados à burocracia interestelar. A esta hora deve estar à metade do caminho de ida. Por enquanto vamos tomando nossas providências, como a que estamos fazendo...

- Silêncio! – interrompi-o com sua explicação.

Do lado de fora, pequenos ruídos semelhantes ao sibilar de cobras foi possível ouvir, e, depois de cinco minutos, uma estranha cantoria em tom sussurrante.

Maurício abriu alguns centímetros da persiana da janela e, estupefacto, com a destra sobre a boca, recuou os passos até desviar o seu olhar da janela em direção ao meu, em dúvidas, e proferir uma sentença deveras atordoante:

- Fomos traídos!

O exterior da casa estava repleto de Jetha-Borianos, a civilização mais pacífica de todo o Universo. Não era o que parecia, entretanto. Cada um

daqueles seres parecidos com humanos da Terra, salvo o trio de pequeninas antenas na cabeça, olhos d'um completo azul e mãos compostas por quatro dedos, seguravam potentes armas empregadas eventualmente em eventos bélicos entre universos vizinhos: pelas suas expressões faciais usá-la-iam sem a menor cerimônia.

Já dentro de casa, recebi generosos inimigos (sim: aqueles mesmos que vi e sobrevivi ao assalto) com face de poucos aliados. Aquilo não parecia uma revolução, nem tampouco uma evolução (bélica) dos Jetha-Borianos, mas sim... claro, tudo sofria severa influência daquele que recém-entrara: o ser em questão era um meio reptiliano, cuja raça outrora fizera mutação genética junto aos Radu-Barhuenses (seres constituídos de quatro pés e dois cérebros – portanto duas cabeças – conhecidos por serem doutos na capacidade de manipular através da hipnose), justamente o misto terrível d'uma raça serpente com duas cabeças (e, por incrível que pudesse um dia parecer, quatro [e não somente três, como poder-se-ia imaginar] pequeninos pés ao longo da longa cauda que se arrastava por onde quer que passasse, o que dava uma certa desenvoltura no andar, e/ou sustentação em determinados ambientes mais hostis à raça reptiliana). Eu bem que já tinha ouvido falar destes meio serpentes meio Radu-Barhuenses, cuja hipnose não há meios de ser evitada, por isso sempre rezei para não encontrar um – pelo visto, de nada adiantou minhas preces.

- Eu já deveria imaginar – falou amargamente o Agente Maurício Souza. Seu mau-humor, sem a pilhéria d'antes, parecia aumentar – O que você quer, meio Radu-Barhuense?

- Na verrrdadi, nata! – falou em um português muito arrastado, carregando em certas pronúncias, como os dígrafos que levam repetidas nas palavras certas letras; vez ou outra mais atabalhoado ainda certos nomes, como o meu por exemplo. – Nósss apenasss esstamosss, copo si dich, cooperranto.

- Desta vez o amigo meio reptiliano aqui tem razão – cortou o Jetha-Boriano, provavelmente o líder da quadrilha, uma trupe bem composta, por sinal – Em verdade, nós, Jetha-Borianos, não sabemos manejar qualquer arma, seja ela terrestre ou aquariana. A siriana nem se ficássemos a vida inteira tentando conseguiríamos – e como um Jetha-Boriano sabia falar mui bem o Português! – Ah! Que terrível falha a minha. Como pude esquecer de me apresentar? Deixe-me, então, corrigir esta imperdoável omissão: chamo-me Vernipix, filho do bem conhecido Vernipaz [1] daqui da Terra. Mas não é por isso que estou aqui, sem bem que os descendentes do velho Gordon [2] merecem ser punidos por mamãe ter-se apaixonado por ele. Bem, águas passadas. Meu motivo é outro.

- Primeiro quero saber o que o meio Radu-Barhuense leva com isso – chamar de meio Radu-Barhuense, n'outras circunstâncias, poderia ser uma ofensa, não fosse os benefícios da manipulação genética – Depois o seu motivo mesquinho – Agente Maurício, não obstante prisioneiro, falou em tom autoritário,

como se as posições estivessem invertidas. Eu apenas permaneci calado a escutar.

- Fui, copo si dich, contrrrratado. Porrr cinco milioesss di binarrrioss – respondeu alargando o sorriso falso de ‘Bem-vindo ao cativeiro’.

- Isso mesmo: bem-vindos ao cativeiro – disse Vernipix, praticamente adivinhando os pensamentos do meio reptiliano; se é que não adivinhou mesmo – Aliás, não é perfeito o léxico do nosso amigo meio reptiliano?

- Não – respondeu Maurício em seu completo mau-humor. Pela expressão que o reptiliano-Radu-Barhuense imprimiu na face serpentiana, pude adivinhar que se segurava para não pular sobre o agente cativo.

- Não se preocupe, meu amigo – retomou a palavra Vernipix – Embora o dialeto português seja mui lindo, não obstante as diversas alterações léxicas, nem todos os terráqueos dominam este linguajar, de modo que você, amigo meu, está mui a frente de muitos que vivem neste planeta. Voltando algumas casas, meu caro Maurício, sobre o motivo que me levou a praticar aquele assalto, em suas palavras mesquinho, posso dividir em duas categorias – falou passeando dentro do cômodo, pegando da mesinha o livro cuja leitura eu havia terminado – Uma excelente escolha literária, caro Leon de Nunes. Parabéns. Então, como eu estava falando, o assalto àquela loja não foi para usurpar dinheiro; não somos ladrões, nem tampouco bandidos de última categoria. Se matamos reféns foi para garantir uma boa fuga, nada mais. Leon, o único sobrevivente, sabe demais a nosso respeito. Se bem que não deva ter atinado o motivo da contenda.

- Então se não foi o dinheiro, o quê então? – perguntei, quebrando meu silêncio.

- Meu caro Leon, que pergunta mais ingênua. Na condição d’um construtor de pontes, e também de motores q’eu sei, deveria ter no mínimo desconfiado. Não entendeu? Para começar, entrei em contato com o Sr. Narh’yTha de modo a alugar, digamos, seu poderes extra-sensoriais de hipnose, sabendo que seriam úteis de modo a fazê-los peritos em contendas bélicas. Como a influência só respeita à proximidade, fui até Radu-Barhu pessoalmente falar com o nosso amigo reptiliano: o convenci por meio de muito dinheiro; metade do pagamento foi no início. Mas não o culpe, afinal ele só aceitou por seguir seus instintos reptilianos, nada mais.

“Uma vez dado o ponta-pé inicial, o retorno à Terra, acompanhado do amigo aqui, foi uma questão de tempo. Meus soldados Jetha-Borianos, aqui em baixo, pacientemente esperavam de modo a colocar nossos planos em prática. Sempre às ocultas. Quando naquela oportunidade em que o camarada Leon sobrevivera ao assalto, não reparou que, embora tenhamos efetuados tiros certos nas vítimas, saímos carregando um motor rotocilindro deixando-o vivo.

A peça principal já tínhamos em mãos, restava a tecnologia capaz de dar ignição ao motor. A tecnologia, todos sabemos, está nas mãos da Federação, e o sobrevivente Leon serviria, e serviu, de ligação principal com quem pudesse nos oferecê-la, e ela cooperou bastante com os planos, mediante a um simples pagamento ainda a ser efetuado. Quero dizer: ele!”

Agente Amaral Amarante entrara na sala, reunindo-se com Narh’yTha, Vernipix e alguns outros da pandilha armados até os dentes, quase literalmente. Mas não foi Amaral quem tomara a palavra para si, foi Vernipix quem continuou a falar.

- Sim. Então tecnologia, motor e planos uniram-se em prol de nosso objetivo: criar uma ilhota no mar, bem na divisa Brasil-Guiana Francesa, justamente n’um ponto, digamos, desocupado, ou melhor, negligenciado por ambos os países. Creio que ninguém da Federação tenha reparado nesta minúcia quando foi redefinido as linhas divisórias dos países neste globo, ou se foi acharam desimportante tal diferença minúscula. Não havendo um dono propriamente dito, portanto, e sabendo que a área tinha, pelo menos para início de conversa, alguns bons hectares d’água, afinal no jogo de proporções o técnico pôde ter-se passado nos cálculos, resolvi criar uma boa colônia de minha raça aqui na Terra – explicou Vernipix.

- Mas as leis terrestres proibem seres não-humanos viverem na Terra – redarguiu Agente Maurício.

- Por certo – intrometeu-se Agente Amarante na conversa – Todos sabemos, ou a maioria de nós, que, desde há muito, as leis sempre têm brechas. Neste caso não uma brecha, mas um adendo na Lei 55.832, artigo primeiro, parágrafo terceiro refeito há alguns anos e que fala mais ou menos assim: “Proibido um não-humano terrestre constituir moradia em qualquer parte do planeta, ou nas cercanias que compreendam distância média até a Lua, que está sob jurisdição terrestre, salvo se houver incongruência em cálculos anteriormente feitos.” Portanto, Senhor Maurício, não há atos contra-lei nesta aquisição, afinal somos apenas humanos! – e rui-se um pouco co’a insinuação.

- Eu conheço as leis – atirou Maurício com costumeiro mau-humor – Agente Mequetrefe. Este adendo ainda inclui cem quilômetros após a Lua – queria, mas a hora não era, entretanto, para pilhérias venenosas, por isso não houve graça – Traidor! – cuspiu, enquanto ele e eu éramos revistados de cima a baixo, da frente às costas, sendo apenas levado sua arma e seu holocomunicador – Se a Federação souber você estará ferrado. Com a Federação e comigo!

- Senhores – interveio Vernipix – Senhores. Deixemos a troca de gentilezas e elogios para outro momento. Ademais, a Federação não sabe que estamos aqui. Não é Senhor Amarante?

- Tem a minha palavra. Somente eu e Maurício sabemos deste casebre.

- Ótimo. Para que os nossos irmão terrestres cativos não se sintam sozinhos, deixarei cinco dos nossos para cuidá-los. Não tentem nenhuma besteira, garotos. Eles ficarão pelo lado de fora, respeitando a privacidade alheia – disse já dirigindo-se à porta. Sem nela parar, ainda foi possível ouvi-lo dizer: – Deixem dez para garantir.

II

O Agente Maurício Souza aproximara-se da janela e puxou a persiana. Constatou haver até mais de dez Jetha-Borianos rondando e guarnecendo a casa: assim sendo, não haveria escapatória. Leon de Nunes apenas segurava o livro em mãos: incrível como a agradável e gostosa sensação tida ao término da leitura permanecia 'inda inalterada! Não obstante, paralelamente às agradáveis lembranças da história lida, havia um sentimento de que algo deveras desagradável estava na iminência de acontecer – sua morte, talvez.

- Precisamos fazer algo.

- Pois sim, precisamos – concordou Leon – Mas o quê? – perguntou coçando o cavanhaque.

- É o que estou tentando imaginar – foi a resposta do Agente Maurício – Bem, deixe-me digerir os acontecimentos. Quando houve o roubo seguido de morte, levaram o tal motor e o deixaram vivo, Leon, propositalmente.

- Talvez porque eu era o único que, reconhecidamente, tinha alguma relação com a Federação, por conta de minha profissão – respondeu Leon, pensativo.

- Talvez. Então você era o único mais conhecido no país que estava na loja naquele momento. Deduzo que eles já sabiam, de antemão, que você estava lá, ou no mínimo que você frequentava aquela loja. Isso nos remete a um plano muito antigo. Chegaste a ver se alguém o seguia? Dias, semanas antes, digo.

- Não.

- Uma hipótese eliminada, portanto – pensou ao dizer – mas eu não encontro um porquê para deixá-lo vivo, uma vez todos mortos.

- Preferia q'eu estivesse morto? – brincou Leon.

- De modo algum. Mas, e este motor rotocilindro?

- Bem. Normalmente motores rotocilindros são usados, ou eram até sessenta anos atrás, para agilizar o número de rotação d'uma máquina qualquer, isso implica, ou implicava, uma vez que não é mais usado por haver motores melhores, n'um aceleração do resultado desejado. Foi usado na criação dos Robôs 4.500 HX, recorda-se?

- Então por que um motor antigo, menos potente?

- Não sei. Acho que é porque esses motores deixaram de ser rastreados automaticamente. Os novos já saem com sistema operacional lincados direto à Federação.

- Entendo agora. Se a Federação não souber nada a respeito desta nova ilha, não terá como impedir sua construção. Por isso um motor mais antigo – constatou Maurício.

- Talvez. Faltaria a tecnologia para fazê-lo funcionar de modo a realizar a construção.

- Aí entra o Agente Amarante! – e foi até a janela ver novamente os soldados Jetha-Borianos – Penso que temos, sim, um jeito de fugir e avisarmos a Federação.

- Como?

- Ainda estou planejando.

Passado três dias (em todos eles Agente Maurício e Leon recebiam três repastos ao dia: desjejum, almoço e janta) sem que ninguém, além do mesmo soldado Jetha-Boriano que lhes servia comida, viesse até os cativos, retornaram juntos Narh'yTha e Vernipix, tendo o motorista do aeromóvel pousado sua máquina suavemente, quase sem ruído algum. Foi Leon quem viu primeiro o pouso e chamou Maurício da outra sala.

- Eu não estava esperando que retornassem – confessor Maurício.

- Só espero que aquela serpente não use seus poderes de hipnose contra mim.

- Se ele quisesse, já teria usado. Não deve estar nos planos – então reparou que se demoravam, em conversas quase ao pé do ouvido, diante do aeromóvel – O que eles estão dizendo? Pombas!

- Acho que estão falando sobre depressão. Não entendi. Depressão?

- Como conseguiu decifrar a conversa?

- Tenho curso em ambas as línguas. Ademais, há mais de dez anos aprendi a ler lábios, independente qual língua q'eu já tenha estudado. Só que deve ser a terceira ou quarta vez q'eu utilizo este recurso, não sei se estou certo – explicou Leon.

- E o que eles falam agora?

- Continuam falando de depressão. Estranho falarem d'uma doença que há muito não é registrado um caso sequer na Terra. Falam de um tal de

Montague. Ou seria Prontagüe? Enfim, parece que estão planejando torná-lo rei de algum lugar. E continuam falando em depressão.

- Impressionante – espantou-se Agente Maurício.

- Depressão?

- Você ler lábios, digo.

- Ah! Deixa disso – não queria ser motivo de espanto, mas sabia que não se encontrava facilmente alguém com esta habilidade antiga – Opa! Problemas.

- O quê?

- Estão falando em nos levar a uma terra desconhecida.

- Qual?

- He-he. Depressão!

Vernipix entrara na casa sozinho, enquanto Narh'yTha permanecera pelo lado de fora conversando com um dos soldados Jetha-Borianos. Viu Maurício e Leon dispersos dentro da sala: Maurício sentado à mesa e Leon escorado à janela de antes. Tomou o assento diante do agente e, sem se importar com a figura recostada à janela, entregou-lhe um documento, feito aqueles relatórios da Infantaria Espaçoárea Brasileira, relativamente espesso. Provavelmente, analisando sob o aspecto circunstancial, composto por no mínimo cento e cinquenta folhas. De todas elas, talvez as primeira e última não constituíam o cerne do documento.

- Sabe que documento é este, Agente?

- Não.

- É a comprovação de que a ilha será erguida. Pois é. Trata-se d'um pequeno equívoco verbal: ela já foi construída. Mas isso não anula seu conteúdo. A partir de agora teremos um lugar cativo neste globo. Fácil assim.

- Precisou matar para isso.

- De fato. Precisei. Mas, veja bem, aprendi com o próprio homem que para se construir algo, vidas são perdidas. No fim, tudo é um jogo.

- Depressão – leu n'uma das primeiras páginas – Por que este nome? E o que tu ganhas com isso?

- O nome não foi escolha minha. Em Jetha-Boria fiz uma votação em meu conciliábulo, aqui chamado “referendo popular”. Particularmente teria escolhido um que soasse melhor em português, mas não depende de mim. Depressão, em Jetha-Borianês, tem o mesmo significado de “Reinado Absoluto”. Se é que você entendeu.

Enquanto Vernipix explicava com mais acuidade seus planos ao agente cativo (imaginando que nenhum revés fosse acontecer neste entretanto pré-fundação), Leon observava, através da janela, Narh'yTha conversar com um dos soldados lá fora. Requeria mais concentração, e o papo furado do Jetha-Boriano às suas costas o importunava em demasia, mas pôde entender os lábios (que não eram verdadeiramente lábios) da criatura reptiliana, a despeito do péssimo dialeto, n'uma conversa bem amistosa – algo assim:

“Estamos planejando levar os prisioneiros à Depressão tão logo os portões estejam abertos. Falta construir uma ou duas moradias, mas com o auxílio da tecnologia da Federação, tudo está seguindo muito rápido.”

“E quando vamos sair daqui?”

“Acho que mais dois dias tudo estará pronto.”

“Tudo bem. Quero ter a minha casa o mais rápido possível. Está difícil ficar por aqui.”

“A sua já está pronta...”

Mas a tarefa de decifrar lábios foi interrompida por Vernipix, quando este tocou com a destra o ombro daquele. Leon, por sua vez, deu um pulo, assustando-se. Afinal, o que ele queria, já que o havia ignorado à sua entrada?

- Leon, meu caro Leon. Eu sinceramente esperava mais atenção de sua parte. Todavia, acho que o amigo não escutou nada do que disse para o Agente Maurício. Bem. Ele o explicará após minha saída. Mas, como não sou um sujeito assim tão desprovido de educação, explico rapidamente que construímos a ilhota por meio daquele motor que nos viu roubar e, sem o rastreio da Federação, foi fácil fazê-lo. Mas para que não pense que o consideramos um inútil – disse enquanto dirigia-se à porta – está sendo desde agora convocado a construir algumas pontes em nosso pequenino país independente. Ah! Claro. Pagaremos por isso – e foi-se porta afora sem voltar.

Meia hora depois, enfim trocando uma palavra a respeito da nova visita do Jetha-Boriano, Leon e Maurício (que só haviam, no entretanto desde a saída de Vernipix, falado em como sair do cativeiro) espraíram o que concluíram com o rápido retorno do assombra-pau estrangeiro: não estavam, pois, em mãos inábeis. Eles sabiam muito bem o que queriam.

- Pelo visto, eles precisarão de você na construção de pontes naquele novo país. Não sei se sobrevivo, mas se eu sair vivo desta, faço fritura do cientista matemático que fez os cálculos errados. Aliás, no relatório constará este equívoco.

- É, precisarão. Mas não sei se conseguirei fazer, ainda mais sob pressão.

- Ao menos você parece ter mais tempo de vida do que eu. Sobre a conversa, Vernipix me falou que um dos seus conterrâneos será o rei de Depressão, e o nome fecha exatamente com o que você captou da linguagem labial: Prontagüe. Acho que a parte do documento você escutou, eu o vi olhando para nós. Talvez o que você não tenha escutado foi de que eles querem governar a Terra. Parece que o motivo é justamente a lei que a Federação mantém em relação a eles: uma vez tendo vínculos terráqueos extingue-se imediatamente. Por parte de Vernipix, uma vez que foi ele quem tomou a frente da contenda, planeja tornar-se Primeiro Ministro do país, ou seja, governo absoluto em suas mãos por tempo indefinido.

- Ruim.

- O pior vem agora. Já está feita a ilha. Dessa forma, entrando, por mais que devido a um erro crasso da Federação, automaticamente no Conselho. Em outras palavras: eles terão voz aqui.

- E tem como evitar?

- Que isso ocorra? Não!

- Enquanto você conversava com nosso amigo Jetha-Boriano, eu tentava decifrar o que o reptiliano falava.

- E?

- Eles querem nos levar à Depressão quando os portões estiverem abertos. Parece que mais dois dias e tudo estará pronto.

Duas horas mais tarde batera à porta o Agente Amaral Amarante. Leon atendera permitindo a entrada. Maurício imaginava que Amarante estava lá para caçá-los, o que não ocorreu. Em verdade, coisa que Leon não podia entender, tinha planos, digamos, diferentes.

- Muitas coisas foram feitas. Muitos erros foram cometidos – iniciou Amarante – A atração pelo dinheiro falou mais alto. Bem. Estou um pouco mais rico agora. Acabo de receber a quantia que me foi prometida. Está no aero.

- Isso não vai fazer a mínima diferença para nós, Amarante. Vamos morrer: primeiro eu, depois Leon. Pouco me importa se ficou mais rico ou mais pobre, sovina – atirou Maurício.

- Pelo contrário – corrigiu Amarante – Vim para salvá-los. Ou tentar, pelo menos.

- E como?

- Leon ficou responsável por construir algumas pontes em Depressão. Falarei que ele ficou com dúvidas sobre quando, onde e como começar, isso n'uma de minhas visitas para espicaçá-los. Eles me chamam de “Agente Sádico”.

Enfim, eles virão aqui para explicar como deve ser feito. Mas, escutem: sigam o plano atentamente!

Sua explicação não demorou muito. Em dez minutos e cada detalhe já estava bem trabalhado. Restava apenas os materiais e muita paciência para que desse certo.

- Para isso – continuou Amarante – dar-lhes-ei armas. Leon: segure estas duas facas sempre na cintura, como eu faço agora, uma de cada lado. Maurício: a minha pistola dourada. Por favor: façam como planejado. Eles não os revistarão pois não imaginam que estão armados.

- Mas por quê? Por que ajudar-nos a derrotá-los, já que recebeste esta enorme soma em dinheiro? Qualquer um no teu lugar fugiria para algum planeta distante. Aliás, a Federação não o ensinou a ser fiel ao sistema?

- Se eu traí a Federação, por que não eles? Ademais, não haveria graça se tudo corresse como planejado – e deu uma piscadela ao agente cativo – Lembra há seis anos atrás? – sua face fechou-se, circunspecta – Agente Bóris?

- Agente duplo! – constatou Maurício.

- Sim. Não tenho mais tempo. Tenho de sair para não causar desconfiança em ninguém. Lembrem-se: estes Jetha-Borianos borra-botas estão sob forte influência reptiliana. Ainda hoje falarei com eles. Talvez ainda amanhã virão. Boa sorte aos dois. Torço que tudo dê certo.

Na manhã seguinte Vernipix e Narh'yTha irromperam porta adentro sem nela bater. Como de costume. O meio réptil meio Radu-Barhuense chegara próximo de Leon, que por sua vez estava sob a soleira da divisa sala-cozinha, enquanto Vernipix achegara-se próximo de Maurício que, de frente para porta de entrada, sentado à mesa mantinha as mãos sob o colo. Seria mais difícil do que pensavam, mas tinham de tentar.

- E então! Pelo visto resolveu aceitar de bom-grado este serviço, Leon. Foi o Agente Amarante quem me disse. Foi sua melhor decisão. Sobre suas dúvidas, vim pessoalmente para dizer...

Nem bem terminou, Leon (com mãos trocadas, ao estilo cruzado) saqueou as facas da cintura e desferiu um belo golpe duplo nas duas cabeças de Narh'yTha, levando-o imediatamente ao chão: debatendo-se. Por sua vez, e quase ao mesmo tempo, Maurício tirara a destra do colo e, apertando o gatilho, sem mira, alvejou Vernipix no ombro. Isto causou extrema irritação no agente, capaz de fazê-lo soltar imprecações inclusive obscenas: nunca foi de errar um tiro sequer!

- Como... como conseguiram... as armas? – perguntou Vernipix extenuado pelas dores terríveis no ombro atingido.

- Um certo “Agente Sádico” nos presenteou – respondeu Maurício. E com muito humor, aliás, a despeito de ter errado a mira – Agora, o que você vai fazer, Vernipix?

Sem a influência hipnótica do reptiliano, agora definitivamente morto (os espasmos cessaram e o sangue verde escorria formando uma espessa poça), a chusma de Jetha-Borianos desfaziam-se das armas e voltavam ao estado natural de suas raças: pacíficos.

Como muitas vezes acontecia, pousaram aerocaminhões da Federação no terreno contíguo. Desta vez, entretanto, mais atrasados que de costume: demorou três horas e meia para o comboio chegar.

- Achei que não viriam! – observou Maurício – Mas, afinal, como souberam? – perguntou quando o prisioneiro era levado.

- Ligação anônima – gritou o Capitão Harris em português. Mas Maurício já fazia ideia de quem seria o tal anônimo milionário.

De minha parte, uma aventura emocionante: monótono no início, bastante interessante no decorrer. Para o Agente Maurício, o de costume: lidar com o risco de morte era o seu trabalho – menos errar o tiro àquela distância. Quanto a Vernipix, o estrangeiro alienígena, sangrando (o assombra-pau não morreu), a Federação deu um fim bem peculiar: foi levado preso sob a acusação de incitar contendas sem o aval da F.M., ainda mais dentro da Terra, matando (o que é pior) terráqueos. O magote de soldados Jetha-Borianos agora sem influência criminosa reptiliana foi conduzido, sob escolta de agentes da Federação, até o espaçoporto com passagem de volta a Jetha-Boria (com relatório e carta ao representante Jetha-Boriano explicando a inocência deles). O mais engraçado foi a situação do reptiliano que matei: seu corpo foi conduzido à F.M e, de lá, enviado um comunicado ao seu planeta de origem explicando que um dos seus fora abatido em combate e em quais circunstâncias. Mas, a julgar pela distância, a Federação recém restaria recebendo a resposta da primeira informação enviada; estaria, quando muito, na metade do caminho de volta! Burocracias e distâncias: um misto explosivo em pleno 2252.

- Gostei muito dos teus golpes – disse Maurício, desta vez sem o seu característico mau-humor.

- É? Ando treinando nos últimos anos – respondi meio lacônico.

- Parabéns pelos golpes. O que acha de integrar-se à Federação? – perguntou em tom sério.

- Você acha? Fala de me tornar um agente?

- Bem. Os golpes bem dados; a leitura labial, técnica antiga e, me parece, esquecida; a agilidade. O que acha?

- Considerando o fato de que realmente me saí bem, acho que sim. Aceito!  
– estiquei a destra para firmar acordo.

- Café? Na Federação? – e, pela primeira vez, piscou.

- Café – respondi, aceitando.

FIM

---

Data : 01/01/2009

Título : Deus Filisteu

Categoria: Contos

Descrição: Roberto sabia...

## DEUS FILISTEU

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Nota: este conto foi escrito no ano de 2009; revisado em 25/ 06/ 2011.

Roberto sabia que seu amigo acabaria por ficar louco. Constatar esta fatalidade não foi nada salutar: era amigo de Anderson do tempo de colégio, desde as séries iniciais do primeiro grau e recordava-se bem dele ter sofrido com o que hoje é chamado de bullying. Desde aqueles tempos a vida para seu amigo não foi nada fácil: perdera a infância, mataram-na na verdade, e de repente viu-se n'um mundo novo com os olhos de um adulto. E esse mundo aos seus olhos de adulto era-lhe terrível – um aperto no peito e um desespero aprisionavam-no dentro da redoma que construía com o passar do tempo sem chances de recuperação. Sabia também que pela cabeça do amigo, principalmente quando em momentos de forte angústia, a ideia de suicídio o assaltava – embora quisesse acreditar que Anderson não teria coragem para a autoquíria, algo lá no fundo ciciava o contrário. Podia imaginar quão difícil estava sendo viver para Anderson; as regras da sociedade amputavam sua vivência. Todavia, jamais teria a mínima noção de como era horrível ver a face da vida na completa escuridão donde o amigo habitava.

Anderson agia de forma muito esquisita até os dias que antecederam à sua morte. A sua própria morte teve algo de muito esquisito, estrambótico. E,

claro, inseria com cruel facilidade uma gama de dúvidas na cabeça de Roberto, não obstante sua passagem ter sido um alívio (para ambos). Foi o melhor remédio que Deus poderia dar. A despeito de sua esquisitice, o que era mais visível em Anderson, tanto na palma de cada mão, quanto nos pulsos e até nos tornozelos, eram as marcas exangues de toda a violência que empregara a si mesmo. Não seria difícil imaginar o estado de carne viva em que estava seu corpo.

Foi no dia do enterro do amigo que Roberto encontrou a carta. Foi triste vê-lo partir deste mundo, e mais ainda ver seu corpo cerrado dentro do caixão, enterrado sete palmos abaixo da terra. Acompanhou a cerimônia fúnebre junto de pouco mais de seis pessoas – nenhuma delas seus parentes, talvez a metade vizinhos de apartamento. Retornara ao apartamento do falecido amigo quando ao término das exéquias – uma última vez que veria o lugar em que o amigo passou uma parte de sua vida; lá encontrando a missiva manuscrita composta de poucas folhas, sucinta, dentro d’um envelope pardo em que seu nome estava desenhado. Abaixo dele uma observação entre parentes dizia que só deveria ser aberto e lido no dia seguinte do da sua morte.

Leu três vezes: seguidas. Quase chorou. Sentiu que tocou o espírito. Segurou as lágrimas o máximo que pôde. No que concerne à narrativa, a prosa mais simples possível; o conteúdo, no entanto, expondo exatamente tudo o que Anderson sentia – e também o que via; profundo o suficiente para lamentar. Não mais poderia pedir perdão ao amigo – que nunca mentira, mas fora equivocadamente julgado mentiroso por Roberto. A carta iniciava com o título Deus Filisteu. E seu compungimento lhe doía na alma.

“Não pense que tudo foi uma simples ilusão. Ou que sonhei, simplesmente. Foram pesadelos, é verdade, mas muito reais. Os remédios que tomo são para acalmar as dores em meu corpo, que são gigantescas. Eu poderia ficar horas aqui tecendo toda a linha de minha vida, do tempo que fui coroinha dessa igreja falsa, até o dia de hoje.

Teve sorte por não ter passado o que passei. Fez uma ótima faculdade e hoje é um profissional respeitado. Provavelmente quando estiver lendo essa carta vai se lembrar de mim como um amigo, e não como um pobre-diabo. Psiquiatria é uma área que para você deu muito certo. Acho que eu já posso dizer que não fiquei louco. É uma desordem mental, mas ainda assim consigo me organizar. Não fossem as dores, as marcas e a minha pele, tudo seria normal. Só que aos poucos a minha vida vai sendo alterada. Você já pôde ver as marcas nos pulsos e tornozelos; talvez tenha imaginado que eu as fiz.

A Bíblia narra inúmeras histórias, e uma delas é sobre o nosso salvador. Muitos chamam o que eu tenho de “Chagas de Cristo”, mas talvez seja uma rara doença. Louco INRI pra cá, doente para lá. As pessoas não medem esforços para insultar os outros, esquecendo que debaixo de toda essa carcaça, existe um humano. Um frágil humano, que sofreu a vida inteira. Se puder lembrar o tempo de colégio saberá do que falo.

Não ligo se continuarão a pensar que sou o Louco INRI. De qualquer forma, As Marcas de J.C. estão pelo meu corpo, espalhadas. Tenho marcas na

cabeça, pequeninos pontos de cor vermelha na testa, e por debaixo do cabelo. Já sangrou mais, hoje apenas servem como lembrança de dias penosos. Ainda as orelhas guardam um pouco do inchaço, mas nem de perto lembram aqueles dias.

Não faço ideia de quando foi a primeira vez em que acordei e vi as marcas em meu corpo. Posso lembrar, entretanto, que vi muitas outras pessoas. No início apenas me olhavam com desdém. Aos poucos aqueles olhares se transformaram em vozes, e de algumas bocas eu escutava insultos. Eu não era bem-vindo naquele lugar; mas sempre voltava ao fechar os olhos.

O povo vivia da pesca. Uma comunidade que morava em torno do mar, e dele se alimentava. As casas, construídas sob estranhas plataformas que evitavam o contato direto com a areia, possuíam a mesma cor. Aliás, casas de mau aspecto, que mantinham sempre uma pequena escultura para reverenciar. Tinha ainda um templo, a que chamavam de Casa, simplesmente. E dentro dessa Casa, a mesma escultura que se encontrava em cada residência, mas de tamanho consideravelmente maior. Onipotente, olhava para o infinito. Tinha o formato de um lagarto, mas dos detalhes nada lembro.

Certa feita, aquele povo, contente, carregou até a Casa e depositou, como uma oferenda, uma espécie de arca, junto inclusive de Seu Deus. Ao que levantaram na madrugada do dia seguinte e encontraram, com o rosto caído ao chão, diante daquela arca, a imagem do culto. Tomaram a escultura e tornaram a pô-la em pé.

Na manhã do dia seguinte, a mesma escultura estava caída ao chão. Desta vez, a cabeça havia rolado e as palmas das mãos cortadas sobre o limiar, tendo sobrado somente o tronco. E vi proclamarem em alto e bom som: “Não fique conosco a arca de Deus estrangeiro; pois a sua mão é dura sobre nós, e sobre nosso Deus”.

Tudo isso aconteceu com minha chegada por aquelas bandas. Coincidência que foi levada a sério pelos habitantes. Logo fui ultrajado. Cuspido e até apedrejado nas ruelas. Você não tem ideia de como dói os ferimentos ao contato com a maresia que vem do mar. Pelo menos daquele mar. Lembro também que o próprio mar ficou revoltado. Foram dias que os peixes não mais eram pescados; jogaram a culpa por sobre mim.

Fui condenado n’uma série de assembléias, cujo sacerdote do povo deliberava junto de alguns governantes ou chefes. Dois pedaços de madeira, um maior do que o outro, tive de carregar. Não bastasse o peso nas costas, fui açoitado por chicotes no meio do aminho, e por cordas que não eram cordas, feitas de fibras dos coqueiros e cipós de algumas árvores mais distante do mar. Quanto tempo demorei e quanto caminho percorri, isso ninguém jamais vai saber. Teve noites em que eu continuava exatamente de onde eu havia parado anteriormente, e outras em que tudo iniciava novamente.

Gritavam, quando carregava as madeiras, que eu deveria pagar por todos os males que os assolavam. Que eu fui um falso salvador, e que eu pregava a um deus desconhecido, e maléfico; maléfico para aquele povo, o que reverenciava o Deus lagarto. Que eu trouxe a ira do meu deus, e que meu deus matou o deus deles.

O meu Gólgota foi na praia mesmo. Ergueram a madeira maior e cravaram-na na areia. Usando de grandes pregos, pregaram nos meus pulsos a madeira menor, às minhas costas, deixando meus braços n'um ângulo de pouco menos de oitenta e cinco graus, esticados. Puseram-me uma coroa de espinhos, e firmaram-na em minha cabeça. Fui içado até o alto por cordas que vinham sei lá de onde, e preso naquilo que se formou uma cruz. Meus pés nesta madeira foram pregados sem o menor remorso. Um mantra era rezado. E não era o Padre-Nosso ou a Ave-Maria tão conhecidos. Continuei a ser açoitado, chicoteado, cuspidado e apedrejado.

Antes do término de todo o ritual de condenação, porém, n'uma última e megalomaniaca decisão, tiraram-me, todos unidos em uma só força, da areia e carregaram-me ao longo da pequenina distância que me separava do mar, e nele com todo cuidado me depositaram. As ondas me carregavam, enquanto o povo clamava o nome de Seu Deus. E quando eu estava no meio do mar, vi erguer-se de dentro dele a mesma imagem que o povo tanto adorava. Do céu, vi um anjo derramar uma taça no mar, e logo vi o mar tornar-se em sangue como de um morto, que me banhei n'um furor demoníaco.

Posteriormente percebi que eles eram os Filisteus, e que eu deveria pagar pelo que fiz no passado, quando fui, n'outra encarnação ou n'outra vida, Jesus Cristo; pois fui o culpado pela "morte" do Deus Dagon.

Se você está lendo a carta agora, Roberto, significa que morri. Perdoe-me por não ter acreditado em mim, sei que tudo isso soa estranho. Agora que sabe de toda a verdade, sinto-me melhor. Tenho certeza que vou descansar em paz. E para qualquer lugar que irei, guardarei tua amizade no fundo de meu coração, no canto mais impenetrável de minha alma."

FIM

E o segundo anjo derramou a sua taça no mar, que se tornou em sangue como de um morto, e morreu no mar toda a alma vivente. Apocalipse 16:03

Data : 01/01/2010

Título : Ei-lo

Categoria: Poesia

Descrição: N'um planeta tão pequeno

25/ 12/ 2010 sábado de natal – 11h26min

Ei-lo

Autor: Leonardo Nunes Nunes

N'um planeta tão pequeno  
Um problema tão grande  
deve ser resolvido;  
Pequena vida, pequeno anseio  
O dia virá  
E não haverá  
Nem paz ou sossego  
Para uma cuia de chimarrão tomar.  
E ai daquele que não respeitar  
O senhor Annun-Aki,  
pois retornará.  
A cada períplous  
Três ponto seis seu percurso  
Deixou recurso, deixou tropa  
Como indicações de que  
Um dia  
Pisou por estes pagos.

E quando novamente pisar  
Estes pagos que conhecemos  
    feito palma da mão  
Deixarão de ser os pagos que conhecemos  
Para tornarem-se inóspitos pagos – e o que(m) reinará?  
Poucos (de nós) sobrevivemos.  
Prepara tua guaiaca  
Prepara-te para a peleia  
Fácil não será.  
Agora, esconde-se  
Por debaixo de nossa tradição  
Um exemplar – perdido e abatido  
    rodeado por tropas  
Uribin, deveras conservado  
Que tanto Airémus falou  
Talvez amparado, talvez trancafiado  
Por símbolos sagrados.

FIM

Data : 26/10/2009

Título : Embuste ou Axioma : o perfil de um sobrevivente – ou a culpa dele

Categoria: Contos

Descrição: Ultimamente o Brasil vem sido acometido de estranhos casos 'sobrenaturais'...

Embuste [1] ou Axioma [2]: o perfil de um sobrevivente – ou a culpa dele

---

NOTA DO AUTOR:

Trata-se de uma história de ficção narrada nos moldes da “Literatura Jornalística”, tomando como ponto de partida a realidade narrada no conto maior chamado “O Horror de Darvaza”, que em breve será aqui publicado.

PEQUENA NOTA EXPLICATIVA:

É bem provável que eu tenha fracassado na tentativa de escrever na forma da “Literatura Jornalística”, mas a minha intenção era de escrever uma síntese do “O Horror de Darvaza”.

Atribuo o provável fracasso não a mim (autor), mas ao meu personagem que não soube desenvolver bem a ideia.

AUTOR: Leon Nunes

Data: 26/ 10/ 2009

Este conto foi retirado do ar - foi revisado e um pouco modificado em fins de junho e início de julho de 2013.

Posso adiantar uma coisa: logo ele será publicado [a nível virtual].

Obrigado!

FIM

Ano : 2010

Título : Fábula ou Parábola?

Categoria: Contos

Descrição: Na minha última viagem para as Minas Gerais...

2010 - 2013

Fábula ou Parábola?

Autor: Leon Nunes

Na minha última viagem para as Minas Gerais tive uma surpresa nada agradável. Tenho viajado Brasil afora procurando trilhas para percorrer, aventuras inéditas para encontrar – única e exclusivamente – a vida. Bem dizer minha vida. Sempre achei que a vida estava nas coisas invisíveis aos olhos do homem do lugar-comum; eu não queria mais ser um homem do lugar-comum. Minhas fugas estavam direcionadas, nos mais das vezes, a lugares inóspitos, outras, com menos frequência, centros urbanos não-movimentados. Sempre preferi a floresta e a vida longe da cidade grande; esta é a verdade. Admito que sinto repulsas ao ver grandiosos arranha-céus de concreto, aversão a cidades grandes. Atualmente moro numa cidade pequena de não mais de três mil habitantes. Um grande alívio.

Falei que em minha última viagem para as Minas Gerais eu tive uma surpresa nada agradável, mas não era o que eu secretamente esperava? Tenho encontrado em minhas viagens criaturas terrestres jamais vistas em livros especializados ou mesmo uma citação a respeito; fotografei outras belezas que transcendem à capacidade de olhos humanos enxergarem, desfocados. Há provas do que falo! Apesar de que provas não bastam em tempos cuja facilidade de forjar imagens em programas de computador nos desacredita. De qualquer forma está lá. A foto que tirei, emoldurei e coloquei no centro de minha sala – pus para quem quiser ver e acreditar. Para enxergar além da imagem basta sabedoria. E capacidade para fugir do estereótipo que é o cotidiano da vida humana. Nada mais do que abrir o terceiro olho. E isso requer muita vontade.

Foi há dois meses, embora eu tenha planejado aquela viagem há dois anos. Tentarei ser sucinto ao narrar o ocorrido sem, contudo, me estender falando dos preparativos finais para a viagem; ignorarei também o período da viagem e os pequenos contratemplos ao longo dela.

Recordo da noite anterior à manhã que a encontrei. O vento soprava uma brisa leve. A Lua prateada iluminava o horizonte e pintava as copas das árvores. A relva, a mais pura beleza, por isso assustadora. Não dormi de tanta euforia. Estava tão excitado por ver um lugar poderoso, sentindo no fundo do peito uma paz que em nenhum lugar ou dia em minha vida fui capaz de sentir – tão eufórico que sequer escrevi em meu diário as impressões obtidas daquele lugar. O termo lugar poderoso não é em vão; a força daquele ambiente me atraía. De tal atração uma verdade eu sentia: naquele lugar homem e criatura não coabitariam. Privilégio ou não, somente eu a vi.

Passei a noite inteira acordado, vendo e absorvendo a beleza que me era proporcionada. O dia amanhecera carregando consigo um punhado de novas sensações. Engraçado é que nunca permaneci acordado uma noite inteira em nenhuma das viagens e incursões a matas que fiz; aquela foi a única. Das sensações tidas, poucas eu poderia explicar em palavras; grande parte delas ocultas à grande massa que cobre a superfície da Terra. De presente me foi dado, posso garantir, segredos dos mais iluminados – os quais nenhum me foi permitido revelar.

Baseei-me na nova coordenada entregue pelos portadores dos segredos do universo. Enveredei pelo caminho que me levou direto para um rio que não lembro o nome – recordo que era parecida com a palavra Homem. De toda forma, completamente impronunciável me soou aquela expressão. Onde fica aqui? O que há aqui? Perguntei-me, em pensamento, deslumbrado. O que quer que lá tenha havido, alocou-se em minhas memórias. E também em minha foto na sala.

Daquele rio, do fundo daquele rio, uma gigantesca cobra diante de mim emergiu de suas puras e cristalinas águas até ficar com o corpo praticamente todo descoberto. Incalculável era sua profundidade, incalculável também o comprimento daquele animal. Não pude deixar de sorrir (um sorriso de aflição) ao deparar-me diante do fantasma do medo. Meus olhos viam-na com espanto; minha cabeça girava. Ela abria sua bocarra lentamente, mostrando uma voracidade incontida, dentes pontiagudos e saliva gosmenta própria de uma boca inanimada. Deduzi tratar-se de raríssimo evento aquele, pois a forma com que ela se abria era totalmente anômala. Engolir-me-ia sem grande dificuldade caso não tivesse tido uma refeição saborosa pouco antes. Soube disso porque vi lascas de carne pendendo de seus dentes. Tinha apenas um olho, uma única pálpebra pendia daquela ponta; sabe-se lá se na extremidade oposta outro olho havia. Meio apavorado meio corajoso e desmiolado, acompanhei com o olhar a extensão daquele corpo grosso e esguio; reparei nele uma cor que lembrava o marrom, manchas pretas aqui e ali, um misto de marrom e dourado reluzindo ao sol exuberante. Havia uma segunda boca, horizontal, que se abria e fechava esporadicamente sobre o corpo dela, como se por ela respirasse. A pele me parecia composta de escamas lisas. Segurei meu ímpeto de alisá-la. Uma nova aflição brotava em meu peito – pensei que ali pudesse ser meu fim; depois daquela maravilhosa noite o pensamento parecia fazer sentido.

Ela permaneceu com a cabeça empinada por bastante tempo. Percebi, pelo movimento, que ela não só esperava como queria algo meu. Ergui do peito a máquina de fotografar digital e bati dela uma foto, controlando a tremedeira de minhas mãos. Após o flash, vagarosamente fechou a boca e desceu a cabeça, por fim lentamente submergindo o corpo. Fê-lo até não sobrar mais do que um

pequeno e imperceptível detalhe, talvez uma longa pedra no fundo do rio. Era como se quisesse realmente se mostrar. Para o mundo. Se mostrar.

Saí com o coração acelerado. Excitado, pensava que naquela foto estaria um dos segredos que a Terra guardava a sete chaves. Cri que somente eu fui auspicado por conhecê-la. E talvez eu estivesse certo. Nunca ninguém mencionou ter visto qualquer coisa parecida nas Minas Gerais; salvo, óbvio, em lendas locais pouco levadas a sério.

Durante o dia vi e revi a foto. Não tinha noção do que realmente aquilo significava. Do quão importante era aquela imagem para mim. O ápice de descobertas já havia passado, mas nem por isso se despregara de meu peito a desvairada sensação de tê-la visto. Nada de interessante ocorreu depois disso. Nada relevante de nota.

No dia seguinte à minha chegada à cidade revelei a foto. Lembro o espanto do dono da casa de fotos quando me olhou. Disse-me com o olhar incrédulo um “eu não acredito!” E não acreditava mesmo, a julgar pela estranheza vista. E por debaixo da incredulidade dele, um pouco de medo. Adquiri ali mesmo porta-retratos de madeira, coloquei-a dentro e, em casa, fixei na parede. Com certa insistência me pego olhando para ela, imaginando qual caminho segui até encontrá-la. Não sou capaz de recordar, todavia; minha mente é fraca. De qualquer forma isso não tem a menor importância, apesar de saber que foi real. Não diante da prova irrefutável que, fotografada, permanece em minhas memórias. Sempre permanecerá, aliás. Por este e outros motivos tomei uma severa decisão: não mais sair a esmo à procura de aventuras. Talvez eu tenha encontrado o que inconscientemente procurava, não sei. Estou nesta cidade e quero ficar até o fim de meus dias. Que espécie de recado foi aquele que guardo exposto na parede? Não faço ideia; confesso. Mas falo de cadeira: na Terra há muitos mistérios que o homem nega e desconhece. A atitude mesquinha de quem se acha o centro do universo torna-o cego, por isso não merece ser conhecedor. E não ver a verdade transparente é escrever e assinar com o próprio sangue as linhas finais do desenlace. Aceitar não existir. Morrer sem mesmo viver.

FIM

Data : 24/06/2013

Título : Fatos concernentes à vida de Anacleto Vieira Souto Maior, breve relato

Categoria: Contos

Descrição: O que dizer deste prolixo e pouco valorizado escritor? Bem há o que falar, não obstante...

Fatos concernentes à vida de Anacleto Vieira Souto Maior, breve relato

Autor: Leon Nunes

(conto de ficção escrito 'inda na manhã do dia de hoje, 24/06/2013)

Conto em homenagem a Braulio Tavares; breve resposta ao conto “Exame da obra de Giuseppe Sanz”.

O que dizer deste prolixo e pouco valorizado escritor? Bem há o que falar, não obstante a dúvida de como morrera, se de falência múltipla dos órgãos ou encefálica ou do coração; sustentam alguns, línguas más, que não suportara a dor do falecimento, a perda da esposa um ano antes e dera um tiro na própria cabeça ou tomara veneno. Poucas pessoas sabem realmente como morreu Soso – e eu sou uma delas.

Não tenho intenção de escrever um número exagerado de páginas sobre meu grande amigo; deixo isso para seu filho único, Jasson. Antes disso. É apenas um relato insofisticado acerca dos dias que passei com Soso, parte deles enquanto, em sua casa, escrevia seu mais novo livro de então. São palavras que não chegam perto da importância que ele exerceu na Literatura Brasileira. Foi-se aos 83, enorme lacuna.

Recordo ter batido à sua porta logo cedo numa manhã de rigoroso inverno; eu havia brigado com minha esposa; carregava uma mala a tiracolo. Ouvi passos na sala contígua, um arrastar de chinelos no carpete diante da porta, ela sendo aberta; Soso parecia ter adivinhado que era eu quem batia àquela hora da manhã. Com sorriso de bom-dia me recebera como se recebesse um parente meio distante, 'inda assim bastante querido, ele 30 anos mais velho do que eu. Sentei-me, mala a um canto, enquanto ele próprio voltara à sua labuta literária no notebook. Preferia o tempo da máquina de escrever. Falou-me sem desviar os olhos da tela, concentrado. Quer saber o que estou escrevendo? Perguntou-me; seus olhos pareciam hipnotizados pela tela, dedos num movimento quase automático de digitar; palavras surgindo na tela com certa monotonia certa precisão; voz autômata boca a fora. Hipnotizado fiquei eu; já sabia de sua técnica de falar e escrever ao mesmo tempo. Porque era a primeira vez que eu o via numa contenda acirrada com as palavras que pareciam simplesmente surgir, apesar de não ter sido a primeira vez ter estado em sua casa.

Capítulo trinta e sete. Acabado. Informara-me. Já tomou café-da-manhã? Não, eu deduzo. Com minha saída de casa nem pensei em comer, apenas ir direto à casa de Soso, por saber ser ele o único a me receber [meu único amigo]. Esta é a história de um ancião que encontra seus autores favoritos. Explicou-me. Jacson Sanz, noventa e três, último de sua vida, encontra Poe, Alúcio, Lovecraft. Cada um uma charla diferente. Disse, servindo-me do café recém-passado. Aqueci minhas mãos antes de bebê-lo. Cada qual um aprendizado diferente.

Estou na parte em que o velho Sanz fala com um dos personagens criados por Lovecraft. Erich Zann. Na sequência ele falará com o espírita Conan Doyle, depois entrará na mesma sala Holmes. Eu não amo Sanz. Não como amei Valfredo. Ou Amanda. Personagens de meu terceiro romance. Coma do bolo meu amigo. Exortou-me. Debrinha fez. Piscou. Sinto, apesar disso, que Sanz é o mais rico de todos. O mais pobre também. Porque é o que mais sofre de meus personagens. O que mais vive também. Não será meu último romance; tenho mais três pela frente. Mas o último será. Porque sinto minhas forças, literárias sobretudo, se esvaindo.

Apesar de ter-me dito de suas forças faltantes, seus olhos me diziam o contrário. Neles, a força de um guri de vinte, a vitalidade dum de trinta, sabedoria dos cem que em minha cabeça ele iria chegar. Deu-me – ofertou-me um sorriso; sem cerimônia levantou-se, voltou para seu notebook e pôs-se a digitar mais e mais palavras (como se eu não estivesse ali, ou se eu fosse sua plateia). Mal comera da fatia do bolo, ainda em seu prato; levou a xícara do café consigo. Da sala pude ouvi-lo às gargalhadas, ora sussurrando ora recitando em voz alta o trecho que recém digitara. Senti um aperto no peito, uma angústia – atinei, de súbito, que ele falara de sua própria morte. O livro que ora escrevia era sobre sua morte, metamorfoseada em encontros e delírios. Descobri, só depois de seu passamento, que Soso me transformara em personagem daquele livro: uma homenagem a mim porque cheguei à sua casa no momento certo da história.

Souto Maior, meu caro escriba, morreu numa cinzenta manhã de inverno; engraçado é que na noite anterior pôs ponto-final à sua (última) história. Conta sua empregada que na última semana apressara o final do atual romance. Algo me diz para acelerar; telefonemas não me serão passados. Sustenta a empregada; a única pessoa que receberia seria eu. Sinto enorme honra por ter passado bons momentos ao lado de meu amigo; culpa, por outro lado, por não ter visto Soso antes de morrer.

Se de meus olhos saem lágrimas de tristeza, há uma grande felicidade, incontida, dentro de mim. Por tê-lo conhecido. Por ter trocado palavras. Experiências. Afeto humano. Porque Soso, além de um excelente prosador, era um homem incomum, de hábitos incomuns, com coração igualmente incomum. Os olhos não veem a verdade com frequência. Disse-me ele certa vez. Os olhos só veem o que querem. Fira-os e eles o deixarão exasperado. Explica-os da sabedoria, então eles o farão realmente ver. Passagem de um livro por ele escrito. E que nunca fui capaz de esquecer.

No funeral de Soso [apenas eu de verdadeiro amigo] uma chusma de colegas de escrita, outros colegas de cursos, palestras, estudos, faculdade. Seu filho. Sua empregada, Debrinha. Perguntei a ela, a um canto, o que ele fazia quando morrera. Resposta mais comovente nunca há-de existir.

- Mal amanhecera – falou ela, lágrimas derradeiras – e Soso se recostara numa cadeira da cozinha. Achei que faria o desjejum. Empunhava um livro quando o vi. Sem respirar.

- Qual era o livro?

- Braulio – falou Debrinha, enxugando o rosto das lágrimas, respirando fundo – Braulio Tavares. Aquele de dois lados.

Sei bem. Sei bem.

FIM

Todos os Direitos Reservados ao Autor.

Data : 28/02/2012

Título : Inominável Colusão

Categoria: Contos

Descrição: Quantas vezes cá fui eu chamado? Clamaram meu nome um sem-número de oportunidades quais, tudo em vão... (revisado noite 20/ 10/ 2012)

Inominável Colusão

28/ 02/ 2012 08h21min – 10h34min – 13h18min

Leon Nunes

Conto escrito especialmente para a publicação da Revista da APL.

Quantas vezes cá fui eu chamado? Clamaram meu nome um sem-número de oportunidades quais, tudo em vão, tive de explicar o ocorrido. Agora nada

mais farei do que ser sucinto. E ai de vocês se, com meu bosquejo, ninguém entender! Já cheguei à conclusão de que nenhum de meus interlocutores possui interesse ou a capacidade de compreender que o que eu fiz não passou de uma mera atitude de salvatério, cuja importância é assaz à humana raça, mas ainda assim é ultrajada, desprezada. Firo-vos? Pois não me importa! Estou é cansado de ser pilhado por motejos e, acreditem, escalavrados. E não obstante meu nome ser motivo de graça, apupo, é salutar garantir, e também atestar, que os jornais mentiram. Não há mais esta entrada porque eu a fechei! Engraçado? Não foi quando nas profundas penetrei.

Descobri aquela reentrância há cinco meses. As porcarias das fotos estão aí para mostrar que falo a verdade! Ela sempre esteve lá, esquecida. Quedei-me diante dum mundo deveras desumano. Não há outra palavra senão desumano – pelo menos eu não sou capaz de falar outra coisa. Desci aquele declínio servindo-me do pouco de luz que lá entrava, para logo em seguida basear-me tão-somente em meu tato, o único guia capaz de me conduzir naquelas profundas desconhecidas. Pacóvios! Todos nós, em nossa monstruosa inscícia. Somos ludibriados por pura mesquinhez, véus nos olhos para não enxergar ou não saber. Continuemos assim então.

Tendo chegado ao nadir, percebi o quão ingênuo é o homem. Considera-se o topo da cadeia alimentar, mas eis que um toleirão descobre a verdade (e desmascara a insígnia)! Ai o que vi! Horror e beleza juntos? Uma beleza bestial, diga-se de passagem. E, tendo empunhado o livro que debaixo do braço eu carregava, pus-me a recitar. Colocar um fim naquilo que, logo reparei, no completo silêncio estava sendo perpetrado. Um conciliábulo de criaturas vis, talvez extraterrestres, talvez também humanas, que sequer se aperceberam de minha presença junto delas. Bem, imagino que terem ouvido minha voz causou nelas susto, pelo menos num primeiro momento. O que veio em seguida foi tudo muito rápido.

Elas estavam todas reunidas, em círculo. Vestidas por um escuro balandrau, naquela espécie de altar, adorando – se é que realmente adoravam – uma grande estátua esculpida em pedra em forma de polvo. Que mãos ágeis tê-la-iam esculpido? Jamais saberemos. Antes que elas me cercassem, desajeitadas, poderosas, tentando impedir que eu as interrompesse, ágil também virei para a página marcada em meu livro, já prevendo um ataque. Falando de uma forma que todos possam me compreender, imobilizei-as com mágica. Não tive medo nem hesitei.

Pessoas não relataram terem sentido, em alguns prédios da cidade, terremoto? Digo que o causador de tal abalo sísmico fui eu e minha mágica, pois tudo tremeu e muito do que segurava o teto de pedra caiu. De certa forma soterrei-as, vivas porém. De minha parte, célere, dei o pira dali. É engraçado, não é? Deveria trabalhar eu num circo? Sinto pena da inscícia de meus interlocutores: não viram o que vi, não descobriram o que descobri.

Eu havia posto explosivos na entrada. Por isso o som do trovão, dito tão amplamente por algumas pessoas. Se isso explica, há no centro da cidade um enorme buraco, o tal do minhocão – é uma das galerias, embora por ela eu não tenha exatamente percorrido. Foi o que de melhor me propus a fazer. Explodir. A entrada. Mas, sei e reconheço, há outras reentrâncias em outros lugares, de

modo que sempre elas terão como dar visita a este mundo. Todavia, não através desta cidade. Livres. Por um bom tempo. Eu os fiz livres!

O zênite também é delas, assim como o nadir é nosso – embora disso nada saibamos. É o que me dá mais tristeza. Devo confessar minha tristeza perante todos.

Qual livro eu carregava debaixo do braço? É difícil descobrir? Vou-me embora. Espero não ser mais chamado, porque por mim acabou!

Data : 01/01/2008

Título : JESEBELL

Categoria: Poesia

Descrição: Um sorriso Quem sabe uma lágrima deixar cair

Nota do autor: Talvez muitos considerarão este poema mambembe. Não os culpo.

JESEBELL

Autor: Leon Nunes

Um sorriso

Quem sabe uma lágrima deixar cair

Por sobre esta terra em que piso.

Abençoe-me, musa Jesebell

Teu pórtico deslumbrado

O néscio deste mundo malogrado.

Tudo que vejo, sinto, ou toco

Tudo o que sou  
Deixa-me receoso,  
Inclusive o ar que respiro  
De um mundo exacerbado.

Fúnebre  
Verte toda sua lava escarlata,  
Pelos poros saíste da melancólica sombra;  
E finja que sou teu portal.

Das negras esferas subiram até mim  
Da perniciosa morada – Inferno –  
Vís criaturas a assombrar  
Um coração despedaçado.

Passe por mim, dou-te livre acesso;  
Não olhe para trás, jamais  
Pois esta é a direção;  
Domine-os, sem remorso, como se não necessitasse de permissão.

Jesebell, Oh! Jesebell  
Um mundo inteiro para desbravar,  
O sucesso vem de Vossa Mercê;  
De poderes espectrais.  
Sei teu nome, sabes o meu  
Aproveite, portanto, de feito  
A turba imensa  
Teu alimento,  
Que pude presentear.

E no último rito,  
Excelso é minha lepra  
De um dia poder viver;  
Mal-afamado, assoma, sutil, cinge com tamanha desesperança.

De tamanho cetro  
Somente Jesebell  
Com seu manto imaculado  
Qui salvandos salvas gratis.

FIM

2008

Em Latim, "Que ao salvar, salvas gratuitamente".

Data : 01/01/2011

Título : Karma ou Acerto de Contas

Categoria: Contos

Descrição: Como fiquei feliz quando meu primeiro trabalho...

Karma ou Acerto de Contas

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Início: 12/ 05/ 2011 quinta-feira 20h58min

Fim: 13/ 05/ 2011 madrugada sexta-feira 00h48min

Como fiquei feliz quando meu primeiro trabalho teatral foi escolhido a "Peça do Ano". Começou ali uma formidável carreira de escritor profissional, meu sonho de publicar livros realizado. Um emprego na equipa de teatro São Valentin, cá de Passo Fundo, e minha oportunidade de fazer o melhor q'eu sabia: escrever. Considerando o fato de estamos no Brasil, e não nos EUA, e de pertencermos a uma equipa nem tão profissional (ao menos não amadora) n'uma cidade de nem tanta expressão do Rio Grande do Sul, e não de alguma da Nova

York ou ainda Hollywood, ganhar um prêmio assim é um grande estímulo para a minha carreira. Ou foi, pelo menos. Este destaque chamou a atenção do mundo, e equipas mais profissionais – dos EUA – vieram até mim para saber melhor minha disposição para escrever (sobretudo teatro). Foi, de tal forma, estupendo, ademais chamar a atenção do Grupo de Teatro Pabodie & Carter, ou P&C, da U.M.[1], foi algo que engrandeceu meu ego, deixando-me deveras surpreso. Então, quando fui abordado pelo diretor do P&C Gerald Gilman a fazer um espetáculo de horror – considerando o fato de que sou escritor do gênero – não me achei em condições de descartar a ideia, sob o convite de dirigir a peça junto de minha própria equipa (isso indicava que o grupo P&C não entraria em palco), somado ao polpudo incentivo financeiro do Grupo Teatral da U.M., encetei já no dia seguinte uma peça de teatro jamais feita: tanto no Brasil quanto nos EUA. Seria a minha chance não somente de ganhar outra vez o prêmio de “Peça do Ano” como também o de receber o prêmio de “Melhor Diretor Teatral” do Brasil. Com a cabeça na história, eu já me achava recebendo ambos os prêmios em minha mesquinha pretensão. Um erro irreparável.

Havia passado um mês e eu já empilhava um bom par de páginas, todas revisadas. Para o leitor comum, um número escasso de material escrito em trinta dias, mas digo: foi a melhor história que já escrevi em minha vida. E eu estava louco para colocar em prática, nos palcos, minha mais recente criação literário-teatral.

Cento e uma páginas e um final arrebatador. Oras. Aquele espetáculo iria arrancar elogios do melhor de todos, eu pensava. E quanto a data de destes e treinos de palco chegou, meu coração quase parou de tanta excitação; queira acompanhar passo-a-passo o avanço em palco e, como diretor, fiz pequenos ajustes tanto na luz quanto na maquiagem dos atores, sempre sob os olhares atentos de G.G. Exigente, praticamente levei à exaustão, física e espiritual, minha equipa. E sabedor de que minha história quase nem precisou de reparos, um ou outro para manter a praxe, deparei-me com a inquietante certeza de que não ter precisado de reparos não significasse que todos tenham concordado com a história. Em nome da maioria, e em seu também, Felipe veio até mim para falar que havíamos criado um monstro teatral. Aquilo não iria dar certo, segundo suas palavras. Era pesado demais para o público no geral, e também para os atores encenarem. Mas eu insisti e ele, cedendo, parou com as críticas.

Enfim chegara o dia de nossa apresentação. Eu estava ansioso para o início carregado de energia da peça, vendo meus espectadores chegar e tomar seus assentos. Queria ver o pano levantar e o iniciar cheio de cores escuras e sons de vozes ciciando, imprecções e mantras ao fundo e, pela primeira vez, fumaça brotando do chão. O também cicio do ator-apresentador e seu surgimento em meio à fumaça um pouco mais densa no palco, aumentando de vez em pouco até deixar de confundir com as vozes suplicantes e colocá-las a segundo plano, sem nunca cessar, até o fim. Ah! E vê-los no palco, diante de pelo menos trinta e oito pessoas, foi o meu triunfo como escritor-diretor. E sentir o medo e horror da platéia, que não se desgrudava da poltrona, quando muito pequenos saltos de susto (principalmente os marmanjos), foi minha consagração. Eu sabia que todos sairiam mudados daquele espetáculo. “Você não sairá o mesmo que entrou” foi o aviso de cartaz. Será que eles não acreditaram? Eu não brinco em serviço!

□ □

- Então o Senhor não sabe das mortes? – perguntou o Inspetor da Polícia Civil Epaminondas G. Soares.

- Eu não leio jornais. Ademais, muitas mortes ocorrem nesta cidade, Inspetor. Basta ligar a televisão na emissora local: a primeira coisa que dizem é “morreu alguém”. Ficaria surpreso se abrissem o bloco local com uma notícia bacana. “Um grupo de jovens levou alento ao asilo municipal” – respondeu o escritor-diretor Lucas Anderson E. Kun.

- E pelo visto nem televisão assistiu.

- É verdade. Não tenho assistido televisão há duas semanas, antes portanto da peça estrear.

- Muito ocupado com a escrita, garanto.

- Muito. Tenho escrito muita coisa nesse entretempo.

- Ah! Entendo. E tem entrado em contato com sua equipe?

- Em verdade, não – respondeu-lhe – A última vez que falei com eles foi no dia do espetáculo, exibição única.

- Escrevendo, portanto. Mas nem para saber se sua equipe está bem? Viva?

- Não. Infelizmente, quando escrevo, perco contato co’a realidade. Eles já estão acostumados com este período de ausência minha.

- E o Senhor não tem nenhum interesse por saber como eles estão?

- Bem, presumo. Eles têm saúde de ferro, diferente de mim, o único hipertensivo da equipa.

- Hum. Tem se tratado, creio eu.

- Tomo meus remédios.

- Não lhe ocorreu a possibilidade de aquela tua peça teatral ter interferido negativamente na vida dos espectadores?

- “Você não sairá o mesmo que entrou”. É um aviso, e como tal deve ser levado a sério. Mas todo espetáculo tem sua frase impactante.

- E “A Máscara Cai, o Diabo Fica” não poderia ser diferente.

- Correto.

- Então o Senhor não considera o fato de que cem por cento daquelas pessoas terem relatado, de forma diferente claro, distúrbios psíquicos provocados pela intensidade da peça encenada, por sua vez provocado por seu intento maldoso?

- Veja bem, Inspetor. Tudo bem que fui exigente com os atores nos ensaios, mas querer que eles evoluam como atores não é planejar o mal. Uma das formas de provocar a gana de a pessoa atingir seu mais alto grau de capacidade é exigir à exaustão a repetição. Não foi eu quem inventou, apenas sigo a ideia.

- Eu sei. Também sei, Senhor Kun, que levar uma pessoa à completa exaustão pelo seu trabalho pode ser crime.

- Pode. Mas não se caracteriza como tal.

- De fato, não se caracteriza. Mas acho interessante alguns dados que coletei, e pertinente falar que os casos de pessoas que vão ao psicólogo no Brasil vem sofrendo um aumento nos últimos anos, tanto psicólogo quando psiquiatra.

- E?

- É importante exsurgir que só em 2010, aqui no estado do Rio Grande do Sul, foi registrado um alto índice de pessoas que, por um motivo ou outro, precisam de tal auxílio.

- Volto a perguntar: e?

- Vou chegar. No primeiro trimestre deste ano o índice já praticamente bateu o do ano anterior. Isso significa que mais pessoas estão fragilizadas com algum problema, familiar ou não. Aqui em Passo Fundo, ao longo dos últimos quarenta e cinco dias houve um aumento pela procura tanto de psicólogo quanto psiquiatra. Isso coincide com a data do teu espetáculo teatral. Pesquisa minha.

- E o que o Senhor, Inspetor, quer insinuar com isso?

- Insinuar, não. Afirmar. Aquela tua peça provocou esse fenômeno. Vejamos – abriu uma das duas pastas que segurava e dela retirou um material bastante riscado e sublinhado, o script do teatro – Aqui na página dez é possível ler: “E o seu destino...”

- “...e sua alma serão meus.” E daí?

- Na página trinta e um: “CTH...”. Nem sei o que está escrito aqui. Enfim: “retornará de sua morada e, após o invocarmos, faremos a alquimia...” e assim vai.

- Correto. É a parte onde há a conjuração. Embora seja teatro, não tem nada teatral nisso.

- Página quarenta e sete: “Desfigurado Ramiro diz: ‘Tua alma será minha alma. Sou teu Demônio e teu dono. O Diabo...” Mas que espécie de história é esta?

- De horror.

- “Aos gritos Joana pede para pararem, mas nenhum de seus sodomitas, em transe, a escutavam.” Oras! Como uma peça de teatro pode conter uma história assim tão sádica? Como permitiram que isso fosse dado a lume?

- Quando uma história é bem-feita, é espetáculo na certa. Mas o Senhor Inspetor não espera q’eu acredite que foi a minha criação que levou estas pessoas a terem problemas psicológicos; espera?

- Um dos teus espectadores, à saída do “espetáculo de horror”, simplesmente jogou o automóvel que dirigia por sobre as grades do estacionamento do Hipermercado na Avenida Brasil. O passageiro, sua namorada e sobrevivente do acidente, diz que o namorado fez isso deliberadamente, tendo saído da sala em que foi realizada a peça muito transtornado. Ainda acha que não foi por conta de ter assistido sua peça teatral?

- Olha, Inspetor. Acho que sei aonde quer chegar. Incriminar alguém para dar motivos a um acidente. Fico consternado com a vítima, mas dizer que foi por causa da história é demais.

- Não. Porque houve um segundo acidente na mesma noite; por coincidência a vítima também havia saído do espetáculo. E como eu não acredito em coincidências...

- Espera aí! Não vou acreditar que os casos das mortes tenham relação com a peça encenada. Por favor.

- Foi um acidente na estrada, Senhor Kun. Não temos como dizer com certeza que foi suicídio, mas as circunstâncias que envolveram esta segunda vítima me fazem acreditar que sim. O velocímetro travou nos cento e sessenta. Capotar o carro era uma questão de um toque no guidom para a esquerda. Enfim, ainda vamos investigar melhor. Agora, por favor, leia o material desta pasta – e entregou-lhe a segunda que ainda carregava debaixo dos braços.

- Até que enfim. Já estava curioso para saber o que tinha nesta segunda pasta – brincou em tom sério. Mas logo sua brincadeira deu lugar à preocupação e um gosto azedo subiu até a boca quando viu as fotos.

- Então. Ainda acha que tua história não influenciou a vida deles? Vocês criaram um monstro, segundo as palavras de um dos seus colegas de palco; aliás, este aí da foto, morto.

- Não acredito. Suicídio.

- Um tiro na cabeça. Não suportou a pressão pelo Senhor criada. Foi sua última peça; não deixou bilhete.

-O que eu fiz! – a destra tapava a boca. Era Felipe na foto, e não estava nada bem como supunha no princípio.

- Foi duas semanas depois do espetáculo. Vire a folha. Eu sabia que iria chocá-lo. É exatamente como o personagem de Mauro morre na peça, não? Exatamente como o Senhor escreveu! Dois suicídios de colegas seus.

- Ontem – disse, quase sem voz. Havia criado um monstro, sim!

- Ontem. Isso mesmo. E como o Senhor estava ocupado demais com novas histórias, não teria como saber. Tudo bem: acaba de ser informado.

- E agora? – falou sem forças. Havia feito isso. De alguma forma, havia.

- O que o Senhor vai fazer? É isso? Tudo bem, não temos como condená-lo pelas mortes, não agora. O fato de o Senhor ter vindo aqui, entretanto, me faz acreditar que as surpresas de agora despertaram em seu cérebro a verdadeira face da sua culpa. Por ora, e é o que vou fazer, o prenderei sob a suspeita de lavagem cerebral seguida de indução telepática, acho que para início de conversa já é o bastante. Ao longo dos próximos dias saberemos se os suicídios foram ou não motivados pela história; eu acredito que sim. Não me resta fazer senão pedir para o policial Bertoldo contar os seus direitos e levá-lo de minha sala. Passará a noite aqui em bela estadia; só não garanto os quitutes.

□ □

Atualmente espero pela minha condenação em liberdade, em casa. Naquele dia em que me fora dado voz de prisão permaneci até a manhã seguinte sentado e mal acomodado n'uma cadeira de plástico à espera do Delegado Civil. Por falta de provas mais concretas, claro, fui solto da Delegacia, sem antes assinar o documento que me sentenciava a obrigação de esperar a data de minha condenação. Tempo o suficiente, aliás, para as mortes serem investigadas e, eventualmente, serem ligadas a mim. Frente a fatos inquestionáveis, meu advogado de defesa (pago pelo estado) garantiu que minhas chances eram mínimas de absolvição. Não obstante minha não-participação nas mortes, influência indireta poder-se-ia facilmente perceber: eu não era tão inocente quanto imaginava.

Dizem que pagamos pelo que fazemos de ruim. Se provoquei as mortes, e agora até acho que sim, terei comigo uma mancha indelével em minha alma: alguns dizem que acabo de adquirir Karma e, dela, um peso desagradável em minhas experiências futuras. De qualquer forma, Karma ou mancha, terei de pagar por meio d'um acerto de contas – que é a prisão – meus erros e iniquidades. Se eu quis fazer meus atores chegarem a um lugar donde jamais

foram e meus espectadores, sensações nunca dantes sentidas, consegui apenas a minha destruição como ser humano e também como pessoa. Por sorte escrevi naquela peça uma redenção final que ninguém percebeu. Não se trata d'um personagem central, mas d'um que recebeu pouquíssima importância – o coletor de promessas, onde cada promessa adquirida um labéu lhe é apagado – e quem sabe dele poderei me valer. Talvez se eu fizer exatamente como escrevi, conseguirei minha redenção como pecador e porei um fim neste sofrimento. Quem sabe. Quem sabe.

FIM

---

[1] Universidade Miskatônic.

Data : 01/01/2008

Título : Lady Lidiane

Categoria: Contos

Descrição: Quando morri, talvez Lady Lidiane nem imaginasse que ...

LADY LIDIANE

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Nota: Escrito entre as datas de 29/05/2008 e 30/05/2008. Revisado à noite de 26/ 06/ 2011.

Quando morri, talvez Lady Lidiane nem imaginasse que algo maléfico partia meu coração e levava minha alma consigo rumo à Eblis. Lady Lidiane veio ao meu enterro. Talvez todos que lá estavam tivessem alguma ligação comigo ainda vivo, mas somente Lady Lidiane tinha meu coração.

Pouco importava se pertencia a uma família aristocrata, católica ou não, o que eu sentia transcendia o amor, a paixão, era uma união entre almas carentes e saudosas, há muito distantes uma da outra. Pouco importava se eu pertencia a uma linhagem de sangue real, que possuía uma casa tal qual o antigo castelo de meu tetravô, repleta de valiosos objetos, livros e tapeçaria. Pouco importava, também, minha solidão, pois vivia dias de fogo.

Cada lágrima por sobre meu ataúde – por ela derramada – fazia ressoar melodias em meus ouvidos, melodias fúnebres, tal qual meu passado foi. Seu rosto, belo e formoso, passaria a não ser mais igual; restaria sombras pelo resto da vida. Eu a via destacar-se dos desafortunados convivas, e somente agora percebo quão profundo era o sentimento q’eu nutria por ela – profundo e antigo.

Revivi muitas coisas ao seu lado: os breves abraços, breves beijos e os olhares por nós trocados, mesmo sabendo que havia outro alguém que também dela gostava. As noites mal dormidas e os dias mal vividos culminaram para o estado que me deixou apagado, morto. As horas eram como pesados fardos que acumulavam e em mim caíam como o vírus da vida contamina o ser mais afortunado. Por vezes odiava minha sorte, até por ter tido destino assim tão cruel, outras caía em completo desespero, sabendo que Lady Lidiane não me amava, e que eu amava por nós dois.

Lembro que em alguma noite meus empregados me encontraram repetindo monótona e ininterruptamente o nome de minha querida Lady Lidiane. Pus-me a repetir seu delicado nome escorado na parede da sala, luzes desligadas e a lareira apagada, tremendo tamanho frio que passava. Talvez o frio que meu corpo sentira naquele momento não tenha sido nem próximo do frio que agora sinto. Ah! Lady Lidiane. Quantos mundos, quantas dimensões nos separam agora. Sempre que a vejo, vejo-a ao lado dele, mas com os pensamentos em mim, no passado que jamais voltará.

Assim que a última lágrima em mim caiu, fui conduzido vagarosamente pelo jardim de minha própria casa em direção à cripta que mandei levantar. Choros e soluços eu apenas conseguia ouvir, e de Lady Lidiane, seus pensamentos. Penoso foi vê-la acompanhar meu cortejo. Pude sentir meu corpo flutuar, sem forças, sem vida. A leve brisa congelava meu espírito irrequieto e terminava com minha existência. No dia de amanhã, aquele que a abraçava com respeito e carinho não mais existiria. E, em meus ouvidos, a fúnebre melodia ainda soava de forma tranquilizadora, mortal.

Foi tudo por um breve momento, mas um momento que pôs um brilho, que acendeu uma chama de esperança n'um coração que, há muito, havia sido lacrado para jamais penetrar emoção alguma. Lady Lidiane foi a responsável pela cor que passei a enxergar e pela nitidez que passei a ver. Mas foi tudo por um período rápido, que já se foi e nunca mais voltará.

Enquanto conduziam-me pelo trajeto que levava para minha fria e bela cripta, apenas uma última vez pude sentir algo acariciar meu rosto. Quis acreditar que era a mão direita de Lady Lidiane que vinha afagar minha face. Descobri, entretanto, ter sido uma lágrima que percorria vagarosamente meu rosto e perdia-se em minha mortalha. Apercebi-me ser de não mais de ninguém senão a minha própria lágrima. Pois esta era a minha vontade. A tristeza de minha alma, ao vê-la pela última vez próxima de mim, até fazia meu finado corpo chorar.

FIM

Data : 01/09/2010

Título : LINHA: P.F. - HADES

Categoria: Contos

Descrição: Segunda versão – datilografada. História com pano de fundo a Gare de Passo Fundo. (revisado noite 20/ 10/ 2012)

LINHA: P.F. - HADES

Autor: Leonardo Nunes Nunes - Leon Nunes

Escrito: 01 a 17 de julho 2010. Reescrito à data de Primeiro de setembro de 2010.

Segunda versão – datilografada.

História com pano de fundo a Gare de Passo Fundo.

Não é novidade para ninguém que eu possuía um ótimo emprego aqui nesta cidade. Não é novidade para ninguém, também, que eu o perdi por ninharia – malditos interesses pessoais! Nunca fui dado à bebida, todos sabem disso; empobreci também. Para piorar, mendiguei. Fui ao fundo do poço sem nenhum dinheiro, nenhum tostão furado no bolso! Viram-me jogado pelas ruas, sempre acompanhado duma garrafa da bebida mais batizada possível, do mais baixo calão, pegos (algumas vezes roubados) em imundos alcouces; vinhos de procedência duvidosa, uísques de má qualidade – pobre de mim. Poucas eram as vezes que eu voltava para casa – e quando voltava, descobria ter sido usurpado d’algo de certo valor. Muitas eram as noites que eu ficava nas ruas. Pelo menos em sã consciência, jamais usei drogas.

A cidade de Passo Fundo jamais passou pelo horror por que passei. Acho ser este o motivo pelo qual não passo mais pela Gare. De toda forma, a história de Passo Fundo é rica em detalhes, minúcias inclusive documentadas. Foi aqui onde aconteceu as mil e quatorze mortes, sei mais quantos feridos, lá pelos idos de Mil Oitocentos e Noventa e Quatro, a famosa “Batalha do Pulador”. Teve ainda o “Combate dos Vallinhos”, sob o número impreciso de mais de duzentos mortos, pouco tempo antes. Eu poderia ficar o dia inteiro listando os terrores perpetrados nesta cidade, sem, contudo, falar jamais do pior deles. O único episódio – verdadeiro? – de horror da história de P.F., do qual apenas EU posso documentar.

Horror. O que se entende por “horror”? Medo, simplesmente? Esse é o problema. Eu não tenho mais medo, não depois de tudo aquilo que eu testemunhei. Foi há quase três anos.

A história de Passo Fundo narra perfeitamente a época da existência de trem de passageiros (talvez a melhor época da P.F. de se viver), da estação ferroviária da Gare, local onde verdureiros e pequenos agricultores vendem seus cultivares, na época um lugar de luxo, hodierno ocupando função pouco privilegiada (seria ainda um luxo caso houvesse trens cruzando novamente o centro da cidade). Foi justamente lá, na Gare, onde todo o horror aconteceu.

É engraçado falar agora. Somente agora, depois de muito tempo do ocorrido, me vem na veneta contar. Era noite. Disso tenho certeza, a bebida não havia influenciado meus sentidos a ponto de alterar minha percepção de diferenciar dia e noite. Mas foi capaz de me fazer esquecer horário. Eu aprendi a claudicar sem derramar um só pinga do abençoado álcool em minhas mãos. Quem caía era o bêbado, não a garrafa. Naquela noite coberta por uma escuridão anormal, resolvi recostar minhas cansadas costas na cerca da casa de madeira ao lado da antiga estação, cinquenta metros da plataforma de embarque. Alguns carros passavam pela Sete de Setembro zunindo a toda a brida, cuspidos fogo pelas ventas, faiscando aos brilhos refletidos das lâmpadas dos postes de luz, com sua beleza e prepotência, outros com vagar irritante. Muitos dos motoristas que cruzavam a via motorizados faziam-no com o som a todo vapor, escutando músicas que mais pareciam batidas secas de britadeiras

em compasso de outros sons que penetravam em minha cabeça tilintantes. Lembro de ter proferido improperios diversos, sempre ébrio, e voz sussurrante, rouca, sem ninguém escutar. Invisível eu era para a maioria daqueles imbecis. E dos poucos que caminhavam, “olha o bêbado” eu escutava. Motivo de chacota, sem dúvida. Algumas garotas desviavam do caminho com medo, outras nem reparavam a minha presença. A espessa escuridão escondia algo. Eu sentia.

Naquele momento, talvez eu tivesse quebrado a garrafa. Não sei. Quem sabe eu a tenha jogado longe, sabe-se lá. Ou ainda cortado o pulso com os cacos de vidro. Mas nada explica o que passei a escutar. A voz era feminina. “Socorro! Socorro! Ambulância. Chamem a ambulância!” Se bem percebi, dois ou três carros pararam ali bem próximo, todos cheios de dúvidas e uma expressão facial vazia. Daquela mesma voz feminina escutei o mesmo pedido por socorro, desta vez através dum telefone celular. Depois disso, nenhum som chegou até aos meus ouvidos.

Minto. Escutei um som, sim. Escutei um apito de trem aproximando-se. Abri um olho na tentativa de localizar-me melhor. Abri o outro olho e vi um lugar completamente diferente. Só fui perceber que eu estava há muito tempo ali deitado quando levantei. Do chão saíam vapores e, a cinquenta metros, um trem recém-chegado. “Última parada para o destino final!”, alguém gritou de lá de dentro. Do trem parado ainda podia-se ouvir os barulhos das engrenagens funcionando. Ainda queimava lenha na fogueira, ou carvão, tanto faz.

Claudicante aproximei-me. A perna doía, mas já não estava bêbado. Com extremo vagar, minha mente divagava sobre donde teria partido aquele vagonete. Estranhei tanto fogo-fátuo ali. Ali e em qualquer direção que eu olhasse. O vapor aumentava até a altura da minha cintura. Subi pela rampa da plataforma com a vaga ideia de que ali em cima os vapores não chegariam. Não havia ninguém, seja na estação, seja dentro do trem. “Alguém? Alguém aqui?” Tive de gritar, enfiando minha cabeça pela porta aberta (escancarada) do primeiro vagão, a sala do maquinista.

Quando virei as costas, alguém apareceu através daquela porta escancarada (aberta), causando-me sobressalto. “Ei! Eu já o esperava. Estamos atrasados.” Disse a boca com dentes. “Atrasados? Para ir aonde?” Perguntei. “Vamos! Está na hora!” Respondeu. “Hora de quê?” Perguntei em resposta. “Ora bolas. Da tua partida!” Disse-me colocando sua face à luz.

Pendia daquela face um pedaço de carne. Imagine o que não havia pelo resto do corpo? “Entre. Já vamos partir!” Falou com impaciência. “Partir para onde?” Volvi. Qual! Aquilo pulou sobre mim tal qual o mais faminto dos carniciais, arrastando-me para dentro do trem. O maquinista, sabe-se lá donde surgira, deu partida e as engrenagens já começaram a estalar com mais força, colocando o trem em movimento. Eu ainda permanecia agarrado pelo meu atacante, ouvindo as então recém-iniciadas risadas de sarcasmo. Vi, com pavor, nos outros vagonetes em sequência, muitos outros iguais ao primeiro, todos com uma lasca pendendo da cabeça, ou sem o mínimo tufo de cabelos, mormente as mulheres de olhares lascivos. Bebiam sem parar – à minha sorte, ou azar. Riam atoleimados. Aquilo sim era horror!

Voltei-me contra meu oponente. Sua face, agora maléfica, visava em mim toda sua loucura. Ria-se sempre ameaçadoramente. “Para onde estão me levando?” E como resposta à minha pergunta, mais risadas. Ensaiei uma fuga;

vê-los, porém, causou em mim uma total paralisia. Petrifiquei-me. Nenhum membro do meu corpo movia-se. Isso era motivo para cada vez mais rir.

Desesperado olhei para fora. Custei para acreditar no que os meus olhos viam: o trem flutuava no ar! Sem dúvida nenhuma, todos sentiam o meu horror, dele alimentando-se. E em meio às risadas alguém, enfim, respondeu, gritando: AO HADES!

Antes do salto, vi qual direção seguíamos. Caso não tivesse pulado a tempo, eu seria, junto do trem e de todos aqueles à minha roda beberrões, tragado pela fenda que abria-se a uma curva de noventa graus para baixo. Eu seria engolido vivo pelo Grande Precipício há pouco aberto.

Como disse, deixei de ter medo há três anos, aproximadamente. Bati a cabeça com força quando aterrissei do salto, apagando na hora. Quando acordei, dei por mim numa cama de hospital com alguém ao meu lado. Disse-me esse alguém que eu tinha estado em coma por durante aqueles últimos trinta dias (não faço ideia quem seja), tendo acordado somente naquele instante. “Um alívio”. Por fim falou. O que é horror, afinal de contas?

Horror foi quando descobri o porquê da sensação tida ao despertar na cama de hospital. Passados cinco dias reparei naquela pessoa ao meu lado uma estranha semelhança. Não pude conter o grito, aflito, quando percebi que aquela pessoa que velava meu corpo inerte por durante trinta dias era idêntica à face visada naquele vagonete rindo-se do meu infortúnio, do meu terror!

FIM

Data : 22/09/2010

Título : M.M.

Categoria: Contos

Descrição: Conto no livro a participar concurso literário.

M.M.

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Escrito na data de 22 de setembro de 2010.

Nota do autor: Este conto é baseado na ideia tida ao ver uma reportagem no telejornal acerca dos modos diante à mesa. Esta é a minha crítica à maneira artificial de portar-se à mesa, praticada por muitas pessoas que consideram importante tal comportamento. Coincide com a data em que fui entregar o último documento para a participação no Prêmio SESC Literário com meu romance Sombrio Desígnio.

OBS.: conto retirado a compor livro a participar de concurso literário.

Data : 20/06/2012

Título : M.U.I.

Categoria: Contos

Descrição: Conto integrante de livro a participar de concurso literário.

M.U.I.

OBS.:

Conto integrante do livro a ser enviado para participação de concurso literário.

Data : 27/05/2014

Título : Messias

Categoria: Contos

Descrição: Conto publicado no dia 19 de maio 2014 no jornal Zero Hora, Caderno Planeta Ciência, Fricções.

Messias

por Leon Nunes para Zero-Hora,

A série "Fricção", do Planeta Ciência, apresenta narrativas curtas inspiradas em notícias ou temas inusitados da ciência

21/05/2014 | 18h58

Um hacker que lê?

Esqueça isso. Venha dar uma olhada.

Dez monitores. Nunca me canso de ver teu escritório.

Está vendo?

Sim. A Terra.

Hackeei a NASA.

Fez o quê?

Kepler-186f é o nome da criança. A NASA pôs um satélite em órbita a capturar imagens do planeta logo que o descobriu. Em HD; ao vivo. Missão secreta, aliás. Deram o nome de Messias. As câmeras estão direcionadas a 500 anos-luz daqui. Como acha que a NASA descobriu que um ano lá dura só 130 dias? Sem falar que o investimento para criar as câmeras e o satélite não foi barato; na casa dos trilhões. Já pensou? Cientistas falam a todo instante deste planeta. Da missão secreta. Este é o código para escutar o áudio da conversa deles. Consigo trabalhar o Messias sem que me percebam.

Constelação de Cygnus tem plena condição de abrigar vida. O sistema Kepler-186 é zona habitável; não para nós, porém. Está vendo? Nesta tela. Sabe o que é? Vou aproximar a imagem. Não que a NASA nos esconda realmente este fato; só que é meio cedo para largar a notícia. Viu?

Vida.

Messias é praticamente nosso Big Brother. Espantoso, né? Quem diria um gaúcho do interior do Brasil ter condições de hackear a NASA! A imagem não mente. Os cientistas estão falando sobre como digerir a descoberta. Sim, este planeta é real. Só não sei o que o povo faria ao descobrir a verdade. Olhe para a tela a minha frente. É isso mesmo.

Keplerianos. Nunca cheguei até aqui. Tape os ouvidos; tudo indica que primeiro escutaremos o som do vácuo; até isso a NASA anda a captar. Som irritante; a tendência é escutar o som do Kepler-186f na sequência. Ajustei o áudio. Parece estática, né? São os keplerianos falando; eu não entendo nada do que dizem. Deixa ajustar o ângulo. Tá vendo a máquina? Aquela ali. Estão reunidos em

derredor, parece. Tô arrepiado. Sabe o que isso significa? O futuro! Estou gravando tudo. Porei na internet. Esta é a prova! Nós dois estamos vendo. Você entende os sinais que eles fazem com as mãos? A imagem ficou bem melhor. Naquele monitor, o áudio dos cientistas; escute. A NASA está vendo, eu acho. Não parecem amigáveis. Hum. Pelo visto descobriram. Sumiu a imagem. Lá vai a quinta câmera; bastante rápido. Zumbido está vindo daquela máquina. É. Vamos perder conexão. Esse zumbido que não para. Os comandos não respondem. Pronto; perdi. Os keplerianos sabem que estamos observando. Eles sabem. Viu como aqueles carinhas olharam para o alto? A galera vai pirar. Desativado. Olha o aviso na tela. Perdemos.

Messiah Destroyed.

Messias Destruído.

Nota do Autor:

Messias

Conto escrito especialmente para ser publicado no jornal Zero Hora 19 maio 2014.

- favor acessar o sítio abaixo; jornal Zero Hora.

- comentário sempre ajuda.

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/planeta-ciencia/noticia/2014/05/messias-por-leon-nunes-4506083.html>

(antes de clicar no link, arraste-o até outra aba do navegador - isso para que não saia do Projeto Passo Fundo; ou clique no botão direito do mouse e selecione "Abrir em nova aba")

Data : 26/11/2010

Título : Meu precioso desejo

Categoria: Poesia

Descrição: As ruas/Os rios... (revisado noite 20/ 10/ 2012)

Meu precioso desejo

Autor: Leonardo Nunes Nunes - Leon Nunes

Data: 26 / 11 / 2010 08:48 09:04 sexta-feira.  
(digitado à data de 28/ 11/ 2010, domingo 10:49)

As ruas

Os rios

As facas

Os moldes

Tudo apenas insignificância

Ídolos dos mais fracos.

Penso na incapacidade

Humana

Minha incapacidade

Tão-somente humana

De levar adiante um sonho

(ou seria utopia?)

Dum dia realizar meu maior sonho

Dum dia poder ser

algum sonho.

Daí, então, vem meu desejo

Vem meu precioso desejo

Que já nem sei se é tão claro quanto água límpida

ou escuro feito tempestade

De levantar as mãos ao alto

E empunhar, talvez, o instrumento de

Salvação

Cravar no peito

– No âmago!

O meu objeto de salvação

A minha redenção

Desejos dando vazão

De poder, um dia,  
(M)at(m)ar.

Até lá  
Até o dia que eu realizar meu maior sonho  
Sou e continuarei sendo  
Incapaz.

(Pai, Criador ou Existência  
Que mundo é este em que vivemos?  
Que lugar é este que privilegia os mais despreparados – impuros?  
E onde está a remissão dos erros?  
Por essas e por outras  
Não acredito em redenção  
Não acredito em salvação  
Somente nos meus sonhos  
Nos sonhos que um dia hei-de realizar;  
E a dor que não passa  
O tempo que se arrasta  
Prum destino final  
– Que a todos abarcará:  
É morte  
Matar  
e  
Amar.)

FIM

Data : 16/02/2007

Título : Música ou O Prisioneiro

Categoria: Contos

Descrição: Eu não imagino qual foi o crime que aquele sujeito cometera....

Música ou O Prisioneiro

Nota do autor: Conto escrito no dia 16 de fevereiro de 2007.

Revisto para a publicação no sítio do Projeto Passo Fundo em 19 de junho de 2010.

Eu não imagino qual foi o crime que aquele sujeito cometera. Já havia uma semana que ele estava em sua cela, e todos os dias, como um benefício cedido, tocava maravilhosamente sua gaita de boca. Os poucos presos, nas celas vizinhas, e os policiais que lá ficavam, sentiam-se invadidos por um sentimento estranho, uma paz e bonança tal quase impossível de explicar. Nunca falava, não resmungava como os outros presos, apenas tocava sua gaita às três da tarde, em ponto. Não se sabe, porém, como a noção de tempo o fazia tocar sempre no mesmo horário; a janela permitia entrar a claridade do dia estava distante de sua cela, e não havia relógio consigo ou com qualquer outro preso lá dentro.

Fui o único a se interessar por aquilo escondido na toca, a sua prisão; despertou meu interesse e também minha dúvida. Abri sua cela e fiquei sentado no chão, à sua frente, por um bom tempo sem falarmos uma palavra sequer. Ele agia normalmente, sem perceber minha presença, como se eu fosse invisível. Quietamente, com a respiração controlada, olhava para o infinito sem consternação alguma, não movimentava nem braço nem perna, um aceno ou olhar. Que homem era aquele distante um metro e meio de mim? Quebrei o chocante silêncio perguntando-lhe: “Qual é seu nome?” Dele não obtive resposta. Sua tranquilidade era encantadora; então, volto a questionar-me: que crime cometera? Estava quase na hora, ele iria tocar novamente sua gaita para o deleite dos presentes e fãs; meu inclusive. Devagar ergui-me, com a triste sensação de nada ficar sabendo do estranho e novo inquilino. Porém, em voz embargada, ouvi ressoar um pedido: “Fique aqui”. Voltei a sentar onde até então estava e olhei novamente para aquela figura calma logo adiante.

“Houve tempos em que”, começou ele, “o humano não se preocupava, pois sabia o que iria acontecer”. Seu semblante, ainda sereno, não parecia demonstrar fala alguma, os sons de sua boca saíam audíveis, porém em baixo tom, sem seus lábios muito se movimentassem. “Possuía”, continuou, “força e intelecto iguais. Viviam em harmonia com os deuses, principalmente com a deusa Lua. Eram deuses, também. Conseguiram ver o futuro, que prometia ser

belo”, prosseguiu, “cheio de esperança e paz. Mas um deles, um humano, para saber o que aconteceria, disse para todos que viu um futuro escuro”, pareceu esta palavra ter sido difícil falar, “e inquietante. Disse-lhes que sua visão proporcionou repulsas, então essa informação chegou até os deuses.” A partir daqui, lembro, lágrimas percorriam involuntariamente seu ainda sereno rosto como a vertente d’água do rio mais belo dos sonhos. “Ouviram-se explosões, sentiu-se a ira dos deuses, até caírem todos os humanos na desgraça e na ira de seus deuses. Acreditaram os deuses, que a raça inferior mentira sempre, e que deveriam pagar por deixar chegar nesta situação. Enegreceu-se o tempo, passando a correr mais rápido e dolorido; os humanos estavam fadados a envelhecer e morrerem, pois a decisão já havia sido tomada. Passaram a viver abaixo da miséria implorando pelo perdão, rastejando para sobreviverem”.

Fez-se silêncio. Fiquei sentado por mais alguns minutos vendo-o da mesma maneira, até puxar a gaita com as mãos debaixo do colchão ao lado. Porém, antes de começar a tocá-la, e antes de minha saída, disse-me ele: “Meu único crime foi ter vindo para cá”. Mais uma vez, uma harmoniosa melodia saía da gaita daquele sujeito que até agora não sei o nome. Se me perguntar: procurou nos arquivos? Responderei sim. Neles, a única coisa constava era: “encontrado vagando pela cidade”.

Não sei o que foi feito dele, nem tampouco o esqueci. Sua música ainda está viva em minha mente, quando fecho os olhos, seja onde for. Aquela canção era totalmente diferente das q’eu havia escutado anteriormente. Era própria de um sonhador.

Data : 13/06/2013

Título : Na hora mais virgem do dia

Categoria: Poesia

Descrição: Na hora mais virgem do dia Neblina espessa, brancura total Dispo-me da pele de meus anos

Na hora mais virgem do dia

Leon Nunes

Na hora mais virgem do dia

Neblina espessa, brancura total

Dispo-me da pele de meus anos

De modo a sentir os encantamentos de antanho.  
Força que emana d'outras paragens  
Distância qual não se pode mensurar  
'inda pequenos meus passos  
Através da brancura serração vou passar.  
Sentir em carne-viva os poderes de outras épocas  
Pelo meu corpo sem pele dos anos percorrer  
A brisa gélida no rosto soprar  
E o intenso do momento sorver.  
Poder d'outrora sentir me banhar  
E pela brancura total  
Sumir,  
Desaparecer.

Deste sonho  
Não quero mais acordar.

Leon Nunes

13 de junho de 2013 08h 23min – 08h 36min quarta-feira

Poema baseado em sonhos. Verso primeiro, e que dá título à poesia, Na hora mais virgem do dia, escutado em sonhos da madrugada última que se passou.

Data : 04/12/2017

Título : Não deveria ter feito um novo amanhã

Categoria: Poesia

Descrição: Eu avisei

## NÃO DEVERIA TER FEITO UM NOVO AMANHÃ

Eu avisei para você não voltar ao passado  
De que você poderia destruir a linha temporal  
Eu avisei para você não fazer  
Você destruiu o presente.  
Foi pura teimosia  
Mexer com o tempo  
E gora não há tempo  
Para voltar,  
e o que foi feito  
Ninguém pode consertar.  
Qualquer indício de futuro, foi aniquilado  
Substituído  
por um agora diferente, pior.  
Eu avisei, você não escutou.  
Correu o risco, tem de pagar  
Ter brincado com o tempo  
Um erro que leva à morte.  
Você ouve este ruído?  
O estertor daquela linha quebrada e apagada  
Criou-se uma realidade alternativa  
E ninguém lembra daquela morada.  
De quem é a culpa?  
Minha é que não foi  
Eu transito no entre-tempo  
Sei o que é feito  
Também do que não foi.  
Eu avisei  
Pura questão de escolha.  
Só você lembra daquele tempo que você destruiu  
Agora todos agem diferente  
sem a mínima noção do que teria acontecido

acaso não houvesse sua intromissão  
e a queda.  
Não, não há como voltar  
(pelo menos não antes da realidade alternativa)  
Nem mesmo desfazer os passos  
Porque, agora, toda mudança fora atada,  
e os nós, incorruptíveis.  
Algo dentro de ti fê-lo agir daquela maneira  
Você foi levado por sentimentos estranhos  
Tem de enfrentar as consequências.  
De que adianta ficar de joelhos  
Chorar pela ausência dos seus  
Quando tudo poderia ser evitado  
E nenhuma enfadonha paralela realidade  
viesse existir?  
Brincou com o tempo  
O Tempo cobra as alterações  
Cobra também sua vida  
(que aqui não deveria existir)  
e todos os pertences  
que não te pertencem.

Leon

Data : 12/08/2012

Título : Não recitai diante do espelho

Categoria: Contos

Descrição: Eu não entendo porque mamãe nunca permitiu mexer nas coisas de vovô. Dizia ela que eram velharias sentimentais e sem valor...

Não recitai diante do espelho

Leon Nunes

Nota do Autor: Quando fui convidado a participar da Antologia Autores Fantásticos (maiores detalhes mais adiante), cujo tema era pegar um autor importante e colidir ficção e realidade [neste caso Lovecraft], veio-me a ideia de escrever não somente um conto, mas dois (não fosse minha internação no hospital, teria sido três). Este foi o primeiro conto escrito – embora eu tenha escolhido o segundo para nela participar.

É possível perceber vultos de histórias que Lovecraft viria escrever mais adiante. Há também neste conto a minha contribuição ao eterno “Círculo de Lovecraft”, o livro Barlium Nokovissis.

Escrito 04 de agosto de 2012, sábado, & 12 de agosto de 2012, domingo.

“Há em certas coisas antigas um vestígio

De nebulosa essência, além do peso e forma;

Um éter subtil, indefinido

Ligado às leis do tempo e do espaço.”

Continuidade, Os Fungos de Yuggoth – Lovecraft

Eu não entendo porque mamãe nunca permitiu mexer nas coisas de vovô. Dizia ela que eram velharias sentimentais e sem valor; perda de tempo. Mas nunca explicou o porquê de eu não olhar os objetos, as cartas, quaisquer relíquias do passado que para vovô havia sentido, para ela não. Respeitei-a. Nunca entrei no sótão, embora vontade fosse muita. Respeitei-a enquanto estava viva. Agora, porém, depois do sepultamento mais que dolorido, não seria desrespeito abrir a porta e dedicar alguns minutos desta minha tristeza em companhia de vovô. E como um homem que encontra tesouros valiosos, tudo que vi intumescer minha alma da mais pura exuberância do saber eterno. Igual a um aprendiz, dediquei mais do que alguns minutos ao que meu avô sabia. E com quem ele se correspondia.

Deparei-me com uma série de cartas, alguns cartões postais, missivas entre ele e grandes do passado. E quando encontrei uma carta em específico – não uma carta, mas um verdadeiro manuscrito; estaquei. Li debaixo do abajur na escrivaninha de vovô, no próprio sótão. Um manuscrito de pouco mais de quatro páginas, em inglês. Além dele, claramente escrito por vovô, em português, uma observação pertinente: Este manuscrito só pode ser lido distante do espelho. Quem o escreveu sabia o que falava. Howard tinha rompantes

assim, literários. Mas era mais do que isso. Era além do que a literatura convencional nos apresenta. Fora dos padrões positivamente literários. Realidade. Pura e simples. O conheci numa daquelas convenções literárias na Nova York dos anos vinte. Recém havia casado – Sonia era uma mulher linda. O tempo e a convivência nos fez amigos. Talvez receoso pelo resultado que pudesse levar uma simples leitura por um leitor comum, Lovecraft mo entregou, pedindo para que eu nunca mostrasse a ninguém aquele feixe de folhas manuscritas. Confiou-me estes manuscritos: ele não os queria consigo. Eu aceitei a tarefa. Acho que consegui.

Embora o manuscrito termine incompleto, numa tradução rápida o texto de Lovecraft é transcrito abaixo:

Não obstante Sonia durma tranquila, há coisas que permeiam este ambiente infestado de Nova York. Não obstante meus sonhos, pesadelos do mais puro macabrisimo, outros verdadeiramente oníricos, nenhum deles mundanos, a pior de todas as sensações sinto agora, desperto. Forças que eu não sei se vêm de Dis ou da fictícia R'Lyeh e atravessam esta simples estrutura de ferro e vidro. E por pura infelicidade, sem saber, foi Sonia quem a comprou e a trouxe para casa. Uma estrutura a um canto do apartamento (nosso quarto), lado oposto à minha escrivaninha, composta por um espelho de pouco mais de um metro e meio e ferros em derredor, decorativos. Preocupa-me o fato de minha querida não saber disso; Sonia anda ocupada com a loja de chapéus que quase não reparou este detalhe. Eu sim. Da pior forma.

Sinto repulsa por este espelho. É algo difícil de explicar, um sentimento até pior do que minha aversão pelo mar.

Dediquei-me, e ainda me dedico, a histórias que vislumbro em sonhos, e foi logo depois de meu último pesadelo que eu percebi, enquanto o escrevia, que a imagem refletida no espelho balanceava. A todo instante meus olhos caíam no espelho, no reflexo sob o reflexo. Uma forma estranha, se o termo estranho for capaz de qualificar o que vi. Suado, tendo escrito meu sonho, pelos detalhes ainda frescos em minha memória aturdido, aproximei-me daquela imagem escondida e disforme com uma miscelânea de sentimentos – medo, aflição, curiosidade, repulsa. Afinal, a despeito do que vejo e toco em sonhos, trata-se da primeira vez que vejo e toco no que não parece haver uma explicação racional ou científica. E o que meus olhos diziam realidade, meu cérebro cria que não passasse dum sonho dentro ou após o outro. Isso me caceteia muito.

Estiquei o braço, um pouco ofegante. Estranho é que senti as pontas de meus dedos afundarem naquele espelho como em águas profundas, gelado. Não era água, todavia; não encontro, porém, outro termo para explicá-lo. Experimentei a mão inteira e, ao tirá-la, constatei-a seca. E fria. Muito fria. Controlei a aflição. Mais parecia uma peça avulsa de meu Herbert West do que minha, viva. Olhei de volta para Sonia, tremendo, e a vi quieta, dormindo. Decidi. Se eu encarava horrores em sonhos, aquele eu poderia ao menos ver. Desperto.

Pus de volta a mão. Enterrei o braço junto dela e senti uma fora do outro lado me atraindo, sugando-me. Não resisti a puxada, embora tentasse tirar o braço dele; uma luta, no fim, contra mim mesmo. Sonia nem reparou minha

agitação. Quando percebi já estava tragado. Viajando como viajava em sonhos. Encontrando horrores como neles encontrava também.

Caindo como caía, gritando alocado, aflito, no mais absurdo escuro, fui dar a um monte numa praia. Ela me parecia deserta. Deserta ao menos de vida como conhecia. Afinal, naquela praia, areia e água para todos os lados, repousava, não pude identificar direito, uma criatura com características marcadamente marítimas. Pensei na possibilidade de descobrir o deus polvo morto, mas nem de longe me pareceu um polvo. E nem morto. Criatura como aquela só imaginei em Innsmouth. Estava lá, porém; esticada sob uma areia fina e muito quente. Minha repulsa pelo mar, pela vida marinha como um todo por consequência, só aumentou. E se havia um pingo de lucidez naquilo que eu via, ele se desfez pelo calor e também pela presença da nefanda criatura. Viva, para meu desagrado. E respirando, embora com dificuldades.

Cheguei próximo dela. Aquele cetáceo humanoide, ou qualquer coisa meio peixe meio homem, reboleou e se ergueu desajeitado, provocando em mim um gemido de susto. Me faltava saliva, mas ainda assim tentei chama-la. Ouvei dela guizos, sussurros e gemidos saindo da garganta com brânquias. E respostas vindas de além-mar. Névoas se confundiam com as águas mais distantes em alto-mar, e dentre elas percebi uma silhueta deveras aterrorizante. Voltei a olhar a criatura e a vi, de pé, diante de mim, rindo um riso zombeteiro, num misto de cobra e sanha. Perfeito para um homem enlouquecer.

Eu tremi, prostrado diante dela. Diante daquele novo horror a mim ofertado.

No instante seguinte me vi caindo novamente no silêncio ensurdecedor do escuro, vozes somente em minha cabeça. Senti o vazio da passagem atravessar cada poro de meu corpo, desprezando-me. Sem querer deparei-me diante do temido Neconomicon, mesmos sabendo ser ele minha própria criação. Só que na ficção eu não sentia o cheiro nauseabundo dele, como lá pude sentir. Veio até mim, com o claro desígnio de manuseá-lo, outro de personagens meus – o louco árabe. Abdul olhou para meus olhos e riu. Riu uma risada que ninguém nunca deveria escutar, devolvendo-me à queda na escuridão outra vez.

Eu gritei. Pedi por Sonia, a intervenção dela. Pensei em Armitage. Nos horrores ancestrais que considerava nada além do que ficção. Nas linhas excêntricas que escrevia e ainda escrevo. No que viria me acontecer dali para diante. Em minha própria vida (diante de tal aviltante segredo). Pensei. E de tanto pensar não reparei que não mais caía. Olhei de volta e me vi diante de outro livro. Não na biblioteca da Universidade Miskatonic, pois em derredor tudo era escuro e invisível. Mas sentado a uma mesa, horrorizado, folheando sobre ela o Barlium Nokovissis temível. Meus olhos vidrados, pasmo, liam, sentiam e recitavam mentalmente um de tantos mantras abomináveis; coisa de Castro. Língua morta que somente um alto iniciado sacerdote leria, imitei os decaídos Whateley e pus-me a recitar freneticamente conceitos execráveis como um autômato, sem saber exatamente o que fazia.

Gritei ao olhar de volta para a opaca escuridão. Caí outra vez, daquela segurando o detestável Barlium em minhas mãos. Mãos conspurcadas. Manchadas de sangue. Sangue verde e vermelho. Meus e não meus. Mãos autômatas, que abriam contra minha vontade o tomo à procura de

encantamentos sem fim, mas que terminam e iniciam em si mesmos. Algo como início, meio e fim, sendo o fim o próprio início. Caindo. Sempre caindo.

Não atinava o quão demorado seria minha viagem pelo espelho. Nem quais horrores mais eu encontraria. Desesperado (neste ponto já havia desistido de voltar a Sonia), profundamente quedado diante de revelações vis, perdi o que eu considerava mais importante em minha vida: minha capacidade de raciocinar. Minhas faculdades mentais (acaso dentro daquele mundo em minha bagagem elas eu carregava) esvaíram-se como águas que escorrem pelos dedos das mãos. E mesmo que eu tente, nunca haverá palavras o suficiente para expressar o horror que vi. Que presenciei.

Um mundo diferente sobre todos os aspectos de natureza terrestre. Verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Não à-toa as quedas inevitáveis e inesperadas. Sem nunca tirar o Barlium das mãos, um novo lugar fui acordar. Em meio à água, talvez, cujo ar pesado eu respirava e me engasgava, carregando meu livro debaixo dos braços (eu já o aceitava como meu), tocando a frieza daquele lugar a cada palmo que percorria, resolvi entrar a uma cripta que somente em sonhos eu via. Como tudo era novidade, não esperava nada humano naquelas terras. E apesar de realmente nada ter de humano, estaquei diante de uma escultura meio cefalópode meio desumana. Haveria de ter não muito mais de um metro a partir da base, esta sim a um metro do chão com certeza. Na base uma silhueta incrustada em pedra-sabão semelhante a ninguém do que a mim. Ao redor da imagem de minha face, desenhos dos mais tenebrosos significados, inscrições – ao menos sob minha perspectiva – blasfemas. Olhei de novo o Barlium Nokovissis e o folheei até uma página que não recordo. Li e estudei, célere, o que teria de recitar, e pus minha voz em força descomunal bradar aqueles dísticos de outrora, os que eu considerava ficção. Do que criei e escrevi, dos sonhos que sonhei e vivi, posso apenas deles deduzir tratar-se de autêntica verdade, além do fato de ter sido tão-somente eu o enganado. Cthulhu não está morto – é apenas a ausência do termo correto. Sonha em R'Lyeh sim, e seu sonho é a morte da humanidade. O princípio. Princípio do fim. Fim, ao menos meu, tão próximo. Saber o que sei me faz menor do que sou. Cthulhu eterno. Espera sonhando. Acordai Cthulhu. Para ser de novo o Rei. Acordai YÄ Go My. Acordai de e para o pó estrelar. Rasgai os espaços entre os espaços. Teu lugar é só teu YÄ! Dos seus YÄ! De mais ninguém. YÄ. Cthulhu! Go My YÄ. Fhtagn! Diante da criatura esculpura e também de minha própria face – face.

O manuscrito tem seu final repentinamente interrompido. E não obstante os avisos que permeiam a realidade manuscrita, fui tolo por não averiguar o que mais havia dentro do sótão. Quisera eu ter olhado melhor as relíquias-velharias de vovô. Quisera ter deixado por último a leitura daquelas folhas amareladas com o tempo. Assim teria percebido também a mobília coberta por um pano de cor bege que cede ao mais leve toque. Teria descoberto mais cedo o espelho que Lovecraft narrara. Teria atinado que atrás do reflexo normal havia outro, disforme feito água. E que depois do que Lovecraft vira, fácil deduzir, além dos manuscritos, também fora dado a vovô o espelho. Por conta das imagens escondidas.

Eu pus tudo a perder. A promessa de vovô.

Conter o ímpeto de pôr o braço espelho adentro, agora já recitado o dístico – tarde demais. Da estrutura lisa cromada é possível ver atrás da imagem virtual refletida outra, de sonhos, em silhueta. Talvez minha tristeza mitigasse – talvez só aumentasse. Emanações que vêm de antigos lugares e atravessam o espelho. De antigos deuses. De antigas sabedorias. Vetustos olhares e mundos.

Certamente dos Grandes Antigos.

FIM

Data : 30/04/2013

Título : Névoas de sonho à sombra

Categoria: Contos

Descrição: Não pretendo tecer toda a história e toda transformação a que fui vítima, senão um proposital breve relato do que me aconteceu;

Névoas de sonho à sombra

Autor Leon Nunes

Não pretendo tecer toda a história e toda transformação a que fui vítima, senão um proposital breve relato do que me aconteceu; sem falar no fato de que tive de me acostumar a esta metamorfose biológica, reaprender a escrever com a mão que ainda não se transformou de todo. Acho que não me acostumei a este novo corpo – venho pensando em suicídio faz um bom tempo. Meus dedos, os que completaram esta mutação vagarosa e dolorida, transformaram-se em uma espécie de tentáculo ou membro cuja extremidade é uma ponta viscosa e, parece-me, dona de vida própria. Minhas pernas, duas hastes compridas e membranosas com pelos na sola; meu peito repleto de fungos. Meu coração, um tabernáculo de sei qual aberração.

Disse vagaroso, mas esta transformação deu-se com certa e espantosa velocidade – se analisado a partir do fato de tê-la percebido há pouco mais de um mês. Recordo (motivo provável de minha doença) que o Exército andou em polvorosa cá no Brasil há cinco meses, aproximadamente; a mídia fez questão de abafar, mas o caso é que, descobri por internet, perdeu-se o controle de um

vírus estudado nos laboratórios da ByBrasil. Houve apenas um prejudicado nesta manobra atabalhoada.

Naquela noite do dia cinco a neblina forrou minhas propriedades e pareceu invadir, irradiar por entre as paredes uma fumaça inodora que só aos poucos foi engrossando. O ar, apesar disso, não ficou pesado – pelo menos não me pareceu difícil de respirar. Não obstante a estranheza daquela repentina neblina, por não ter ideia quanto a origem daquela bruma tudo me pareceu normal.

Por um tempo, tão-somente.

Quando, motivado apenas por curiosidade, olhei para fora, vi no lugar da luz da lua uma brancura que não se explica; acho que algo me fez ir até a janela, não sei. Observei pelo vidro que a intensidade daquele fenômeno aumentava de acordo com o passar dos minutos (lá se ia a aparente normalidade). Achei ter visto movimentos estranhos, furtivos, mas naquele momento senti meus olhos pesados, enevoados; caí num torpor cujo sono fora, creio, embalado por mãos inumanas – sei disso porque a última imagem que carregou, uma efígie apenas, foi de mãos ou garras me encostando, voluptuosas.

Na manhã do dia seguinte (adormeci ali mesmo, na sala) vi em derredor de minha casa pegadas desproporcionais – pés ou patas dir-se-iam gigantes circundavam-na, displicentes. O próprio dia amanhecera carregando consigo uma luz avermelhada que não se esquece, irritando os olhos de quem vê.

Descobri posteriormente que o Exército Brasileiro estava envolvido até o talo com um projeto secreto cujo nome e cuja abominação não sai mais de minha mente. Névoas de sonho. Para piorar descobri, através de minhas pesquisas – não houve nenhum relato no país que se referisse direta ou indiretamente ao fenômeno; que apenas minhas propriedades foram infectadas; malditos aviões.

Meu corpo dói. Mas esta dor foi sobrepujada pelo horror em que estou sendo transformado. É minha intenção não deixar terminar esta metamorfose biológica, assim como cessar meu relato. Recuso-me a falar mais sobre; é por demais aviltante esta minha situação. No que estou me transformando e no que serei mais adiante: é por demais contra meus princípios. E aguentar não sei se vale a pena.

Estou decidido a acabar com tudo isso.

FIM

---

Escrito para o ebook do site Revista Fantástica. (ainda a ser lançado)

30/ 04/ 2013 terça-feira 20h 50min – 22h 12min

Digitado 01/ 05/ 2013 quarta-feira 9h – 9h 59min

Nome do conto inspirado pelo “Mínimo de Sugestão”, como quis Henry James, obtido por um fragmento do inteligentíssimo conto detetivesco “Arquivo nº6: Além das sombras” de Joe Gore.

Data : 07/11/2009

Título : O dedo da mão direita

Categoria: Contos

Descrição: Falam que caminhava, assim sem rumo, só que ele não apenas caminhava, mas ...

## O DEDO DA MÃO DIREITA

Por Leonardo Nunes Nunes

07 – Novembro – 2009

Dizem que seu nome era Renato. Mas particularmente eu não acredito nisso. Para mim, seu nome era Lucas. Falam que caminhava, assim sem rumo, só que ele não apenas caminhava, mas fugia de um fantasma que há muito o perseguia. Percorria a estrada, que era de chão batido, em busca de qualquer lugar que pudesse dar abrigo, afinal era necessário fazê-lo; não estava ele espairando a cabeça simplesmente, estava esgueirando-se do passado, ou antes disso, tentando compreendê-lo.

Viu o abrigo perfeito não muito distante, a passos lentos chegou até a casa. Não hesitou em bater à porta. Foi recebido de forma cordial por dois solitários anciões, um casal maravilhoso em que lá habitava. Contam que seu aspecto físico era deplorável, e que o semblante em sua face sisuda demonstrava que a preocupação o consumia por completo, e com violência. Bebericou uma xícara de café e mal tocou nos biscoitos que lhe foram servidos. Permaneceu em silêncio sob o olhar atento daqueles dois pares de olhos – um deles azuis, e o outro, verdes. Foi só depois de alguns suspiros e de um respirar fundo que conseguiu reunir forças para falar.

“É provável que ninguém acredite em mim, é provável que acharão que estou a inventar coisas. De qualquer forma, eu preciso tirar esse peso que eu carrego desde então”. Nenhum dos dois anfitriões deixava de prestar atenção no que lhes era narrado, acho até que chegaram a prender a respiração para não interferir no que ele falava. “Quando estamos desamparados tudo de ruim acontece ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo! A minha vida inteira tive de conviver com dúvidas, com o fracasso, desacreditado sobretudo. E viver dessa forma é carregar os pecados do mundo, e abdicar do dever de ser feliz. Não seria diferente, hoje”.

Seu olhar mirava um horizonte que só ele enxergava. Para o casal, que cada vez mais nutria interesse, saber exatamente o que seu novo hóspede sentia era o mais importante agora. E com voz bastante fraca, o nobre ancião não evitou perguntar sobre o motivo que o fez escolher por aquelas paragens perambular. “Não sei exatamente. Apenas procuro abrigo”; foi uma resposta automática. Talvez nem ele sabia o que sentia, ou pelo menos não conseguia colocar em palavras. Mas não era necessário muitas explicações, os nobres anciões o compreendiam muito bem. E isso já era o suficiente para que Renato – a meu ver Lucas – se sentisse melhor. Então ele continuou: “Eu olho para a minha mão (direita) e sinto que tudo deveria ser diferente. É só esticar meu dedo para os céus que meus olhos veem o sinal que tanto me assusta. E aí me dou conta que não existe cura para o meu mal, uma síndrome que carregarei até o fim de minha vida”. Dali para diante, calou-se. Nem os anciões falaram mais. Deduzo que permaneceu naquela casa [1] até o dia seguinte.

Alguns afirmam que Lucas [2] viajou para nunca mais voltar, outros falam que mudou de nome e conseguiu superar. Mas acho que encontrou o que tanto queria: a morte. Nunca mais foi visto em lugar algum.

O problema é que ninguém entende o que se passa na mente de alguém que sentiu na pele, e na carne, a dor proporcionada pelo mal que carregamos em nossos genes. Sartre estava errado ao afirmar que o inferno são os outros. Na verdade, o inferno somos nós.

FIM

Nota do autor: Escrevi esse conto especialmente para ser lido no Sarau Liter

ário tido na Sexta-feira 13 de novembro 2009, na 23° Feira do Livro de Passo Fundo.

Publicado no jornal Rotta com pequenas modificações.

---

Data : 01/01/2009

Título : O estranho caso da igreja queimada

Categoria: Contos

Descrição: Conto dum romance que ainda escrevo, ambos baseados em eventos reais.

O estranho caso da igreja queimada

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Nota: Conto escrito entre os dias 17 e 18 de abril de 2009; trata-se d'uma história curta do romance que 'inda escrevo, ambos baseados em fatos reais. Revisado na tarde de 25 de junho de 2011.

## PARTE I

O que estou para contar ocorreu nos anos 1950, aproximadamente. Eu não era vivo naquela época, mas meus pais sim. São poucos os registros sobre a igreja e sobre os padres que nela ministraram missa. E foi através deles, dos registros e dos meus pais, que fiquei sabendo do ocorrido. É a primeira vez que eu conto os acontecimentos.

As pessoas que moravam na Sede eram, todas elas, devotas a Deus. Muito mais do que hodierno. Iam à missa aos domingos sem falta, e na igreja, vez ou outra durante a semana, confessar-se-iam. Tinham no padre um ícone de santidade, e acreditavam nele piamente. Padre Germano C. era um sujeito sisudo, poder-se-ia dizer à moda antiga; as pessoas o respeitavam até demais,

mas ninguém estaria errado se dele falasse ter medo, pois as fotos não negam: seus olhos atrás daquelas lentes pareciam esconder algo. Sua postura, dizem os que podem lembrar, era de um sujeito esguio; era magro, também; sua larga testa, e seus cabelos, praticamente ralos, atestavam esta eventual afirmação. Bem da verdade, dizem alguns (os anciãos daquela terra) que havia chegado, d'uma longa viagem, um tal de D. With, e que em Germano via nada mais do que um sujeito de alma suja, mas não há registros o suficiente para isso afirmar.

A Sede, hoje emancipada, tinha a igreja e sua torre no ponto central da cidade. Alguns metros dali, um armazém simples, mas bastante frequentado, local aonde muitos iam para beber cachaça. A cidade não era grande, mas a região da qual ela fazia parte, sim: fazia divisa com o Município de V., ao sul; M. e I., ao norte; C., ao oeste; e S.J., ao leste. Havia muitos moradores, donos de extensas áreas de terras, para todo o canto da Sede. Um florão de terra, como se pode facilmente perceber através dos registros oficiais.

## PARTE II

Só pode existir uma ligação. Nem hoje, dias de intensa violência, coisas assim por lá acontecem. É bem provável que o caso tenha sido abafado por outro caso, um consequência do outro.

A primeira “vítima” foi um sujeito que praticamente vivia na igreja, auxiliava Padre Germano C., e era bem recebido em qualquer lugar que ia. Toni, como era chamado, morreu por envenenamento, é o que conta o pessoal mais antigo. Segundo eles, um médico foi quem constatou o motivo da morte. Morreu dentro da igreja, sozinho, sentado em um banco. Morreu orando. É claro que o povo ficou muito mal, chateado por perder alguém de confiança, um irmão de fé. Seria como perder a si próprio.

A onda de doenças e morte não tinha parado por aí, entretanto. Fabricio Brassiani, de uma semana para outra, caíra de cama por uma doença que nem o melhor doutor foi capaz de curar, ou como foi dito: chance baixa de sobrevivência. Não deu outra. Depois de dias de sofrimento, momentos lúcidos, outros não, de visitas de parentes e amigos, faleceu, dando um certo alívio para sua família que o via cada vez mais afundar-se nesse estágio final – e rápido – da doença. Seu enterro foi marcado pela presença de muitas pessoas que moravam na Sede, bem como de algumas que moravam nas cidades vizinhas.

Não é fácil lidar com a morte. As pessoas procuram entender, mas a tendência é ficarem mais decepcionadas – com a fragilidade da vida – quanto mais tentam procurar um motivo para a morte. Essa é uma característica humana. A morte tem a mesma faceta do fracasso. E, para somar à sensação de espanto, é inevitável. Fatalmente acontece. É perfeitamente simbolizável.

## PARTE III

Dizem (incrivelmente os mais céticos dentre os anciões) que Padre Germano C. também rezava n'outra língua. Quem ouviu, dos poucos que o ouviram, ainda hoje tenta entender qual era o teor daquelas rezas. Como o povo era muito devoto, e bastante ingênuo, esse detalhe havia passado despercebido, sem a menor importância, desde que Padre Germano C. rezasse os Padres-Nossos e as Ave-Marias, e dissesse todo o santo dia o nome aveludado de Deus. Analisando o povo daquela época, essa parecia ser a única condição que determinavam.

Essa estranhice é relatada pelos mais velhos, que dizem ainda terem visto esse mesmo padre aparecer com a batina bastante suja de poeira em alguns dias durante a semana, vindo direto da sacristia. A igreja toda suja? Talvez só no dia em que sofrera uma boa reforma.

Interessei-me sobremaneira por esta história. Corri atrás de informações. Viajei até o município onde antes se chamava Sede, e fui direto para a igreja, hoje mais bela e um pouco maior, ainda sustentando sua torre de 15 metros, aproximadamente – a única lembrança do passado 'inda viva. Falei com o atual pároco sobre tudo que nela aconteceu, e pedi algumas provas também. Os registros apresentados possuem a informação do desastre em evidência, todavia somente naquela igreja a carta que Padre Germano C. havia escrito tempo antes de sumir era possível encontrar.

Até fiquei surpreendido quando o padre respondeu positivamente ao pedido de empréstimo. Claro que aleguei apenas curiosidade quanto ao fato. Menti, mas mentiras assim são perdoáveis. (Não é?) Meia hora depois, com a fotocópia em mãos, o original da carta entregue já estava em seu devido lugar. Despedimo-nos e logo em seguida tomei o caminho de volta. Passei a viagem inteira pensando nas letras que diziam o q'eu queria saber. E também em algo que ele sequer percebeu.

A carta tem um sentido ominoso: cada vírgula, cada ponto traz um mistério que jamais será revelado. Seu conteúdo nunca chegou a mãos que não das dos padres subsequentes. É a primeira vez que olhos alheios tanto aos acontecimentos quanto à classe eclesiástica lerão o teor nela encontrado. E é essa mesma carta que comprova a loucura que Padre Germano C. fora acometido.

DESTINADO A GILIO FLESCHE, PADRE ADJUNTO DO MUNICÍPIO DE V.

DATA: \_\_\_\_\_

Gilio. Como todos sabemos, o destino de um homem é traçado por Deus. Não quero ser o causador de desgostos em minha cidade, então peço cautela quanto aos nossos planos.

Informe Jorge Beldermann sobre a chegada de Don Marciliano, e previne-o manter-se distante dele. Don Marciliano só vai atrapalhar o andamento de nossos planos.

A data da transformação está chegando. E a data de nossa reunião, aí no Município de V., também. Quero falar uma coisa sobre a nossa reunião: o horário está ótimo. Eu só não gosto que o povo me veja dirigindo.

Muitas coisas serão decididas, poderemos nós mesmos mudar o destino; será essa a força que nos tornará eternos. Talvez essa seja a solução. O livro está bem guardado.

PADRE GERMANO C.

IGREJA DA SEDE

#### PARTE IV

Mais pessoas morreram. É o percurso natural da vida; mas não quando as pessoas em questão são encontradas mortas sob circunstâncias estranhas.

O mais chocante do que as mortes foram as violações de alguns túmulos do Cemitério Augusto César. Onde antes havia restos mortais, passou a ter apenas um vazio bastante assustador. Que bandido teria roubado os corpos dos falecidos não há muito sepultados? Bandidos religiosos, digo.

Foi o que aconteceu com os túmulos de Toni e Fabricio Brassiani. Relatos de pessoas de mais idade narram o desespero da família Brassiani, e de alguns outros que tinham sofrido com o ataque dos túmulos. O que pensar sobre isso?

No entretanto, Padre Germano C. já tinha tido a tal reunião. O resultado dela ninguém ficou sabendo, mas não é difícil adivinhar. Foi o próprio que inspecionou o cemitério em busca de alguma coisa que pudesse esclarecer o caso. Os relatos também falam de sua dedicação na procura. Por fim nada encontraram: com o auxílio de Germano, simplesmente fecharam os túmulos violados com a terra retirada. Um fato isolado? Eu acho que não.

## PARTE V

Padre Germano C. ministrara sua última missa de domingo. Padre Gilio Flesch ocupou seu lugar, assessorado por Padre Jorge Beldermann. Depois disso, Padre Germano C. não foi mais visto.

Gilio era um padre bastante jovem, pouco mais de 25 anos. Era um “padre moderno”, que conquistou a simpatia do povo quase que imediatamente. Logo em sua primeira missa explicou que o antigo padre partira da cidade às pressas, mas que “levaria a Sede no coração”. Ficou por isso mesmo.

Jorge Beldermann, um padre mais velho, de trinta e dois anos de idade, era quem o auxiliava nas missas de domingo. Qualquer um que olhasse para ele, nele veria uma pessoa muito calma, um inocente em busca da paz que só em Deus conseguiremos encontrar, como vez ou outra falava.

Foi justamente nesta época que ocorreu o tal desastre do qual já mencionei. Ao que tudo indica, labaredas de fogo riscaram o céu em rubras cores por meia hora, e o pavor tomou conta de boa parte da cidade; muitos moradores reunidos a assistir o terror tomando forma. “Em meia hora nada mais restava a não ser um montão de ruínas”, e foi tudo isso que motivou Padre Jorge a escrever uma emocionante, quase pedante carta, implorando aos paroquianos por um sublime auxílio, prometendo “Deus Nosso Senhor, que não deixa sem recompensa um copo de água oferecido ao pobre... recompensar cem por cento a... generosa oferta, neste e noutro mundo.” Implorava compaixão, implorava pela compra de materiais de construção a fim de reconstruí-la outra vez.

A história conta o incêndio que consumira aquela igreja por completo. “GRITO DE SOCORRO” era o título. Em tópicos, foi listado cada baixa: “tocos carbonizados”; “paredes em cinzas”; “telhas quebradas”; “torre desfeita pelo fogo”; “sino derretido”; dentre outras pavorosas coisas.

“Tudo silêncio fúnebre, tudo tristeza e desânimo, tudo lágrimas e saudades, tudo dor, tudo aflição”, mas o que ninguém comenta foi de que encontraram corpos carbonizados que queimaram junto com a igreja, talvez lá no alto da torre escondidos. E como provar? Não contive meu ímpeto e roubei, diante daquele pobre padre que em sua ingenuidade me recebera, uma folha anteriormente destacada, na qual era relatado ter sido encontrado os corpos, e nela os nomes de Toni e Fabricio Brassiani estavam escritos.

Quem quer que tenha sido o causador daquele incêndio, o culpado pela completa destruição da igreja, somente uma coisa pode ser dito: “O mal é a

natureza do homem”. No que tange à morte, ela só chega na hora certa. Só que a hora certa para aquelas vítimas veio cedo demais. Eu me questiono: que destino é este, do qual e para o qual as pessoas sofrem? Que dor é essa que sinto no peito? É angústia por constatar que nada mais é o pecado senão uma simples e insípida palavra. Aquelas pessoas sofreram, meus pais e avós sofreram junto, então... por quê? Se quem imagino ter sido o culpado, ou os culpados, pelo fogo e pela desgraça, esse foi quem pagou com a própria vida. Mas será que essa igreja, mesmo depois de reconstruída, foi doada aos demônios? Espero que essa “...perspectiva sombria gerada por saber que há mais crueldades na vida do que a simples inteligência pode compreender” não afete mais ninguém. Mas cidadão algum tira de minha cabeça que trancafiar os corpos no alto da torre não foi um bom negócio. Era destino daquela igreja queimar!

FIM

Nathaniel Hawthorne – O Jovem Goodman Brown.

Scott Turow – Acima de Qualquer Suspeita

Data : 01/01/2011

Título : O Glutão

Categoria: Contos

Descrição: Um conto meio estranho.

O Glutão

“... porque alguém deve comer somente o suficiente para satisfazer à sua fome imediata.”

O Sábio do Tibete – Lobsang Rampa

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Estou sem entender até hoje o que ocorreu naquela data. Bem dizer, de tão ridículo, esqueci-me dela – há muito tempo não a conto: só agora lembro porque estou sendo questionado. É engraçado, eu sei. Quero dizer, os acontecimentos não seguiram um padrão, assim como ocorre em casos horríficos, apenas transformou-se. É claro que o exagero o transformou naquilo. Do contrário, hodierno estaria ele 'inda vivo. Agora, o que levou meu amigo espanhol a fazê-lo, jamais saberei. É confuso até para mim, que estive frente a frente com o grotesco. Não sei se rio com a lembrança ou choro pela perda d'um estimado amigo. Poder-se-ia dizer motivado pela depressão, afinal havia perdido quase tudo na vida (quase até a própria vida): emprego, amor, amor-próprio, esperança. Sabe que, pensando melhor, posso entender o porquê de dois anos antes ter ele me perguntado se havia um porquê para tudo na vida, até para a morte. E que poderia responder eu? Diante estava d'uma pergunta profunda, não mera retórica q'eu poderia dizer 'oras, invente, faça diferente'. Questionava-me ele diversas vezes, sempre em busca d'uma resposta que colocasse um motivo para viver o dia em questão, do contrário passaria em brancas nuvens. Não me pergunte, pois não saberei responder o porquê de tanto interrogatório ou filosofia de beira de lixo. A dúvida era dele, somente dele, e não minha. Agora, que aquilo foi estranho, estranho foi!

Eu olho para as minhas mãos e praticamente vejo o suor que desprendia-se dele quando eu o conduzi, já morto, até o cemitério. Cova clandestina. Levei-o com um carrinho de mão, passado meia-noite, abri os portões facilmente e iniciei uma cova rasa com a pá que carregava por sobre seu corpo durante o caminho. E foi difícil carregá-lo! Só me pergunto como até hoje não descobriram que da noite para o dia uma nova cova existia, nem tampouco como não encontraram aquela criatura. Tudo bem; são águas passadas, ele faleceu e pronto. Procurou a morte. Mas não posso negar que a maneira pela qual ele cavalgou o cavalo emprestado pela morte foi deveras inquietante.

Bem. Eu reparei que meu amigo Hernandez Covieres havia engordado um bocado ainda três anos antes do ocorrido. Foi mais ou menos àquela época quando complicou-se seus problemas pessoais. Sabendo que precisava de ajuda, o visitava com frequência (afinal, ele morava duas casas abaixo da minha). Pombas, estamos no Brasil! Um país que passou até por uma ditadura, por que não um caso estrambótico? A questão é que estamos cegos demais. Desde há muito, e muito mesmo, estamos sendo dominados por mãos hostis, e – entendam vocês – determinados governantes, não aqueles que conhecemos e estão sempre aparecendo nos showbiz, mas aqueles que se homiziam por detrás do véu transparente e transformam alguns governos em títeres, nos fazem uma espécie de lavagem cerebral ou qualquer coisa que o valha, de modo a cobrir toda a verdade de nossos desatentos olhos; programas de televisão é um exemplo. Hernandez morreu, não sei dizer se de tanto comer, envenenado!

Que ano foi aquilo? 2003, 2004? Quinze anos atrás, portanto. Mas não era somente a gordura em seu corpo. Eu percebia qualquer coisa diferente a

cada dia que o visitava. E olhe que estou falando d'um período menor do que vinte e quatro horas! Era, talvez, uma sutil mudança na expressão facial, ou na postura corporal. Também um pequeno aumento de pêlos em seu corpo, em comparação com o meu. Percebi, quando dei-lhe um remédio para dores (no corpo), que suas unhas adelgaçaram-se, mas não em demasia; pelo menos não no início. Posso jurar que teve dias que sua voz ficara um tanto alterada: um chiado, um regougo no fundo – nestes dias ele evitava falar. E do que falava pouco eu conhecia. Afinal, quando queria, e não era raro acontecer, ele mencionava uma 'literatura verdade', ou ainda 'panteão cósmico', mas nunca me interessei em pesquisar. Sempre achei que ou era alguma doença que de repente estivesse se manifestando ou, quem sabe, pesquisas do oculto que só a ele importava. E o pior é que sua biblioteca estava cheia de livros do gênero. De toda sorte, ou não, deixei-os intocados: meu amigo espanhol sabia que eu não me interessava naqueles assuntos de ocultismo. Não acho, entretanto, que tenha ele praticado alguma magia. Sou néscio nesta ciência, mas creio que Hernandez sabia o que faria mal à sua saúde, tratando-se de magia. Pelo visto não soube, tratando-se de comida.

Entregou-se, é um fato. Na manhã seguinte à sua partida para o outro lado da margem procurei em sua casa qualquer papel amassado que colocasse uma luz à sua morte – na época considerei até a magia; mas não encontrei um minúsculo detalhe que me desse um motivo para sua vida ter-se expirado. Acho que procurei certo; se bem que não folheei seus livros. Uma semana depois de seu enterro prematuro, uma rápida reportagem foi transmitida através d'uma emissora global muito importante no cenário da mídia televisiva profissional: havia sido abordado um avião com enormes galões de tóxicos em seu interior. Nunca fui de acreditar em coincidências. Esta reportagem lembrou-me o que meu amigo havia dito n'uma de nossas conversas quando no início de sua doença: "Não pense que estamos em tempos fáceis, meu amigo. Há quem queira eliminar a massa oitenta por cento. O ar está sendo contaminado; alimentos envenenados".

Entendam vocês que o grotesco partiu d'um evento insosso. Até agora eu só falei d'alguns pontos que parecem interligar-se uns aos outros, através de pontas sobressalentes. Só não falei sobre o evento em si. Este sim, horrível. Há pouco disse sobre o aspecto de meu amigo espanhol: unhas adelgaçadas, voz regouga no fundo, pequeno aumento de pêlos em seu corpo. Mas quando os dias antecedentes à sua morte chegaram, uma semana antes, o q'eu via deitado na cama não era aquele meu amigo espanhol de antes, era um Hernandez Covieres animalesco, uma massa corporal coberta por uma penugem espessa, embora não cobrisse o corpo por inteiro (havia partes da pele elástica que vislumbrava-se muito bem seu tom rosado); olhos mais finos que o normal, ameaçadores eu diria; uma cabeça demasiada grande e até um focinho lhe compunha a nova face. A boca era pontuda, sem lábios. E, n'uma olhadela, reparei na protuberante cauda que se sobressaía do jeans rasgado também bastante peluda – acho que era a parte que mais tinha pêlos. Fiquei assustado, não obstante seu regougo me falasse para não ter medo. A fera ainda não havia tomado o lado interno de Hernandez Covieres.

Eu queria me aproximar dele, entender melhor o que havia acontecido, mas a repulsa da visada me fazia manter distância. Diante dele havia comida para mais algumas horas, e ele comia feito um animal selvagem. Contava

apenas comigo para sua sobrevivência, e por isso tive de engolir o medo, aguentar a repulsa para dar-lhe o que comer. Nós dois saíamos que ele iria morrer, mas eu não queria que fosse de fome. Um pobre-diabo ele não era, disso tenho certeza. Mas naquelas circunstâncias, anormais, ele já não era mais um humano. Não fosse o fato de nossa amizade, eu teria fugido na primeira vez que o vi daquela forma! Nada que eu fizesse me faria esquecer aquela boca fina, pontuda e sem lábios e aqueles dentes pontiagudos e amarelados, sem falar nos pés, um misto de dedos e membranas (uma mutação incompleta e imperfeita d'um animal sem espécie) que ocupavam o mesmo lugar e davam a impressão de que em breve transformar-se-ia n'um... esta parte é complicado recordar. Eu já falei para vocês não me importunarem com esses pedidos p'ra q'eu narre de novo este passado morto e enterrado! Quero que vocês me prometam que nunca mais me peçam para narrá-lo novamente; preferia manter estas lembranças no esquecimento.

Da forma com que o corpo de meu amigo ficara lembrava traços d'um glutão. A repulsa da visada, paralelamente ao restante do tempo que tive de me acostumar com a sua presença, transformou-se n'uma espécie de medo irracional de que aquilo, não mais sendo meu amigo Hernandez Covieres, viesse me atacar. Ele repetia, sempre daquela forma rouquenha e praticamente ininteligível (aviso este vindo através daquela boca também animalesca, diga-se de passagem, contudo indiferente ao que ocorria à sua roda), que era para eu não ter medo, mas enquanto um lado meu acreditava naquelas palavras vindas de mais além do âmago selvagem daquela criatura, outro dizia que era para ter muita cautela. Naqueles dias que antecederam a morte, instalei-me em sua casa – voltando até a minha vez ou outra para dar comida ao cão ou para conferir se havia chegado alguma conta: a verdade era q'eu precisava distanciar-me dele, nem que fosse alguns segundos. E mesmo que fechasse meus olhos, lá estava ele, sua imagem e semelhança refletida logo atrás de minha pálpebra. Então não havia escapatória: na condição de amigo, tive apenas de esperar seu estertor final, aquele que separaria de uma vez por todas a alma humana da criatura sem espécie que se transformara. E auxiliar no que fosse preciso.

Agora, sobre os últimos instantes de sua vida, sinto um pesar terrível nas costas, um aperto no coração e um amargo na boca. Daquela mesma maneira indiferente, agindo então como um animal irracional parcialmente domesticado desconhecedor de sua capacidade ferina, pediu-me ele um último desejo. Se já não aguentava mais aquela condição, isso ele não falou. Disse apenas para acabar com sua vida, antes que a “Cria” acabasse com ele. Se escutá-lo com aquela voz inumana era intolerável, imagina uma confissão dessas! Já passava pela minha cabeça q'eu iria enlouquecer. Eu cogitava essa hipótese e a considerava inelutável. E tê-lo escutado vociferando este último pedido, acho que o último pingo de lucidez estava prestes a cair; ele, entretanto, de alguma forma me observando sem realmente me olhar, acrescentou que eu não deveria me deixar influenciar por eventos externos. Alegou, sem muitas palavras, que a Luz estava acima de tudo e que eu deveria esquecer cada segundo de sua detestável existência. Entendo, neste momento, o porquê de algumas vezes me sentir mal. Como é que foi dito? “O esquecimento que purifica”? É isso?

Tendo morrido (e, perdido em pensamentos, nem percebi quando exatamente), escutei um som vindo de dentro daquele ‘Gulo gulo’, não propriamente da garganta – que eu já nem sabia se existia; mas de algum lugar

em meio à gordura e também aos órgãos alterados, quem sabe n'um ponto de intersecção entre o nosso mundo e o mundo que deu origem à criatura que transformou-se meu amigo, coberto por aquele corpo de dimensões ímpares. Uma barreira, talvez. Não sei. Quanto ao cheiro, que já não estava tão tolerável quando vivo, desta vez intolerável desprende-se imediatamente. Para não atrair nem moscas nem curiosos, fui até minha casa e peguei meu carrinho de mão. Ao retorno, praticamente derrubei-o da cama – já quebrada pelo peso – em cima do carrinho e o cobri com um cobertor antigo. Em seguida peguei um papel e um lápis e os coloquei no bolso. Estava próximo da noite, afinal. Estando o cemitério menos de um quilômetro, tendo de fazer muita força, compensou dar-lhe um canto de repouso apesar da dificuldade de carregá-lo dali. E como disse, o conduzi passado meia-noute. Bastou um toque nos portões, sem cadeados, para abri-los. A pá era de Hernandez, e com ela abri a cova. Fiz tudo rápido, primeiro porque não queria que me descobrissem, segundo, não me agradava nem um pouco aquele lugar. Dei-lhe um 'vá com a Luz', rabisquei no papel e fui embora, deixando pá e carrinho lá mesmo. Sobre a casa de Hernandez Covieres, ela continuara intacta ao longo dos quatro anos e meio seguintes: não havia parentes a reclamarem sua posse. Tendo a Prefeitura descoberto que a casa estava vazia (não sei como, mas eles descobriram), prontamente organizou um leilão para cobrir alguns prejuízos concernentes ao não-pagamento de impostos. Eu arrematei. Só que não pus meus pés mais nela, nem tampouco me interessei vender ou alugá-la. O pó, por certo, é o novo dono dela. Guardo as chaves n'um lugar secreto em meu quarto, mas não me importo se a tenham arrombado. Em verdade, não houve um homem capaz de nela entrar, quanto mais roubar, pois, acho, desprende-se daquela criatura, antes de eu levá-la ao campo-santo, uma certa substância que desconhecida nos passa desapercibida: somente alguns livros a mencionam, e estes referem-se a ligações entre a criação de novos venenos químicos e âmbitos da magia e ocultismo, mutuamente entrelaçados.

Para terminar esta minha narrativa acerca da estranha morte de Hernandez Covieres (acreditando que seja a última vez que eu a conto), em troca deste novo pedido em que sou forçado a narrar-lhes a história, peço que me seja concedido um favor muito especial. Sei muito bem que não houve notícias a respeito de terem encontrado sepulturas clandestinas e isso pode ou não ser um alívio para mim. De qualquer forma, ergam uma lápide para meu falecido amigo! Ainda nesta semana completará quinze anos de sua ausência e gostaria imensamente que ele tivesse uma lápida erguida por sobre sua cabeça. Sei que vocês encontrarão o túmulo facilmente. Alguma cousa me diz que não está vazio. Para isso, vocês levarão esta garatuja que fiz neste papel logo após o enterro de modo a encontrá-lo. Como podem ver, não obstante meu abençoado esquecimento do todo, jamais deixei esquecido seu atabalhoado enterro: como prova do que digo, as marcas amareladas de meus dedos nesta folha atestam que cada dia de minha vida foi uma verdadeira crucifixão. Espero, no fundo da alma, que Hernandez esteja n'um lugar melhor, que seu martírio não tenha sido em vão, do contrário todos nós estaremos perdidos.

FIM

Data : 08/09/2011

Título : O Grande Irmão do Mundo

Categoria: Artigos

Descrição: Estamos cegos!

O Grande Irmão do Mundo

Estamos cegos!

Leonardo Nunes Nunes, escritor

quinta-feira, 08 de setembro de 2011 – 10h 38 min

quinta-feira, 15 de setembro de 2011 – 14h 05 min

Às vezes penso que tudo isso não passa de ficção, mas passo a prestar mais atenção aos sinais que a Terra dá e percebo quão desinformados estamos, conquanto a Dona Mídia continue a divulgar assuntos sem importância e/ou relevância enquanto assuntos verdadeiramente importantes (e que vão de encontro à população) pela Elite (tanto brasileira quanto mundial) nojenta e asquerosa, 'dona do mundo', são obliterados. Certamente o Amigo Leitor está se perguntando: mas que diabos é isso que este guri está falando? Pois bem: estamos vivendo n'um mundo tão manipulado que a verdade é considerada besteira, enquanto a mentira é ecoada pelos quatro cantos do planeta, docemente, sem que alguém verdadeiramente corajoso venha alertar a todos dizendo ser mentira o que é tanto ecoado; dos poucos que se aventuram a alertar, escondidos estão sob a mão protetora e nem um pouco santarrona do amadorismo.

O nosso grande problema é que estamos preocupados com o dinheiro, com a riqueza, com o material – falo 'nosso', pois me insiro nesta categoria também: por isso luto internamente contra esta nefanda manobra – quando deveríamos pensar o contrário: a evolução enquanto Ser Humano! É com humildade q'eu advirto. E para quem pensa e vê neste meu artigo um discurso

religioso, falo tratar-se tão-somente de um ‘puxão de orelhas’ à Humanidade (de modo a ir ao encontro da verdade) sem cunho religioso – Religião, para mim, é um dos erros também. Estamos cegos! E quem disse que Programação Neurolinguística (PNL) não funciona? Já não é mais ‘Não pense n’um Elefante!’ (no que o Amigo Leitor pensou?), passou há muito tempo desta simples barreira, ou indução verbal que manipula; a verdadeira manipulação, outrossim, e já desde o advento da Dona Mídia (Profissional, pois a ‘Amadora’ nos mostra quão importante é desligar-se dela o mais cedo possível – Nunca É Tarde!), é Subliminar! Quem nunca se pegou pensando na relação d’um singelo gesto do apresentador do telejornal ou propaganda, quando o mesmo direcionava seus olhos, de forma sutil, a uma Bela e Magra Mulher, quando o assunto é... Produtos para Emagrecimento? Ou, ainda, este já no âmbito do telejornal, um olhar mais oblíquo do apresentador – que denota certa dúvida e ‘descrença’ – quando um assunto que deveria ter importância/relevância é verdadeiro e rapidamente é relatado (como se fosse lixo televisionado)?

Provavelmente o Amigo Leitor, que não é bobo nem nada, já deve ter atinado ao objetivo deste meu artigo. Talvez reste ‘inda uma dúvida: o que um escritor da Literatura Fantástica tem a ver com estas ‘Verdades Manipuladas’? Minha preocupação, ao escrever um conto/novela/romance/poema, é transmitir algo, seja o que for. É Minha obrigação informar, uma obrigação relacionada com as Leis de meu organismo, sobretudo com as Leis de minha “alma”. Dito isso, posso garantir que o q’eu tenho visto por aí mundo afora não é nada salutar. E quem me garante que não há verdadeiramente um Big Brother nos observando atentamente? Quem me garante que não somos simples cordeiros andando em fila indiana em direção ao precipício/abate jogando pedra no chão e achando que tudo isso não passa de bobagem/idiotice/tolice? Quem me garante que o Mundo não está virado – valores morais, digo?

Chegamos a um ponto em que – não todos, diga-se de passagem e com honra! – o Humano não pensa duas vezes para ludibriar outrem só para obter vantagem financeira. Eu poderia citar vários exemplos (político que esconde dinheiro na cueca e vai à Igreja ‘rezar’; compradores que ludibriam os vendedores tentando sair em vantagem, e vice-versa; o dinheiro ‘inventado’ nos Bancos [para quem não sabe: os bancos possuem menos de 10% do dinheiro que aparece na tela do computador]; etc.), mas de nada adiantaria se não falasse de um deles, talvez o mais importante e nefasto exemplo de domínio geral: uma nova ordem neste globo, centralizada! Que o Mundo tem seus problemas, isso é inegável. Que as Pessoas têm os seus, idem. Mas não é somente este binômio que conta. Estamos lidando com uma Elite que se encontra em todo lugar do Planeta: aqui mesmo em Passo Fundo, São Pedro do Rio Grande do Sul, segundo pesquisa, foi descoberto que a poluição, vejam só, do Rio Passo Fundo dá-se em grande parte (coisa de 95%, aproximadamente) no meio rural por conta dos dejetos animais, enquanto o lixo doméstico e desenfreado (causa principal da poluição de nosso rio – e que, segundo pesquisa, consta menos de 5%) simplesmente é desconsiderado – como se dissessem: todas aquelas garrafas, móveis largados, pneus e esgoto puro e simples não sujam um copo d’água! Onde está a manipulação nisso tudo? Os Amigos Leitores conseguem entrevê-la?

Muitas vezes (e tenho fotos) vi em nossos céus trilhas químicas largadas por criminosos aviões, trilhas estas que ficam muito tempo em nossos céus

formando uma espécie de malha feita de nuvem/veneno lentamente infiltrando-se em nosso ar contaminando-o, então se confundindo com as trilhas de gases e vapores deixadas por aviões normais de passageiros em alta atmosfera – os que fazem viagens internacionais e que comumente vê-se também em nossos céus – cujas trilhas n’uma distância insignificante já se deformam e desaparecem. Outras, são sinais que a própria Terra dá e não sabemos decodificar, assim como nos céus. Ademais, alguém já parou para ver a beleza de nosso Sol? Confesso que houve um tempo em que eu não gostava dele, ainda q’eu prefira o inverno e o frio. Peço para o Amigo Leitor direcionar a câmera de seu celular ou câmera fotográfica em direção ao Astro Rei e fotografe-o. Verá, nas fotos, a imponência de tal astro, bem como sua luz nos inundar, e além disso duas outras luminosidades nas proximidades (Procurem a respeito!). E já q’eu falei no Astro Rei, o Sol, o Nobre Amigo Leitor pesquisou? Pesquisou a respeito das Manchas Solares e suas intensas atividades neste ano de 2011 (a cada 11/12 anos elas acontecem, mas parece que estão mais intensas do que dantes) e que a Dona Mídia faz questão de pouco falar?

A manipulação da Dona Mídia (Profissional) é tão grande que – tenho absoluta certeza – a maioria desconhece o mineral Nióbio, cuja riqueza o Brasil é um não-conhecedor e, por isso, despreza. Para os desinformados: elemento químico de número atômico 41 (símb.: Nb), usado em aços e ligas metálicas de grande rigidez, dureza e estabilidade térmica, também usado em cápsulas espaciais, mísseis, foguetes, reatores nucleares e semicondutores (fonte: Dicionário Houaiss). Esta é uma riqueza brasileira (leiam atentamente – e pesquisem) taxada em dólares – o “mico preto” como alguns dizem; a moeda podre no consenso geral. O Brasil, sendo o único exportador mundial – leia-se: 90% da reserva mundial deste minério encontra-se cá no Brasil (com ‘z’ mesmo, devido às taxas estrangeiras que é comercializado), e deste universo percentual 97% da reserva deste mineral em terras brasileiras encontra-se em Araxá-MG, Catalão-GO e São Gabriel da Cachoeira-AM. Até quando vamos continuar desconhecendo estas informações? Perdendo com a comercialização em valores baixos e moeda podre, enquanto somente a Elite ganha com isso? Ou o Nobre Amigo Leitor acha que o dinheiro investido nos projetos governamentais como o “Fome Zero” vem realmente d’um amparo ao pobre? Estamos perdendo esta guerra, enquanto somos ludibriados por programações que induzem ao sexo (hétero ou homossexual), ao juguete de imbecilidade em telenovelas superproduzidas, telejornais sem conteúdo relevante, propagandas enganosas, programações televisivas do mais baixo calão, alienados por apresentadores parciais e que enaltecem somente o lado material com enganos e falácias bem produzidas e ardilosas, etc. Ademais, este silencioso ataque contra o brasileiro (com o nióbio poderíamos, quem sabe, acabar com as dívidas [externas] e tornar os países que dependem deste minério verdadeiramente nossos dependentes [EUA, Japão e países da Europa: a Inglaterra é uma das maiores beneficiadas – opa: explica-se agora a dívida arrastada do Brasil quando à proclamação da independência!]) poderá evocar guerras futuras, desmembramento do Estado (como parece em andamento no norte do país) e separação em novas terras, novos países – oxalá não vire uma guerra propriamente dita.

Somos envenenados (!) tanto pelo ar que respiramos quanto pela boca. O Amigo Leitor sabe o quanto de agrotóxico literalmente ingerimos junto de nossas comidas por ano? Não? 5.2 Litros! Isso por habitante, por vivente. E isso

tudo em nome do quê, afinal de contas? Da saúde do pobre-diabo brasileiro? Da sobrevivência de nossos conterrâneos? NÃO! Do ganho desenfreado de empresas fabricantes destes agrotóxicos, boa parte delas (ou absolutamente todas) estrangeiras, estadunidenses sobretudo! Entra aqui a Monsanto, a Bayer (remédios também?), dentre outras. A imagem da caveira é substituída pela da família feliz que leva o alimento à boca – outra vez a Programação Neurolinguística (PNL). Ah! Mas esta não tem escapatória: 16 de setembro de 2011, dia nacional contra o agrotóxico e pela vida!

Já no que tange à água que bebemos, esta sim concentra uma elevada quantidade/dose de perigo. Tem-se falado do flúor, um elemento que previne a cárie (e seus derivados), doença crônica que atinge a muitos. A questão é que a Dona Mídia (Profissional) não tem levantado um dedo sequer para prevenir e alertar o povo quanto a uma questão bem simples. O flúor, na tabela periódica dos elementos químicos, é um elemento químico de número atômico 9 pertencente à família dos halogênios (fonte: Dicionário Houaiss). Este elemento “que corre” (significado em Latim) pode, inclusive, ser encontrado no ar, solo e água (de fonte natural), mas é (segundo pesquisas) um dos agentes poluentes do planeta: seu impacto em nosso cérebro é algo demasiado estrondoso, isso baseado em estudos estadunidenses (novidade?) sobre a influência de flúor em animais (curiosidade: o autor estadunidense d’um determinado estudo foi demitido da instituição em que trabalhava por relatar esta verdade). Mais tóxico do que o chumbo, na água potável não deve passar de 0.4 partes por milhão, e se repararmos bem há um exagero em nossos copos d’águas de torneiras, considerando o fato que uma simples solução de 0.45 partes por milhão é capaz de deixar mais lenta as reações sensoriais e mentais (além de câncer, em alta quantidade por certo)! Sem falar que não há provas de que não seja nocivo à nossa saúde nem tampouco de sua efetividade, embora nossa lei preveja – desde 24 de maio de 1974 – a adição deste elemento na água que nos é distribuída. Muitos países, todavia, já interromperam (ou proibiram) o uso deste elemento em suas águas; o Brasil ‘inda não. Mas por que tanto alarde quanto ao uso do flúor em nossa água? Se é para o bem dos dentes da população, afinal?! Todavia, esquecemos (como sempre) de um agravante e de uma ‘coincidência’ nem um pouco agradável: o famigerado assombra-pau do Hitler e os seus ministravam flúor na água nos campos de extermínio de modo a apaziguar os prisioneiros, sedando-os. Alguma relação com a ‘submissão’ dos prisioneiros daquela época com a nossa? Não? Eis uma mão para o controle das massas!

Evidências cá por baixo e lá por cima também. Imagens espaciais obtidas através do módulo SOHO (da NASA e também consórcio espacial em que o Brasil está envolvido minoritariamente) mostram certas ocorrências verdadeiramente indigestas – para todos. Dois Sóis em nossos céus (e não falo do efeito Parélio), reflexos em nossas lentes produzidos por sei-lá-o-quê que em breve (quando?) chegará. Informações desconhecidas. Brasil sendo um dos maiores consumidores de remédios antidepressivos do mundo. Pequenos detalhes, quando descobertos, apagados. Desinformação aliada à alienação. Imbecilidade. Fraqueza de ‘espírito’ e preguiça de pensar. Nossos cérebros conduzidos por um caminho que leva para distante da verdade; sem falar no incontável número de antenas que emitem sinais para aparelhos celulares e outros (nosso cérebro responde a sinais, para quem não sabe). Cometa (ao final de 2010 foi descoberto um, que recebeu o nome de Elenin em homenagem o

astrônomo russo que o descobriu: Leonid Elenin) se aproximando. Mentiras. Sons (de ‘trombetas’ da revelação?). Dúvidas. E a única coisa certa: somos a todo instante enganados.

Paralelos entre Universos sedutores. Sedutores enganos dimensionais. E no que estamos preocupados? Jogos de futebol? E então: em qual colocação está o teu time? Comprar o carro do ano? E daí: já comprou aquele automóvel que tanto desejava? Já ganhou dinheiro especulando na Bolsa? Já humilhou aquele andarilho com suas posses de ouro? Esquecemos (e muito) que antes deste corpo, somos algo nada desprezível. Estamos, afinal, aqui para quê? Desmatar nossas florestas, a Amazônia em especial? Viver com medo do horror que está bem diante de nossos olhos e dizemos que não existe? E de onde vocês acham que tanto dinheiro ‘sujo’ surge nas negociatas ilícitas? Heim? Talvez através do tráfico de armas e drogas? A Família Real que o diga! Somos iludidos pela moda – já reparou se sua meia combina com o teu sapato, ou sua gravata com tua cinta? – achando que nela devemos entrar, adequar-se. Esquecemos que este algo nada desprezível exige algo em troca – seja o que for – e nos viramos para o lado do material achando que somos donos de tudo, até de nosso destino. E vemos e ouvimos o molusco clamar por uma nova ordem neste caos inventado pelos Grandes Ocultos, utilizando-se da tríade dialética hegeliana (problema-reação-solução) para como suporte de tal técnica. E em meio a tudo isso, vamos assistindo à televisão, uma programação que só nos aliena e embrutece. Será que conhecemos o botão desliga do aparelho televisor? Sem falar que somos marcados com códigos de barras e logo, logo, com biochips (sim, seremos ‘chipados’) que ligarão nossas contas correntes com DETRANS, IR com planos de saúde... eis o Big Brother tomando forma! Resta apenas gritar não; nem sempre o sim é a solução. Aliás, não seria esta impertinente insistência do programa global um escárnio, uma vez que a Elite (que não aparece) avisa a todos antecipadamente de seus planos? Não é Illuminati Game?!

E sobre o petróleo; ah, o petróleo: não é o Brasil dele auto-suficiente? Ainda mais com o tal do Pré-Sal em nossas terras. Por que tão caro a gasolina em nossos postos, afora os cartéis? Ademais, o que é colocado de volta no lugar donde tanto deste óleo fora retirado? Fica a dúvida.

A tecnologia está cada vez mais evolutiva. Não há o que negar, discutir. Se compararmos há dez anos, ou vinte no máximo, nossa vida melhorou e muito. Todavia, faz-se necessário afirmar que existe um objetivo escuso por detrás de tudo, enquanto um avião passa por cima de nossas cabeças. Alguém já ouviu falar do HAARP (High Frequency Auroral Active Research Program)? Na teoria este equipamento é destinado a estudar as Auroras Boreais mundo afora, mas alguém já disse que é utilizado para alterar a densidade da ionosfera criando, assim, possibilidades de novas tsunamis, terremotos, chuvas torrenciais e outras catástrofes da natureza, uma arma letal e silenciosa em mãos santarronas? Ah, mas tem gente que está ‘correndo por fora’ e construindo os seus. Disso não sabemos, pouco somos informados. E falando em Amazônia, será que a informação de que existe um afluente subterrâneo medindo entre 200 e 400 quilômetros de largura que segue a mesma direção do Rio Amazonas nos é passada (HAMZA é seu nome)? A Dona Mídia com certeza não. São tantas coisas verdadeiras que – infelizmente – não temos tempo para ouvi-las: preferimos, como um todo, assistir ao futebol no estádio ou na televisão. Dá

ibope à emissora (e parece que gostamos). E sem querer filosofar, mas já filosofando, faço minhas as palavras de um tal Dr. Brooks Agnew, fundador da Advanced Planetary Explorations, quando fora entrevistado pela emissora Rede Russia Today: “Somos iludidos por profissionais dizendo que está tudo bem. Porém, aqueles de nós que estão observando os sinais cosmológicos, geográficos e oceanográficos, sentem que esses sinais que estão sendo mostrados revelam as tendências de tudo aquilo que os antigos disseram que iria acontecer”. Mas que ‘antigos’ este senhor se refere? Existe muito que não conhecemos, e nos interessamos por tão pouco que nos parece pueril falar sobre o assunto. Se bem que até os tratados religiosos mais antigos falam de uma briga entre deuses de Deus e os do Abismo – algo que poderemos provar, ou não, em breve. E de que adianta terem construído por debaixo do aeroporto de Denver subterrâneos andares e seus desenhos dentro do saguão?

Prestes estão a podar nossa liberdade dentro da internet. Há quem diga que Leis são votadas pelo mundo inteiro no mais completo silêncio, no calar da noite sem que o povo (aquele mesmo que usa Orkut e outros sistemas de conversas virtuais) saiba desta decisão arbitrária que fere quaisquer códigos e normas de conduta civil. Cá em nosso país ocorre o mesmo. Escândalos e CPI’s Brasil afora que terminam em ‘pizza’ (às vezes em churrascada) enquanto hospitais e unidades de saúde para classe pobre (leia-se: para quem definitivamente não tem um tostão furado nem para a própria saúde, e isso é um crime por parte de nossos governantes que entram e saem de cena sem fazer nada) estão caindo aos pedaços. E a Dona Mídia, quando muito, fazendo uma ou outra reportagem denunciando maus-tratos em pacientes de hospitais sempre de forma parcial, comumente passando a mão na cabeça de muitos políticos também corruptos. E quando há uma justa revolta, seja ela a partir de policiais mal remunerados ou de professores com salários sucateados (ambos em sua grande parte, não no todo!), vem a Dona Mídia e diz que estes ‘revoltosos’ não passam de baderneiros, criando um impasse donde nunca deveria existir e jogando o povo contra eles. É fácil. Será que o Amigo Leitor consegue se lembrar da pandemia (praticamente mundial) da Gripe A? Enquanto a pandemia, que não era exatamente uma pandemia, matava praticamente o mesmo número de pessoas que a gripe comum, a Dona Mídia se encarregava de tocar pavor e pânico nas pessoas – prato cheio para empresas farmacêuticas lucrarem principalmente com a ‘criação’ de vacinas contra a Gripe A (há quem diga que a vacina em si é veneno, não sei [parece que médicos lá em NY protestaram contra esta tática mundial de ganhos e lucros, coisa que não passou em terras brasileiras]).

De fato: estamos mal informados. O Amigo Leitor ficou sabendo da falha no sistema de abastecimento de energia de Itaipu, agora logo ao início de setembro deste ano (uma espécie de rápido “apagão” [quase] de norte a sul)? Será que o Amigo Leitor arriscaria um motivo? Sobrecarga de energia? Talvez. Eu arriscaria outra coisa: ejeção de massa coronal! Nosso Astro Rei, o Sol, mais uma vez lançando energia em demasia em direção à Terra. Enquanto isso, desperdiçamos nosso precioso tempo com programas na fazenda, ou ainda programas futebolísticos que abundam por quase todas emissoras brasileiras. Se ao menos o nosso tempo fosse “desperdiçado” (entre aspas, pois nunca é um desperdício) com programas que realmente nos fazem aprender e evoluir como humanos, certamente não seríamos iludidos tão facilmente. O fato é que

o brasileiro como bom trabalhador (e o trabalho não é ruim, o que é ruim no trabalho é a necessidade e o engano que ele nos oferece em ganhos materiais) só quer chegar em casa e descansar.

Eis o mundo que achamos que conhecemos. Se não por viagens feitas, através da televisão. Um mundo colorido, em que tudo é belo e maravilhoso até sabermos das verdades obscuras e vemos que há, em meio a esta bela realidade, muita ilusão (provocada por homens prepotentes e desonestos). Já disse certa feita o escritor Arthur Machen: “Digo que sou um homem, mas quem é o outro que se oculta em mim?”[1] Assim, uma vez admitido a veracidade de tal indagação, pressupondo a existência daquele algo nada desprezível que nos compõe (a nossa “alma”), chegando a uma conclusão ora apressurada de que não conhecemos a nós mesmos, como podemos acreditar em imagens manipuladas ditas e transmitidas por “profissionais”? Não é novidade que um noticiário que transmite eventos negativos detém a atenção do público do que os que contêm eventos positivos. “Dado que a dor e o perigo de morte são mais vividamente lembrados que o prazer”[2], somos levados por uma maré constante de energias negativas, acontecimentos que definitivamente nos cansam ao invés de nos realimentar a bateria. Aí entra a guerra, a vingança, a violência e o ódio.

Bem. Talvez tudo isso tenha soado, até agora, uma verdadeira conversa para loucos, e que somente o interessado nela pode ser outro escritor com pés na Literatura Fantástica. O Amigo Leitor deverá desculpar o autor deste artigo, mas não há meias-verdades, não em sentido literal. Devemos abordar uma gama de assuntos em nosso dia-a-dia e não simplesmente nos basearmos no “se”. “Somos deuses”, certa feita alguém me disse. E não duvido. Conquanto sejamos humanos, seremos deuses amputados de nossos poderes: amputados por enganos e mãos vis que nos controlam silenciosamente, enquanto achamos que estamos simplesmente nos divertindo. “Golo!”, grita um vizinho qualquer. E, afinal, quanto está o jogo mesmo?

Não diz um provérbio “repita uma mentira incontáveis vezes e as pessoas irão tomá-la como verdade”? Hum, não. Isso me soa Propaganda do 3º Reich demais... aliás, coisa que ocorre em demasia hodierno. Caso entrarmos, embora relutante, sabedor de que ferirei minha própria observação ao início deste, no quesito religião, há quem seja capaz de dizer que algo muito grande está para acontecer – e disso eu não duvido.

No fim, é sempre a mesma coisa. Os ciclos terminam e reiniciam iguais. A Terra, nossa “temporária morada”, sempre agirá da mesma forma. E, querendo ou não, sempre haverá pessoas ‘donas do mundo’. Delas, Pão e Circo para a massa: é a forma mais eficaz de ludibriar. Isso faz distrair o povo do que realmente é a verdade. Sem comentários.

---

[1] Arthur Machen (1863-1947), escritor natural do País de Gales. Citação de sua história chamada "Psicologia".

[2] H.P. Lovecraft (1890-1937), escritor estadunidense. Citação do ensaio de não-ficção "O Horror Sobrenatural na Literatura".

Data : 25/06/2012

Título : O Homem que não conseguia

Categoria: Contos

Descrição: Seu nome de batismo era Augusto. Não dos Anjos como nomearam o poeta, embora gostasse dele. Todavia de um simples de Souza, caracterizando-o mais um da Santa Multidão. ...

O Homem que não conseguia

A ideia para este conto foi tida aos 25 dias de junho de 2012, às 9h30min aproximadamente.

Escrita na manhã de 25 de junho de 2012.

Esta história não passa de uma ficção comum, mas muito bem poderia acontecer com qualquer um de nós.

Para aqueles que não gostam da LitFan (Literatura Fantástica) nem de reviravoltas estrondosas.

Autor: Leon Nunes

(11h29min)

Seu nome de batismo era Augusto. Não dos Anjos como nomearam o poeta, embora gostasse dele. Todavia de um simples de Souza, caracterizando-o mais um da Santa Multidão. Tinha desejos, mas tinha medos que tolhiam sua felicidade; medos diversos, um deles o de simplesmente acordar no dia seguinte e ver que tudo continuava igual. Imerso naquela mesmice que o caceteava. Sempre. E assim era sua vida. Um eterno dormir-acordar frustrado.

Frustração. Bem que este substantivo poderia ser seu nome. Augusto da Frustração. Fecharia melhor inclusive com sua personalidade, adquirida com o tempo e com os fracassos. Fora premeditado, quando no seu nascimento, que seria um grande e renomado advogado, mas também a pobreza o submetera a um simples trabalhador virtual. Ainda se tivesse aptidão para as artes, a arte plástica por exemplo. Ainda se tivesse ânimo! Mas não. Não tinha, e vivia de um simples movimento automático, praguejando todas as manhãs o enfado que sentia. Era necessário acordar e dormir, as únicas coisas que fazia deliberado, suplicando que aquela última fosse a última.

Augusto da Frustração, não mais de Souza, embora documento nenhum carregasse este nome, simplesmente abriu os olhos e vira o teto de seu quarto. Mais uma de tantas outras vezes. Haveria de levantar, e até seu espírito o exortava que levantasse, mas o movimento não vinha. Olhos abertos, mais um dia naquele incontável sem-fim cotidiano. Ficou na cama mais meia hora. Ou quarenta minutos, para ele não importava. O fracasso seria igual, sentia. O peso (que carregava às costas) o impedia de virar de um lado ao outro na cama, pequena para sua estatura, sequer tirar os braços debaixo das cobertas; não se mexia. Mas haveria de levantar uma hora. Seria outro dia daqueles.

Augusto, enfim, levantou. Cansado. As noites serviam apenas para seu desejo de acabar ali, deitado, no mundo dos sonhos – lá ele era rei, esperto, bem-quisto, feliz. O Sul do Brasil fazia um frio gostoso no inverno, embora não nevasse. Ficou apenas de pijama, olhando para a roupa que vestia (se não sentisse modorra logo cedo...) e pensando que aquele momento duraria a eternidade; outra de tantas em que vivia. Vestiu-se com vagar, não se importando com o frio. Ou com a tosse. A garganta inflamada. Havia, por certo, uma força que o envolvia e o fazia enfrentar o dia seguinte com o nada que restava de sua vontade. E sem a mínima vontade, arrastado, foi ao banheiro fazer sua higiene.

No retorno ligou o computador. Bem, talvez tivesse ligado sua máquina de datilografar elétrica acaso ela funcionasse. Mas ela não o ajudaria hodierno, quando o mundo tornara-se virtual. Nem em seu emprego. Era bobagem pensar nisso. Ao menos não tinha que tomar remédios. Haveria, aí sim, de tomar seu café-da-manhã, um simples pão com chimiê, café preto. Saco vazio não para em pé. E toda aquela bobagem para continuar o dia fracassando.

Diante do computador, acessara seu sítio e percebera que havia recebido três respostas de clientes virtuais seus. Reclamando. Da demora do novo projeto de sua responsabilidade. Ele tinha ideias ímpares, torná-las realidade (nem que fosse virtual) era o difícil. Uma semana de atraso, reclamava duas delas; a última dizia um mês. E mais, com certeza. Iria responder o quê? Que estava entristecido? Perderia os únicos clientes (havia, além daqueles três, apenas mais um, também insatisfeito) e seu ganha-pão.

Augusto da Frustração queria acreditar. Acreditar nos Anjos de Mons, do escritor Arthur Machen; em São Jorge, cavaleiro templário; na alquimia impossível e falha de livros antigos; em si próprio. Mas tinha de lutar com as únicas armas que tinha – embora não soubesse quais e nem tivesse noção de como fazia. Fora o trabalho mais fácil que conseguira, ainda assim o fazia descontente. Desmotivado. Vez ou outra pesquisava como as pessoas tocavam suas vidas, delas obtinha uma percepção falsa de suas rotinas; ao menos assim lhe soava. E as cobranças vinham. Pesadas. Cruéis. Às vezes até inumana – pimenta nos olhos dos outros não arde.

Acessara sua ferramenta de trabalho. Pusera sua senha. Entrara. Vira uma série de códigos que entendia e lhe causavam enjoo. Lembrava-se de sua última mulher e de um de seus conselhos: faça agora e tenha tempo livre depois. Não conseguia, porém. Sabia quais caminhos seguia, mas era difícil trafegá-los. Como era. Um mapa em branco, mesmo que tivesse a capacidade de ver as linhas invisíveis nele. Difícil. Difícil e árduo. E se ganhasse na Mega Sena? Não apostava, tinha nojo. Dinheiro não vinha de graça, e ele só fazia era riscá-lo de sua vida protelando o término de seus projetos e não conseguindo outros. Clientes faltavam, assim como sua vontade, seu ânimo. Havia uma efígie em sua mente de como poderiam ser as coisas se do nada surgisse força; um vulto fugidio. Se chorasse pelo menos; nem isso era capaz.

Já era meio-dia e nada. Nenhuma alteração sequer em seus projetos. Hora do almoço, haveria de comer sua própria madorna acaso quisesse ganhar alguns trocados com aquilo – certamente o atraso seria motivo para o cliente pagar menos do que o acordado. Foi à cozinha e preparou uma comida rápida; rápido não foi sua pressa em comer. Quando viu, atraso novamente. Duas da tarde e não havia voltado para seu trabalho. Mundo injusto. Ou vida injusta, tanto faz. Augusto tinha de voltar para os códigos e tocar adiante.

Augusto da Frustração, cinco e pouco da tarde, enfim conseguira dar continuidade à labuta. Tarde. Bastante tarde para quem já estava atrasado. Se acaso tivesse estes lampejos de continuidade uma hora por dia, todos os dias, em uma semana já terminaria dois dos mais atrasados projetos. Sabia que não funcionava assim, todavia. Anjos de Mons, São Jorge, livros de ocultismo falhos, o dia chegara ao fim. Comería um pão com chimiê e arrumaria a cama. Desejando que fosse seus últimos momentos, sua cama, leito de morte.

Augusto – nome cujo significado não condizia com ele: majestoso, magnífico, venerável – só salvara o projeto continuado quando sua cama estava pronta para recebê-lo. Se acaso faltasse luz naquele momento seria uma tragédia igual a tantas outras, mais uma de suas dificuldades que tinha de enfrentar. Além disso, nada mais. Augusto – cujo nome, para ele, significava atraso, insignificante, desprezível – se sentia apoucado. E no peito estacas cravadas, delas sua alma gemia.

Desligou o computador depois de sua higiene noturna. Passou o dia e sequer enviara uma resposta a seus clientes para dar satisfação. Entrou debaixo das cobertas e sentiu-se ele preparado para os sonhos que teria. Neles certamente Augusto não seria da Frustração. Seria do Sucesso; seria da Alegria; Augustus Felicitae haveria de ser chamado. Preparado também para a morte (se era para continuar daquela forma, preferia ali dar seu estertor final), porque não. Queria

era seus olhos fechados, não mais ver o mesmo teto, a mesma vida, a mesma cobrança, o mesmo enfado.

Augusto da Frustração. Homem que não conseguia encontrar motivação nem força de viver. Fracassado. Derrotado. Condenado ao eterno dormir-acordar e a uma vida sem vida. Ao sabor do tempo, um longo caminho, seria levado até seu fim. Como uma folha morta arrastada pela brisa mais débil sem saber aonde ir. Eternamente frustrado.

E para seu desagrado, todo o dia, ele, da Santa Multidão, os olhos abria.

O Homem que não conseguia.

FIM

Data : 01/01/2008

Título : O Iluminista

Categoria: Contos

Descrição: Pensou estar morto. As dores auxiliavam a sentir-se assim.

O Iluminista [1]

Pensou estar morto. As dores auxiliavam a sentir-se assim. Inclusive, nem mesmo se tentasse, nada o fazia deixar de escutar os choros no que acreditava ser seu velório. Até podia, fechando os olhos, imaginá-las derramando lágrimas por sobre o seu túmulo, sobre seu corpo bastante fragmentado, já decompondo-se e formando fungos, tal qual a tradição daqueles que carregavam seu nome praticavam.

Sentia-se morto. Afinal, permanece fresco na lembrança aquele dia em que recebera aquele tiro de misericórdia, n'uma covarde fuga de uma errante vida contaminada por lepra nojenta. Podia, ainda, acompanhar a trajetória, em linha reta, daquela bala em sua direção. Um sentimento d'agonia, que pareceu transcender a barreira da morte.

Nada mais sentia. Cabeça, mãos, pernas. Somente as dores. Lancinantes dores que consumiam-no por completo, como se ele fosse algo insignificante.

Tentava observar melhor onde estava. Tudo era treva. Talvez isso servia para piorar sua situação. Mas ainda pensava, ainda tinha, talvez contra a vontade, um pingo de vida, o que o assustava. Vida! Uma estranha vida depois da morte. Quem sabe um morto-vivo, ou, ainda, apenas consciência. Mas tinha consciência – e aí reside a dúvida – que viveu, leproso, e morreu glorioso.

Escutava. Uma estranha e distante melodia. Uma voz doce, feminina, como se alguém, ao lado do seu corpo, o velasse, durante as noites de inverno e os dias quentes de verão, nas horas do outono e eras de primavera.

Treva. E assim, sabia, devia continuar. E as lembranças, como afiadas garras, cravavam-se em seu abstrato corpo. Absorto, quem sabe. Absorto em seu real mundo. Um mundo onde ninguém mais poderia pisar, invadir, dividir; um rei de si próprio.

Dores. Lancinantes dores, que impedia mensurar tempo. Era apenas esse sentimento. O que não sabia é que o mundo havia acabado. Havia acabado para o seu corpo morto, vivo apenas na lembrança d'um passado ainda tão nefasto quanto um futuro inexistente. Deu-se conta que havia passado eras, e que suas lembranças nada mais eram que fragmentos de uma vida nunca vivida.

FIM

31/03/2008 Segunda-feira (feito entre 20 e 21 horas)

Autor: Leonardo Nunes Nunes

---

Data : 24/07/2011

Título : O Interrogatório de Muir

Categoria: Artigos

Descrição: Penso que meu ilustre desconhecido tenha tido mais que uma inspiração...

## O Interrogatório de Muir

Leonardo Nunes Nunes

24/ 07/ 2011 domingo

14h 59min

Penso que meu ilustre desconhecido tenha tido mais que uma inspiração para seu interrogatório, mais do que as simples e, às vezes, insuficientes palavras expressam, quiçá até mais do que queria dizer. Nas entrelinhas, creio, estão as dúvidas e os anseios do ser vivente, daquele cuja morada está tão vilipendiada e cujo tabernáculo está fadado ao pó.

Ter hesitado em cruzar a estrada, a meu ver, é justamente as escolhas que deixamos de fazer ao longo de nossas vidas, e também as escolhas – erradas – que eventualmente (quase sempre) fazemos. Indiferentes são as consequências de nossas escolhas mal-feitas. À espera, parados, do interrogatório, nada mais é do que malograr-se frente aos enganos, que é, também, a própria vida (e também a que levamos).

Diante do fracasso (mesmo que mascarado de êxito) sempre nos perguntamos: quem somos ou de onde viemos. Não adianta negar o que somos, não quando (somos) raças: a mais inteligente, a mais cruel. A mais prejudicada (por um e por outro [inteligência e crueldade]). Então ficamos parados e respondendo dia-a-dia, para a vida, o porquê de nossas batalhas. E do fracasso (sobretudo como ser vivente, pulsante).

Ver, pela estrada, pares amantes é observar a todos, sim, na estrada da vida, felizes e bobos. Claro, descuidados. Andantes, errantes d'outras estrelas e d'outros pensamentos, estes distantes da verdade absoluta. Com sonhos na cabeça nada evolutivos, simplesmente passantes, mas com rumos certos iguais ao de todo o mundo. Tão perto, tão longe. Iludidos. Simplesmente iludidos, com tantos desvios, achando-se donos de respostas e ações, quando vem a vida e os tolhe feito mão pesada e resoluta.

O homem tente a continuar seu errante destino arrogante, um vagamundo manipulado. O campo, o seu lar tão desprezado, impassível e nem um pouco distante, sabe que logo tudo reiniciará – novo ciclo, coisas velhas, força inalterada. E em seu limite, estando o homem sem imaginar está-lo, o fio da paciência, sabedoria, quase se esgotando, nada faz para tentar corrigir seus erros, nem se preocupa em deixar de cometê-los, e então vem esta força primeva e destrói e reconstrói. Passa feito areia no deserto, ou o ar que respiramos, não vemos, mas poluímos.

Creio que para o distinto poeta Edwin Muir, que também conheceu dois séculos (o fim d'um e o início d'outro), o interrogatório é o transcorrer desta vida, seus fracassos e fracassos travestidos de sucessos, conquanto o seu continuar

seja a própria vida, seus desgostos e desgostos disfarçados de sabores e talentos.

EDWIN MUIR, POETA, 1887, 1959.

Leonardo Nunes Nunes

15h 55min

Data : 30/01/2012

Título : O Limbo. O Ostracismo.

Categoria: Contos

Descrição: Ao som de minhas músicas vejo uma pessoa dentro de meu apartamento. Não que me surpreenda, nem tampouco fico assustado.

O Limbo. O Ostracismo.

Ao som de minhas músicas vejo uma pessoa dentro de meu apartamento. Não que me surpreenda, nem tampouco fico assustado. Simplesmente olho, indiferente. E sozinho, acompanhado tão-somente pelo meu conviva desconhecido, pantasma de épocas distantes, penso quão monótono seria com ele não conversar, não lhe dar atenção.

- É por aqui o caminho? – pergunta-me ele, um ser distinto, na mais bela roupa oitocentista – É por aqui?

- Pois, sim – respondo com naturalidade – Pois, sim.

- Deverei por e através de ti passar – diz, com também naturalidade.

- Passe – respondo – É por aqui – mantenho-me indiferente, apontando para a janela.

Ao que o conviva passa mansamente e atravessa a janela sem olhar para trás. Deixa o escritor sozinho de novo, com seus pensamentos e dúvidas. Cai no esquecimento outra vez e desaparece. É mais um que se vai sem ser auxiliado. E de novo o escritor é incompreendido. O Limbo. O ostracismo.

Escrito em Bal. Camboriú – 30/ 01/ 2012 segunda-feira 21h17min

Leon Nunes

Data : 01/01/2007

Título : O recado foi bem passado

Categoria: Contos

Descrição: Bege. Enquanto eu estava esperando minha esposa, no estacionamento...

O recado foi bem passado

AUTOR: Leonardo Nunes Nunes

Nota: Conto em homenagem a Stephen King. Obrigado pela dica. Espero ter convencido. E que esteja à altura. Escrito no dia 10 de julho de 2007.

“Pensem aonde estacionaram seus carros. Agora, imaginem que em algum lugar há uma pessoa perigosa que não se importa quem matará ou quanto tempo levará para fazê-lo. Quero que imaginem essa pessoa ficando ao lado do seu carro, abrindo-o e deslizando para o assento de trás, onde está escuro e confortável. Logo você irá embora e entrará em seu carro. Você irá pensar: ‘espero que ele não esteja no assento traseiro’. Você entra no seu carro. Se eu conseguir passar o recado, você vai se inclinar em direção do assento traseiro onde as sombras negras estão. Você se inclina para cada vez mais perto. Mas não se incline demais.”

Stephen King, em entrevista para a revista Fangoria.

Bege. Enquanto eu estava esperando minha esposa, no estacionamento para carros no Shopping Center, eu o vi. Estava caminhando pelo lado de fora, na calçada, e parecia saber que eu o observava com os olhos. Usava bengala, mas não era um senhor, na verdade, mais parecia ter alguns trinta anos de idade. Usava um pulôver bege. De repente fui jogado à minha infância, aonde os mais velhos falavam que o “Homem de Bege”, um dia, viria nos pegar, e mataria, um por um, sorvendo nosso sangue, dando risadas diabólicas. Voltei. Mas não por inteiro. Estava com medo. Via-o dar passos lentos, como se ninguém mais pudesse vê-lo.

Tenho a nítida sensação de estar ouvindo gritos, gritos de pessoas desesperadas, sirene de ambulância, o choro de alguém ao meu lado. Sinto isso. Olho pelo espelho retrovisor, porém nada vejo de diferente. Lá está, refletida no espelho, a porta do mercado do Shopping, os outros carros que lá já estavam, algumas pessoas caminhando na calçada, pelo lado de fora. Nada de diferente. E ele, a passos lentos, brincando com a bengala, com aquele sorriso largo no rosto, ora soltando gargalhadas, ora apenas pensativo. Eu o vejo observar-me. Ele continua caminhando na mesma velocidade, até o portão da grade frontal, e pára. Eu observo ao redor, ninguém está ali, seja com seus celulares nas mãos, ou com as compras; nada. Celular. Certo. Levanto o meu, mas está sem a bateria. Mas eu o havia carregado nessa última noite, como pode?

Tentei abrir a porta, mas estava trancada. A chave estava pelo lado de fora! Ele sente o que sinto, e o que sinto é um pavor intenso. Se sair daqui, nunca mais deixo o carro fechado enquanto dentro dele estiver. Penso. Eu grito, mas

ninguém parece me ouvir. As pessoas continuam caminhando, lá fora, ignorando-me, ou simplesmente não me ouvindo. Alguma coisa me diz que esse homem não é a minha ajuda.

- Hey! Tirem-me daqui! Por favor!

Nada. Meus gritos não surtem efeito.

- Ele não está ouvindo. Abra a porta, senhor!

Mas que voz é essa? Estou sozinho, aqui! Mais uma vez olho pelo espelho, mas ninguém vejo. E o homem... pelos deuses mais poderosos, aonde ele foi? Viro para os lados, ele não está em nenhum lugar! Mas, como?

- Enquanto jovem, acreditavas. Fostes tolo ao esquecer um aviso tão importante, e tão simples. Você sabe como são as crianças? Elas não mentem porque quer, mas porque são coagidas pelos adultos, pois os vê como algo que devem ser no futuro.

De quem é essa voz? Mais uma vez olho para os lados, sem sucesso. As pessoas, na calçada, parece não haver mais ninguém lá!

- Escutas?

- Não! Tirem-no daí!

- Estamos fazendo o mais rápido, senhorita.

- Eu não deveria tê-lo deixado voltar para o carro... não deveria...

- ESCUTAS?

No mesmo instante em que sinto duas mãos pousarem em minha cabeça, vejo-me dentro do mercado. Eu falo para minha esposa que devo voltar para o carro, pois esqueci-me de algo, porém não lembro o quê. Ela me puxa para si e diz: “Cuidado”. Mas cuidado, com o quê? Meus passos me conduzem para fora do mercado, nem mesmo o último beijo lembro ter nela dado. De fato tudo parecia estranho logo que saí porta a fora. Por um breve momento senti tudo ficar lento, ouvindo o eco produzido pelas pessoas que no mercado entravam e passavam por mim conversando. Cocei meus olhos, visão turva, forcei a caminhada até o carro. Abri a porta, mas não notei algo estranho dentro dele. Entrei, sentei no banco e a fechei. Bege. Pelos mais sagrados deuses, o que vi no banco traseiro... vestindo roupa de cor bege! É um pandemônio que neste momento vivo. Agora as cenas que antes pareciam triviais passam diante de mim como se eu fosse apenas um espectador qualquer. De fato, assim sou. A minha infância, o momento em que ouvi, pela primeira vez, falar do “Homem de Bege”, que viria sorver nosso sangue, dar risadas diabólicas, levar-nos para bem longe; meu colegial; minha primeira esposa, morta no acidente de carro, em que eu estava dirigindo, naquela fatídica noite de primeiro de agosto, banhada por um Luar espetacular; os momentos bons e ruins que vivi com minha nova esposa, o nosso casamento, a perda do nosso filho após ter nascido, há menos de um ano; a partida de casa até a chegada no mercado, a minha não-reflexão de onde estacionar; os passos lentos voltando para o carro; a estranha visão d’alguém de pulôver bege no assento traseiro, dando risadas, com a bengala nas mãos... e o eco percorrendo minha cabeça: “Escutas!”.

- Estamos conseguindo tirá-lo daqui! Por favor, dê-nos licença.
- Oh. Por favor. Não morra!

A minha esposa. A minha esposa! Onde estou? Aonde?

- Procuraste-me a vida inteira, agora estou à sua espera.

E as mesmas mãos que antes senti pousarem em minha cabeça, largaram-me. E no confortável escuro do assento traseiro, lá está aquele que proveio de meu passado. E em sua direção, inclino-me para ver as negras sombras, e nelas, a cor bege parece sobressair-se. Inclino-me cada vez mais perto... mais perto...

Inclinei-me demais!

FIM

Data : 17/07/2010

Título : O Sonho

Categoria: Poesia

Descrição: Tenho de admitir: sonhei. (revisado noite 20/10/2012)

O Sonho

Autor: Leonardo Nunes Nunes - Leon Nunes

Data: 17 / 07 / 2010

Tenho de admitir: sonhei.

Sonhei com um mundo sem dor,  
sem sofrimento

Calmo e sem pobreza.

Sonhei com um mundo coberto por uma luz divina

Pelo manto do Divino

Pela paz bíblica.

Sonhei com anjos (Anjos!) dos Céus

que desciam do Céu em seu completo frescor

que dançavam uma bela melodia.

Sonhei que o mundo podia

ser um dia

liberto.

Sonhei com um mundo sem dor,

sem sofrimento  
Calmo e sem pobreza.  
Mas acordei  
– Acordei! –  
E vi um mundo abalado  
Pobre e intranquilo.  
Vi um mundo coberto por um manto escarlata  
de sangue e Morte  
Banhado pela luz mortiça  
de inúmeras eras condenado  
a um tormento sem paz.  
Vi um mundo tomado prum incontrolável  
Horror  
Pelo Mal sodomitæ[1]  
Vi que os anjos (Anjos!)  
Felizes somente em meus sonhos  
Choravam  
– Amargamente ! –  
tristes  
A este grande sofrimento.  
Sistematizado (era) esse Horror  
Oculto, também.  
No vácuo,  
por onde escoam quaisquer esperanças,  
Sugados todos (nós!) eram.

Cadê a paz que  
um dia  
Eu sonhei?

Vi um mundo descortinado  
De toda aquela – vã – esperança  
d'outrora  
De toda aquela certeza  
agora morta

De que haveria um lugar melhor (para morar).

Vi

esmorecer

vãs palavras nas quais tinham-se como verdadeiras.

Vi

esmorecer

a resistência da carne

A fortaleza do mais crédulo

Brincando despretensiosamente com o Destino

Em outra hora

apenas um menino[2]

Entibiando o que antes parecia ser um vivo interesse d'alma

Evocando, em silêncio, deuses e deusas mal-afamadas.

Viria et hinc illæ iræ[3]?

O completo desenlace?

Sonhei que o mundo podia

ser um dia

liberto.

Vi

(agora)

Que dependia duma nova "Idade das Trevas"

Para

um dia

Poder ter – Remota, Remotíssima –

Chance alguma de Salvação.

FIM

---

[1] Latim: Sodomita. Aquele que pratica a sodomia. Ou, no poema, simplesmente "sodomizado". L.N. Autor

[2] Refiro-me à juventude da Terra. L.N. Autor

[3] Viria daí esta vingança? – Do Latim.

Nota do autor: Não é o negativismo criando voz e falando mais forte. É apenas minha constatação dum mundo cada vez mais doente, impotente diante a uma força invisível e cego para poder tomar providências.

Data : 01/01/2008

Título : O Sonho de Nicolas

Categoria: Contos

Descrição: Sabia que não era uma grande pessoa. Os sonhos...

O Sonho de Nicolas

Autor: Leon Nunes

Nota do Autor: Esta história foi escrita durante o mês de dezembro de 2008. Este conto foi participante do último Concurso Literário Josué Guimarães (Jornada da Literatura 2009), mas, como o de qualquer outro escritor daqui da região, não foi agraciado para uma publicação em livro. Inspirada em J. L. Borges, e para ele dedicado.

“(...) não sentimos horror porque uma esfinge nos oprime — sonhamos uma esfinge para explicar o horror que sentimos.”

Ragnarock – Livro dos Sonhos – Jorge Luis

Borges

Sabia que não era uma grande pessoa. Os sonhos o revelaram. Revelariam ainda mais se tivesse a faculdade de prever o futuro. Nem deuses, nem demônios poderiam, simplesmente, explicar sua atitude, e as consequências. E elas foram tantas... que nem posso imaginar.

Esta seria uma história qualquer, de uma pessoa qualquer, em uma situação qualquer. Mas o fator dominante é a religião, ou o poder da fé que sentimos uns nos outros, em deuses, em um único, exclusivo, onipotente e onipresente Deus.

Se Matrona [1] sonhasse, um dia, que seu cadáver seria jogado na água amarela do Tibre, com os olhos abertos, talvez ela teria mudado seu destino antes mesmo de traçá-lo. Se Maria tivesse apenas sonhado que poderia dar à luz um garoto que seria conhecido como o salvador, nada disso estaria acontecendo. Se eu dissesse para um Paulo qualquer que os sonhos a que vem tendo não passam de imaginação, sua aversão ao próximo diminuiria, e ele deixaria de matar. Mas não fui capaz de alertar Nicolas. Ele sofreu com sonhos aterradores, com deuses que sussurravam aos seus ouvidos coisas que soam aos nossos como blasfêmias.

No início não passou de uma pequena, porém crescente obsessão. Tolerrei. Via em sua face um ardente olhar de um visionário. Suas pinturas – e elas eram reais – retratavam um mundo desconhecido, mas por nós tão conhecido e nomeado pela alcunha Terra. Nela, e em todas as pinturas, criaturas que não humanas habitavam o mundo. Terrestres ou aquáticas, aéreas ou do submundo. E era assim todos os dias de sua fatídica vida.

Nasceu pobre, um coitado. Cresceu na miséria, desalentado. Mas foi isso que o fez ser como foi.

Nasceu naquele estranho ano de 1979, uma época que foi conhecida por invasões extraterrestres e outros assuntos por ora menos importantes. Se pudesse prever o que viria pela frente, certamente teria tomado precauções.

N'um dia qualquer, sonhou que sonhava. Nicolas tinha olhos azuis, mas no sonho dentro do sonho, eram castanhos. Sua excentricidade aumentava na mesma proporção que as horas passavam. E nesse dia, seu sonho revelou. Revelou a loucura, e a morte. Revelou a solidão. E a desgraça. E eu o vi acordar, tomado por um horror incompreensível.

Passou a ler para compreender o que sonhava. “Talvez”, sussurrou um dia desses, sentado na beira da cama e eu na cadeira, “a literatura possa explicar o que entrevejo pela borda do precipício negro e enfadonho”. Eu não entendi mais do que uma poesia saindo boca a fora. Mas era um pedido de socorro, e não fui capaz de ajudar. Lia H.P. Lovecraft, lia Poe, N. Hawthorne, e muitos outros. Lia J. Keats, W. B. Yeats e muitos outros. Lia tomos sujos de poemas não menos sujos, antigos e embolorados. Poemas satânicos, outros apenas românticos. Lia sobre os castelos, sobre os poemas obtidos em sonhos, poemas de construções, de ruínas e cidades proibidas. Lendas, ritos e mantras. Porém nada encontrava. Sua obsessão aumentava.

E quando recebeu a carta, veio comigo ter conversa. Ficou apavorado, estava branco como cera. Tentei acalmá-lo, mas não adiantou. Falou sobre sonhos. Mais ou menos assim:

- Eu sonhei.
- Eu sei.
- Eu sonhei. Os sonhos revelaram-me a carta. Revelaram-me tudo. Só não sei interpretar.
- Apenas tente.
- Contar? Não! Impossível! Só de lembrar meus braços paralisam!
- Então não conte.
- Mas se não contar, vou enlouquecer.
- Pois conte, então.
- Eu sonhei. Eu sonhei... sonhei... sonhei, sonhei e sonhei. Naqueles sonhos em que meus olhos são castanhos, sabe. Naqueles em que tenho olhos castanhos. Eles sussurram aos meus ouvidos, amigo. Sussurram coisas estranhas, pedindo para fazer as coisas estranhas. E quando sussurraram a carta nos sonhos, pensei que fosse mais um poema, mas é verdade. A carta. A carta... a carta.... a carta...

E pousou o pedaço de papel já fora do envelope em minha mão estendida há bastante tempo. Ele não parava de sussurrar “a carta, a carta, a carta” intercalando com “eu sonhei, eu sonhei”. Eu não entendi o motivo que o levou a agir precipitadamente, e o que fê-lo ficar pálido, senão somente agora. Tenho-a diante de mim para lembrar daqueles instantes em que sonhos e realidade misturavam-se de tal forma que, como uma forte correnteza, seria impossível não deixar-se tomar pelo tom pessoal e incomum.

“Veja! Não tenho outro caminho senão dizer-te, e odeio-me por isso...

Meus avisos não bastaram, e você sequer levou a sério quando ouviu palavras minhas.

E agora, vê? Está conforme o narrado!

Estão traindo-te...

Cuidado! Abra teus castanhos olhos. Tudo que foi dito é verdade.

No passado recente, pegando-te no flagra, garanto com as provas aqui...

Mas que humano sou se não te mostro?

Veja com seus olhos de avelã!

Como dói mais uma vez dizer: não gosto dessa situação, mas...

É assim que tudo funciona.

Peço-lhe apenas uma coisa: cuida-te.”

É claro que, mesmo apresentado no sonho, não lembrava-se do texto por completo. Mas ele sabia que a ameaça era verdadeira e iminente. Quem sabe teria um nome. No entanto, começou a germinar e a multiplicar-se, era provavelmente como se uma ponta de pavor passasse a ser o caos, o motivo de todo um horror. Até a mim as palavras assustam.

É óbvio que sua loucura teve como origem a carta recebida. Do contrário, não teria passado aqueles fatídicos dias confinado em um hospício. O coitado do Nicolas sofria vez ou outra desses “espasmos” oníricos. Eu tinha medo de deixá-lo sozinho, mesmo ele sempre tendo vivido completamente só durante sua vida. Sem filhos, eu era seu representante legal. E sua casa era linda, bem antiga, daquelas que o valor mais alto ainda não pagaria verdadeiramente sua venda. Certa vez, lembrando o passado, quando eu ainda era jovem, falou com mínimas palavras: “Tive poucos amigos em vida”. Mas ele, quando jovem, fazia de tudo um pouco. Como, por exemplo, trabalhar em uma mina de ouro, em busca de sorte e riqueza. Foi aí que fez um grande amigo; foi aí que cultivou um eterno inimigo. E foi com ele que fui ter conversa.

Sua casa era praticamente igual a do meu falecido parente, resguardado as devidas diferenças. Não sei se por respeito, ou consternação, mas recebeu-me bastante cordial, diferente do que eu imaginava.

- Pelo visto você quer saber mais sobre Nicolas. Sim, éramos inimigos.
- Mesmo com a inimizade, tenho certeza que saberia me dizer o que ele vinha fazendo ultimamente. Um ataque do coração; essa história não está tão bem explicada.
- No passado, ninguém podia contra nós. De certa forma, éramos iguais.
- E você sente sua falta?
- Se quer saber – falou ríspido – sinto, sim! Eu chorei quando fiquei sabendo de sua morte. Saibas que é difícil receber a notícia que alguém, mesmo agora inimigo, que tanto preza, morreu. Ele era meu ídolo, só que nunca soube disso. Nunca veio a saber.
- E você tem ideia se alguém o perseguia?
- Como vou saber? Há muito não falávamos.
- Receio que haja um problema nisso tudo – e entreguei-lhe a carta que havia recebido anonimamente.
- Deus do céu!

E quando foi internado, praticamente caí em desgosto. Retirado de casa, Nicolas repetia algumas frases soltas que a mim nada soavam senão como balbucios. Se o encontrei em sua “cela”-quarto? Não. Não suportaria vê-lo em seus derradeiros dias. Dias esses em que continuava a repetir, incessantemente, as mesmas frases, supondo serem mais de uma.

Não sei se o mundo deve ou não ficar sabendo disso. Nem eu entendo o que se passou com Nicolas, quanto mais aqueles que trabalham e não têm tempo de ler.

Ele achava que estava sendo seguido. Ou acreditava que alguém o seguia em sonhos, o que é quase a mesma coisa. Se, nos sonhos, esse “alguém” tinha garras ou era simplesmente um humano, a fantasia contaminou todo o seu cérebro. Mas todos os sonhos pareciam ter uma semelhança, por mínima que fosse. Em sua excentricidade estava intrínseca essa informação. E a semelhança era o “algo” que o perseguia. Esse “algo” atravessou a tênue barreira que nos separam do inverossímil.

Não se sabe os anos que os sonhos retratavam, o tempo ou a época. Talvez nada disso tenha relevância. Disse-me ele outra de tantas vezes: “É sensato aludir a um sonho, quando esse mesmo sonho dá luz às trevas. Se tenho medo, ou se estou lúcido, é apenas um detalhe. Nada disso conta, quando todo o mal não é reparado em nossa realidade. Se as imagens são nítidas ou não, se o pensamento voa em direção a um lugar desconhecido, se eu posso ultrapassar barreiras com extrema facilidade, é porque tudo isso está para acontecer, em breve. Mas se não há uma ulterior restauração daquele sonho deveras importante esquecido, uma lacuna ficará aberta e demorarei um dia inteiro para reconstruir todo um cenário perdido. Ao que me consta, o mundo é feito de duas camadas: a da visível, que podemos tocar e impressionados ficar, e aquela invisível, nada mais do que o outro lado, provavelmente o mais negro, de nossas vazias vidas.”

Nem a leitura o ajudava. A que ser dado importância a sua tentativa de melhora, pois ele demonstrou isso. Ele prezava a tentativa, fosse qual fosse. Chegou a mudar de hábitos, veja bem! Caminhadas sempre às cinco da tarde eram feitas com muito vigor, com muita saúde. Mas eu percebia que ele seria derrotado novamente, pois seu rosto sempre estava sulcado de rugas de preocupações, e aqueles olhares furtivos para trás para saber quem estava seguindo seus passos. Mas, claro, eu fingi não perceber.

No entretanto, chegou a viajar para Suíça, passando um mês nos Alpes congelados. Garantiu-me que os sonhos não o acometiam mais, e que julgava ser coisa do passado. Mas não era, e foi ele só chegar que passara a sonhar novamente.

Se Nicolas despertasse do transe hipnótico dos horrores sussurrados, sua vida não teria terminado ali. Mas os deuses não perdoaram o pecador, e atormentaram-no até o último suspiro do que restava de vida em seu corpo. Para os deuses, tudo era esplendor. Mas para Nicolas, tudo era terror. E aí dele se não seguisse o ordenado! Um coitado, um simples mortal.

Que perseguição, que tormento ele sentiu ao vê-lo, seja quem for, em seu encaço! Mas eu me pergunto: quem mais sabia da carta nos sonhos? Quem, senão ele próprio? A quem ele poderia ter contato sobre sonhos tão insanos?

Mas responder perguntas feitas a partir de fragmentos de verdades não é nada fácil, e não constitui o cerne de nossa vida.

Já foi constatado, via história, que os sonhos podem servir de ponte para outros mundos, muitas vezes contendo desgraças infinitas. Quantos e quantos foram os poetas que vislumbraram oniricamente odiosos fins? Mundos de um mal superior, que nenhum deus aventura-se por tais bandas, que esgueiram-se sombras de intento ominoso. Não seria diferente com Nicolas. Ele previu a desgraça, e pagou por isso. Antes dos sonhos Nicolas não era nada, mas passou a ser alguma coisa quando lhe foi dado a vocação de sonhar os limites insondáveis da nossa imaginação.

Por fim, não suportou. Sucumbiu à loucura e ao desespero. E gritou, com todas as forças, não apenas uma, mas várias vezes. Era como se ele pudesse olhar por através de todos e de tudo. Quem sabe até tivesse condições de, inclusive, vislumbrar o inferno em posição confortável! E eu não fui capaz de ajudá-lo quando de mim mais precisou. Quando para mim suplicou ajuda, uma mão estendida, um ouvido para escutá-lo sem censura, estava lá eu, como um carrasco – mesmo sem intenção – a fim de decapitá-lo.

E se Nicolas não chegou a guardá-los senão na lembrança, ninguém de nós mais terá condições de saber contra quem lutar. Mas, se bem me lembro, as frases que julgo soltas rimam, pelo menos, com a loucura relatada por Hoffmann: “Gira, círculo de fogo... gira, círculo de fogo”; “Ê, lindos olhos... lindos olhos!” [2]. Tenho certeza que sempre assim gritou, até sua vida findar-se.

Prometi a mim mesmo que a partir daqueles dias que se sobrepujam, enterraria a história junto de meu parente, no cemitério Cruz e Souza. Se ele não suportou as revelações, significa que nenhum outro humano merece obter tais nefandos conhecimentos. Talvez a série de sonhos não tenha fim; talvez a chave esteja no último deles [3]. Que importa. Olhando pela última vez o túmulo de Nicolas tenho a certeza de que já demos fim a nossa vida antes mesmo de nascermos.

É um fato. É um alegre fato.

FIM

Leon Nunes

---

Data : 16/04/2017

Título : O velho Douglas

Categoria: Contos

Descrição: Quando morei no Canadá, conheci um velho recluso.

## O velho Douglas

Quando morei no Canadá, conheci um velho recluso.

Dele, no início, aproximei-me com cautela; não resisti aos encantos do oculto, e me vi inserido naquele mundo intocável e fechado. As pessoas o evitavam, não só por ele pouco aparecer, como também pelas fofocas que, por seu jeito eremita, surgiam entre rodas de amigos e cafés. Nunca gostei da postura daquele povo. Cidade do interior como qualquer outra no mundo. Eu fiquei mal falado; perdi o emprego; voltei.

Permiti-me dar-lhe um nome qual eu pudesse falar com facilidade; ele aceitou como se eu o batizasse novamente, sem resistência.

Douglas me mostrou quão sábio era.

Pessimista, embora nada catastrófico, tendo-me acolhido como a um filho regresso de vidas passadas, explicou e provou os porquês das dores, dos sofrimentos, da reclusão.

Magia. Qualquer coisa que ele falava, voz serena, mansa, carregava mágica, e dela inebriei-me.

Foi capaz, inclusive, de criar luz a partir do cosmos.

Não me ensinou, porém; apesar de ter feito algo que em mim tudo grudou.

Com o avançar do tempo, não meu nem dele, a janela onírica se abria nítida, e através dela, pude ver-perceber-reconhecer o mar revolto que nos circunda, as nuvens escuras e o que há dentro delas. Foi a primeira vez que meus olhos brilharam.

Toda vez, exceto a primeira, ele me recebia com uma xícara de chá. Toda vez, mesmo na primeira, ele se mantinha sentado na cadeira de balanço diante da pobre lareira. Sempre a mesma roupa, a mesma luva, o mesmo gorro, o mesmo cachecol escuro.

A música sempre foi o silêncio absoluto. Eventualmente quebrada por sua fala explicativa.

Não havia alto ou baixo, céu ou terra; a verdade, simples, divina, se me era atrativa, magnética. Não senti medo ou horror, talvez porque nunca escrutinei a visada. Nunca me fora deletério aquela experiência. Senti paz.

A prisão está dentro e fora da carne; não basta cortá-la; é preciso desfragmentá-la; é uma viagem repleta de ensinamentos novos e bombas que destroem os antigos; é ancestral e remonta a uma época primeva que, nem mesmo juntando recordações de vidas nossas, não somos feitos para lembrar; somos cópias de recombinações mal executadas; soprou apenas nosso corpo e nossa alma para se dizer seu; restou o vazio da ignorância que nos preenche. Quando tomamos do doce da ilusão, passamos a entender que todas as sensações são falsas. Que poucos entendem nossa dupla prisão. Encarcerados numa ilusória existência para não vermos a real, tão pérfida quanto.

Com minha demissão, não tive outra escolha senão voltar ao Brasil.

Quando fui me despedir, não encontrei Douglas com sua roupa repetida, voz serena, sapiência incompreendida. Só um bilhete, sucinto, que comigo carrego.

Ele, por ser recluso, conseguia ser livre e voar por entre nuvens e criaturas e reviver.

Eu. Eu trouxe comigo toda desgraça desta História.

M.

Eu sou você.

Você, eu.

FIM

08h 22 min

18h 54 min

Domingo

16 abril 2017

Data : 29/04/2011

Título : ODNA

Categoria: Contos

Descrição: Nota do autor: Conto baseado no sonho da madrugada do dia 26 de abril de 2011. (revisado noite 20/ 10/ 2012)

ODNA

Nota do autor: Conto baseado no sonho da madrugada do dia 26 de abril de 2011.

Início: 26/ 04/ 2011 07h58min

Fim: 29/ 04/ 2011 10h48min

Este conto foi retirado por motivo de participação de concurso literário.

Data : 14/06/2015

Título : Oh tempos modernos

Categoria: Poesia

Descrição: Meu amor me deixou

( poema vindo ao meio-dia de 14 de junho de 2015 )

Meu amor me deixou

por uma loira oxigenada

Oh Deus! Que homem sou?!

Data : 09/09/2011

Título : Olvido anjo da luz

Categoria: Contos

Descrição: Parece-me que a vida, hoje, não possui aquela magia, quase sobrenatural, que existia há setenta anos...

Olvido anjo da luz

Início: 07 de setembro de 2009

Fim: 29 de setembro de 2011, quinta-feira, 13h11min

Nota: Talvez a única expressão que possa explicar essa história seja a mágica frase “O mínimo de sugestão”, cuja também majestosa autoria Henry James assina. A demora, creio, até que o último ponto tenha sido pressionado, é explicada única e exclusivamente pelo hiato de tempo necessário para sua completa criação, só assim é que foi possível dar-lhe vida, e de nenhuma outra forma mais.

LNN

“É como se um anjo tivesse descido do céu, fazendo daquela casa sombria, um lar alegre e confortável. Não seria triste se o anjo os abandonasse, voltando para o lugar donde veio?”

A Casa das Sete Torres – Nathaniel Hawthorne

Parece-me que a vida, hoje, não possui aquela magia, quase sobrenatural, que existia há setenta anos, aproximadamente. Não tenho parâmetros para analisar, afinal naquela época não vivi; sou dos anos oitenta, época ‘inda melhor do que a atual, mesmo atrasada em tecnologias. Quem poderia afirmar o que digo seria o meu avô, não fosse sua súbita morte. Perdi-o há quase três anos, um pouco menos. Tinha ele quase noventa, um verdadeiro baú de conhecimento e histórias que quase nada aproveitei. Hoje guardo as poucas conversas que tivemos em um lugar especial em minha lembrança, e

que vez ou outra tenho o prazer de revisitar. Conversas alegres na grande maioria, mas também conversas em tom melancólico, sempre evitadas. A história que tenho para narrar aconteceu justamente com meu avô, n'uma das oportunidades em que ele teve para viajar Brasil afora. Posso afirmar que marcou profundamente em seu âmago, também psicologicamente, sem jamais esquecer um segundo sequer daqueles tempos.

O ano foi o da graça de 1940, quando ainda completaria seus tão poucos vinte anos e deixava sua mocidade de lado para adquirir experiência e responsabilidade adulta, na ocasião em que chegara a “Paris dos Trópicos” [1] e se instalara n'uma já antiga pensão que abrigava apenas três pessoas, duas das quais em idade já bastante avançada e a terceira ‘inda no frescor da idade (em sua face, aparentemente, a paixão pela vida). Reparou sem dificuldade tratar-se dos donos daquela pensão e imediatamente achegou-se a eles.

O casal de velhos respondia pelos nomes de Horácio Fontes e Guilhermina Fontes de Barros. A moça, por sua vez, a que estampava paixão pela vida na face e que também recebera meu avô, respondia pela graça de Maristela Fontes. Vovô, tão logo pegou as chaves de seu quarto, dela despediu-se. Para ele, aquela antiga casa, provavelmente d'um antigo barão, passava uma horrível sensação ao simples olhar. Era-lhe forçoso respirar aquele ar desgastado. Os cantos mais escuros pareciam esconder qualquer coisa de ominoso, e não se surpreenderia se soubesse tratar-se d'um lugar mal-assombrado tamanho mal-estar que sentia. Em sua imaginação foi possível reconstruir as histórias por que passara aquela velha pensão, bem como as energias negativas que absorvera desde que firmaram-na ao solo. Deduziu ser este um dos motivos de há muito estar praticamente desabitada. Talvez tenha sido melhor assim.

Já em seu quarto, custou a pegar no sono. A noite veio acompanhada por uma enorme borrasca, alongando-se com uma tormenta. O amanhecer do dia seguinte provou que a chuva havia sido forte, mas também que havia dado uma boa trégua; isso facilitou muito as coisas. Em meio às nuvens, o sol sorria e abençoava, beneficiando desta forma os homens que arrumavam os estragos provenientes da tempestade. Meu avô, muito prestativo, ofereceu-se para auxiliar no conserto de algumas janelas da pensão que haviam quebrado. Foi assim que conquistou a simpatia dos vizinhos, e assim aproveitou para desfrutar de algumas amizades, segundo ele, muito boas.

Vovô, quando sua parte do serviço foi terminada, e, por isso, dispensado – creio que o pessoal que arrumava os estragos não queria que o jovem visitante se machucasse; voltou para o seu quarto. Antes disso, porém, encontrou o senhor Horácio Fontes escorado no balcão, e com ele resolveu versar uma charla.

- Algo o aflige – disse meu avô, afetuoso.

- Muitas coisas – respondeu-lhe o dono da pensão – Minha saúde não está nada boa, bem como a da minha esposa, Guilhermina. Meu peito dói quando respiro, e minha esposa sofre de dores agudas nas costas, logo acima da cintura.

- Meu caro senhor, sinto muito que esteja sentindo dores no peito, e também sinto por sua digna esposa. Não sou médico nem botânico, mas, por intermédio de meus pais, conheço o poder de muitos chás. Se quiser, faço-lhe imediatamente.

- É você um jovem riquíssimo. Conserve contigo este espírito receptivo e bondoso, isso basta para uma boa vida. Não é necessário comigo se preocupar. Vá fazer o que tem de fazer. O café será servido em meia hora.

Despediu-se então e foi para seu quarto. Lá, o que deveria ser alegria, conhecer lugar e pessoas novas, passou a ter um valor invertido, soava como um espectro que assombrava a vida de todos. Talvez tenha sido o destino que lhe pregara aquela troça, de mau gosto por sinal, colocando-o como simples espectador de algo que possuía autômata força e tirando-lhe qualquer poder de reação. Viu ele a ascensão da pensão e a queda – tendo visto de perto esta última; nos olhos dos donos mais velhos. Algo triste por demais, que foi incapaz de esquecer, e ainda o seria caso pudesse mais dez anos viver.

Seu quarto, lúgubre, resguardava muito de um passado enterrado, porém há pouco apodrecido. Tais quais os corpos dos nossos sepultados, que em minúsculo tempo viram comida dos vermes, aquele era o quarto, talvez, mais desvantajoso da pensão. Não perguntei ao meu avô o motivo de tê-lo escolhido, mas acho que foi ao acaso. De qualquer forma, nada iria lhe acontecer. Ele olhava para as sombras dos móveis e percebia que elas eram mais profundas e definidas, provavelmente pela posição em que o quarto estava em relação ao sol. Uma pequena parcela de toda a pensão, resguardando para si um pouco de conforto e aconchego. Nos móveis, dependendo do horário, espalhavam-se as sombras de tal forma que seria impossível distinguir seus contornos, fazendo cair, ainda que auxiliado por pequeno lampião, qualquer um em que lá dormisse n'uma escuridão sem limites. Em certos momentos do dia, era a – pouca – luz que o quarto recebia que vinha com outra pequena dose de negridão, impossibilitando a completa iluminação; isso quando a espessa cortina não filtrava ainda mais a luz. Negrume esse acentuado pela fraca luz elétrica amarelada, que mais causava irritação aos olhos do que iluminava. Talvez a única parte do quarto que a luz com força penetrava era a janela, mesmo que não de forma consistente, nem clarão ou vislumbre, antes uma imagem que se destaca do resto do quarto por possuir cores; uma iluminação direcionada mais ao chão, como que envergonhada ao chegar em lugar desocupado, e quando um ou outro fio de luz batia no lado oposto ao da janela, eram como olhos que se abriam repentinamente, tímidos. Quando no auge da escuridão, qualquer ruído, ou o próprio tiquetaquear do relógio de meu avô, era ferozmente engolido. No instante de treva, “mergulhamos no caos, devemos escutar o ruído dos furacões que suspiram e murmuram à procura de um mundo!” [2] Quanto aos

momentos em que o quarto ainda tinha uma esmaecida iluminação, os ruídos, o tiquetaquear do relógio, o cantar dos pássaros possuíam, mesmo que audíveis, uma estranha fraqueza sonora incapaz de ser explicada.

Era assim o quarto em que meu avô viveu aqueles dias. Não o melhor quarto do mundo, talvez ainda o pior; tenho certeza que era um lugar que conheceu novas vidas e viu velhas vidas serem ceifadas. O quarto e a pensão. Vovô não soube explicar direito, tentou usar de todos os subterfúgios e adjetivos de seu conhecimento à-toa, mas o caso era que o quarto exercia um estranho fascínio sobre ele, provavelmente pelo passar do tempo em que lá ficou – admitiu que cuidava para não mergulhar inteiro nas sombras do quarto, de modo a não se deixar levar pelo pesar que vagava pela pensão.

Exatamente após meia hora o café foi servido. Sem atraso, vovô já se abancara com uma boa xícara à sua frente. O café no ponto, o pão já cortado e sobre um prato, a geléia de Camu-Camu, tudo conforme o gosto dos três donos da pensão. Meu avô não tinha do que reclamar. Além de ter sido recebido muito bem, era tratado como se pertencesse à família. Acho ainda que, caso alguém chegasse desavisado, pensaria que ele realmente fazia parte da família, um primo vindo do sul provavelmente. Tenho certeza que faria o maior gosto.

Outra meia hora se passou e um novo hóspede chegou. Era mulher. Uma linda mulher. Ainda garota em seus trejeitos, mas passava a sensação de ter mil anos de experiência. Estava faminta, por isso o café da manhã foi servido novamente. Vovô ficou a observá-la da escada. Disse-me que um estranho brilho desprendia-se dela, era uma luz que emanava de algum lugar superior, sendo ela uma espécie de ligação dos céus com a terra. Logo ele subiu ao seu quarto com esta latejante sensação no peito. Por várias vezes perguntou para si próprio se o que vira desprender-se dela era uma luz ou uma pequena ilusão. E essa dúvida passou a incomodá-lo pelos três dias que se seguiram, mormente quando passava por ela sempre que se dispunha a ajudar nos afazeres que muito bem lhe cabiam.

Foi aos poucos que a transformação aconteceu. A bela mulher, sempre mantendo seus trejeitos juvenis, parecia ser a responsável por colocar um sorriso mais colorido nos lábios dos anciões Guilhermina e Horácio. Meu avô foi o primeiro a perceber esta sutil mudança, mas resolveu por ora não comentar, apenas sondar o porquê desta mudança para melhor. Perguntava para um e para outro como se sentia naquele momento, todos os dias desde então, sempre envolto de perguntas acerca de outros afazeres para não dar bandeira, recebendo resposta cada vez mais animadoras. Percebeu então que não era uma ilusão, que a bela mulher realmente trouxe consigo uma luz capaz de abençoar, ou como vovô disse: “Uma vida nova para todos daquele lugar, um sopro de felicidade que alumiu cada canto escuro daquela pensão.” Inevitável foi não pensar na incrível coincidência da relação da chegada dessa bela mulher com a nova fase, o novo momento, esse mais alegre do que o seu passado recente, pela qual a pensão vivia.

Meu avô apenas fechava os olhos para lembrar-se de tudo o que lá ocorreu. Com grande facilidade pôde transportar-se até o longínquo ano de 1940 e voltar a respirar aquele ar mais puro, bafio apenas dentro da pensão. Pena que não pude ir junto, eu iria gostar; mas as lembranças de uma pessoa pertencem apenas a ela. Compete a mim tão-somente imaginar.

A presença da bela mulher, a alegria e a luz que dela exalava foi, enfim, percebida por todos. Quando antes de sua chegada a pensão era um lugar praticamente asqueroso, evitável, tornou-se – com sua abençoada presença – um lugar habitável, vivo. Pulsante. Nem Horácio nem Guilhermina sentiam dores, ou se sentiam não passava de lembrança. Rostos corados, pareciam novamente crianças. Para Maristela, um milagre (ou quase), a completa realização de seus sonhos – vê-los felizes era sentir-se também feliz. Vovô apreciou essa mudança, e sentiu junto a luz infiltrar-se na pensão e no coração de cada um deles. Até novos hóspedes receberam, coisa que pouco acontecia nas últimas três décadas, pelo menos.

Meu falecido avô iria gostar de me ver contar esta história. Uma triste história, mas muito rica, sobretudo em seus pormenores. E o pormenor que desencadeou a desgraça não tardou em acontecer. Assim como, de repente, a garota chegou, também de repente uma estranha doença acometeu-a. Eu nunca me preocupei em perguntá-lo exatamente quando, durante o período em que lá passou, isso aconteceu, e a julgar pelo fato dele não ter mencionado a data exata, posso muito bem concluir que, para meu avô, isso não fazia a menor importância.

Vovô novamente foi quem pressentiu primeiro uma estranha apatia desta hóspede, ainda que aquela luz que dela desprendia-se nem por um só segundo apagou. No fim, Horácio e Guilhermina dependiam dela. Talvez a garota não tivesse percebido o bem que fazia para o casal ancião e para toda a pensão – uma vez que toda aquela escuridão parecia ter desaparecido quase por completo; ou se tivesse, não fazia disso uma vantagem. Ela passou a ser considerada um anjo dos céus, que trouxe consigo luz e alegria de viver. Além de ter sido o primeiro a ter percebido uma apatia, foi vovô também o primeiro a constatar: “A morte desta garota é a morte de Horácio e Guilhermina.” Vovô, embora jovem, era astuto. Percebia as coisas muito rápido, sempre foi assim. Sábio também, apesar de tudo. E durante a sua narrativa, recordo-me bem, olhou direto para os meus olhos e, incisivo e judicioso, utilizando o que lhe ocorreu como experiência, avisou-me algo que sou incapaz de esquecer: “Não podemos aceitar que o sopro repentino de alegria seja gratuito. Algo por detrás disso se esconde. Na maioria das vezes é bom. Entretanto, um intento, ainda que divino, mas que para nós tem o peso da morte, cheio de pesar pode esconder-se. E quando é mostrado sua face, ou será tarde demais, ou todos estarão impossibilitados de reagir.” Com vovô ocorreu especificadamente este último – impossibilitado de reagir. Mas é mister afirmar que ambos aconteceram com todos, sem exceção.

A saúde da bela garota começou a declinar. Foi percebido quando, n’uma manhã qualquer, ela sequer se levantou de sua cama. Preocupados todos ficaram, e Ananias, o médico, às pressas foi chamado. Depois de alguns exames feitos ali mesmo no quarto, nada mais Ananias pôde dizer senão que o sangue no corpo da moribunda estava acabando. Não havia o que fazer. Guilhermina, consternada pela resposta desanimadora e estéril do médico, não parou de chorar pelos cantos da pensão, ora confortada pelo marido, Horácio, ora por sua filha, Maristela, ora também pelo meu avô, o único que aparentemente conseguia acalmá-la.

Quando a garota, enfim, parecia reanimar-se, o abalo final aconteceu. Conseguir sair da cama tinha o mesmo significado de uma melhora, comer por

ter apetite era o sinal de sua vagarosa recuperação, mas isso só fez piorar sua precária situação. Alarme falso. Ela voltou a ficar de cama, desta vez com febre um pouco mais alta do que dantes. O doutor Ananias receitou um chá que deveria ser tomado três vezes ao dia, preparado pelo meu avô. A partir daí, era uma questão de horas a sua partida. Assustados, alguns hóspedes saíram, fugindo da pensão, mas os que lá ficaram logo prontificaram-se a fazer uma vigília, revezando inclusive com vovô e com Maristela, no quarto em que a garota estava.

A morte se achegou quando um dos hóspedes cuidava dela. Não foi a falta de cuidado que tirou sua vida, foi simplesmente a sua hora que chegou. Sua saúde piorou de vez. Um pequeno burburinho formou-se, e do quarto distante dava para ouvir os prantos de Dona Guilhermina, bem como, de qualquer lugar de dentro da pensão, o choramingo dos poucos hóspedes que não haviam fugido. Saber que em instantes a garota morreria, fez a tristeza preencher os cantos onde antes, com sua chegada, estava a alegria. Foi a primeira coisa a retornar ao seu lugar de origem.

Vovô fez questão de segurar a mão da moribunda, que, apesar disso, parecia tão ou mais bela do que antes. A bênção divina estava sendo confiscada. Horácio passava – a passos lentos – diante da porta, aspecto fechado, compenetrado, sisudo, carrancudo, certamente carregando um grande peso às costas (uma cruz insuportável, considerando sua idade), segurando com vontade sua Bíblia Sagrada em mãos e, com o indicador da destra, separando uma página talvez escolhida ao acaso (não foi possível reconhecer qual).

Foi estranho, para meu avô, e também um impacto tremendamente forte, vê-la morrer. A ‘inda bela garota sofreu até o último momento de vida, não haveria como negar. Vovô, movido pelo puxão que dela recebeu (praticamente rosto colado a rosto), abraçou-a com força, fraternalmente, ouvindo não suas últimas palavras – para isso já não tinha mais forças; mas seu último suspiro, este vindo do fundo da alma.

Vovô conseguiu ver, o que lhe pareceu n’um movimento vagaroso, descer uma “nuvem” de escuridão que contaminou, novamente, d’uma treva insondável toda a pensão. Desta vez, porém, a diferença era que a negritude fazia-se pior do que dantes. Junto do último suspiro foi aquela luz que até então carregava a bela garota consigo. Quão difícil é suportar a perda, assimilar tanta desgraça, tanta tristeza n’um jovem e ‘inda insípido coração! Vovô, recém um rapazola novo, teve de agüentar tal partida alquebrado, demonstrando sobretudo coragem. Nos corações daqueles desafortunados um sentimento de profundo pesar, de agonia, tomou conta. O mundo havia desabado. Tombou de tal forma que o óbvio aconteceu: Guilhermina e Horácio foram os que mais sentiram o baque, tendo ela chorado copiosamente. “Horrível dor”, segundo as palavras de vovô.

Tendo recusado terminantemente o auxílio financeiro alheio, Horácio, junto da esposa, foi quem financiou as exéquias do funeral, do próprio bolso tendo pago inclusive o formoso e caro caixão, que tão logo chegou foi, com extremo cuidado e vagar, preenchido pelo corpo da falecida e levado até a sala principal, sendo, exatamente no meio dela, ali mesmo velado. E o corpo! Ah, que belo corpo. Parecia apenas adormecer. Sua face serena, os olhos meigos, a boca fina e, no canto dos lábios, algo parecido com um sorriso a enfeitar-lhe a

face. Sua beleza não era natural de uma morta. Linda, parecia que se levantaria em instantes do caixão e poria fim aos choros, lágrimas e soluços. Só que, apesar de ali haver uma face serena e um sorriso gracioso nos lábios, nenhum ar por ela era respirado, e por isso despir-se-ia ela jamais de sua última mortalha.

Padre Gervásio chegou logo depois, a fim de dar a última oração de corpo presente e abrir os caminhos até o Céu. Combalido pela tristeza que tomava o lugar, decidiu que seria melhor levá-la de uma vez por todas à sua última morada. Foi o próprio quem conduziu o cortejo fúnebre ao cemitério, sob orações de Padre-Nossos e Ave-Marias repetidas com fervor por todos – ou pelo menos quase todos – que acompanhavam o caixão. Vovô foi um dos quatro que seguravam as alças de madeira do ataúde a carregá-lo.

Levou alguns minutos o trajeto entre a pensão e o cemitério, mas mais parecia ter levado séculos d'uma caminhada sem fim. Horácio e Guilhermina, o primeiro sempre acudindo a segundo, vinham logo atrás. Ela, chorona, ele, buliçoso. Bem da verdade, não havia ali quem não estivesse estressado com a situação. Vovô passara a sentir uma persistente dor de cabeça, e isso que era jovem; a doença de antes aos dois anciões reaparecera (e, pelo visto, mais intensa). Tudo muito rápido, aliás. Visível sobretudo em suas faces. Triste também. Doeu em meu avô no fundo da alma e no peito igualmente.

Lentamente o ataúde foi depositado em seu leito final: sete palmos do solo. Outro século demorou, desta vez junto de um estranho som – o da terra batendo no caixão quando jogada – até que, pelo menos, boa parte da cova fosse fechada. Retornaram para a pensão assim que a última pá de terra cobriu o caixão, dentro dele o belo corpo da garota. Em sua homenagem foi levantada uma lápide com os dizeres: “Aqui jaz um anjo, volvendo a seu lugar de origem”.

O retorno à pensão foi marcado pelo desmaio de Dona Guilhermina, nada grave porém. O médico foi chamado às pressas, por via de dúvida. Doutor Ananias, tendo diagnosticado nela fraqueza súbita, receitou um chá calmante, preparado por vovô, afirmando que um pouco mais calma deitaria e dormiria em breve. Não haveria como negar, todavia: era patente, assim como transparente feito o ar que respiramos, que a morte da vela garota, moça-mulher, anjo da luz, seria sentida como um duro golpe, seja do destino ou do divino. A pensão voltou a ser como antes da chegada da luz, bem da forma de como vovô a encontrou quando chegou. Trevas. Escuridão. Tristeza. Solidão e abandono. Foi possível perceber inclusive já na chegada, sem empregar demasiado esforço. O problema é que o retorno veio com uma dose a mais de negridão, o que piorava e muito as coisas. Mas o pior só viria a ser percebido nos dias que se seguiram; irrecuperável tornou-se a saúde de todos: Horácio e Guilhermina foram os que pagaram mais caro por toda essa desgraça – pagaram com a fraqueza, e também com a própria vida (uma constatação dura e fria da vida).

Vovô viu um novo momento para todos naquela pensão. Por um lado, foi um grande aprendizado de vida, por outro, uma tristeza inesquecível e praticamente indelével, pelo menos no sentido da amizade que lá deixou. Tendo passado uma semana, sem o que fazer exatamente, meu avô começou a dedicar-se nos afazeres domésticos, isso por não ter ninguém mais capaz de fazê-los. Cuidou dos dois nobres anciões, que perdiam forças rapidamente. Sim, um duro golpe mesmo. Primeiro sucumbiu Horácio. Dormiu na noite anterior e na manhã seguinte não acordou. Guilhermina chorou aos borbotões, pela perda

do marido, por sobre seu ataúde, também velado na sala. Doutor Ananias constatou parada súbita do coração. A viúva anciã acompanhou o cortejo arrastada, queria ficar na pensão, pois era lá o lugar em que Horácio estaria. Mais uma vez vovô carregou o caixão até a cova, que, a pedidos da viúva, foi fechado rapidamente. Quanto a ela, a tristeza tomou conta e, depois de muito chorar, não deu chances para Maristela se acostumar com o falecimento e ausência do pai: deu seu último suspiro pouco mais de uma semana de diferença. A própria Maristela, sem entender o que acontecia, já não concatenava direito as ideias. Enterrar a mãe com uma semana de diferença do pai foi demais para sua cabeça jovem; vovô suportou o peso das mortes melhor do que ela, ainda que assustado com a repentina seqüência de mortes. Também levou o caixão de Guilhermina ao cemitério, que, da mesma rapidez que fora enterrado Horácio, foi coberto de terra em poucos segundos. Se para Horácio ainda não havia epitáfio, Guilhermina foi a “inspiração” para a frase que passara a decorar seus túmulos: “A coisa mais harmoniosa do ser é a beleza da experiência adquirida somada à pureza da juventude da alma, o verdadeiro significado da vida.”

Não tinha mais motivo meu avô continuar a viver naquela pensão; então resolveu tomar seu caminho de volta, que seria a coisa mais sensata a fazer. Comunicou sua decisão primeiramente à Maristela, e posteriormente aos outros amigos que lá fez. Ninguém contestou seu juízo, muito menos Maristela, a única pessoa que vovô tinha medo de ferir os sentimentos. A bem da verdade, ela até apoiou, uma vez que não era sua obrigação permanecer na pensão ou ampará-la dali para diante. Antes de partir, entretanto, retornou ao cemitério para agradecer aos nobres anciões tê-lo recebido de braços abertos; pediu ainda bênção para o retorno à sua casa.

O retorno para o sul deu-se tão logo foi possível. Despediu-se de cada um prometendo levá-los consigo até o final de sua vida, cumprindo à risca tal promessa. Durante dias de viagem, qualquer cousa reminescente de lembranças esquecidas estava na iminência de emergir dos campos enegrecidos do inconsciente, mas, incapaz de se recordar, se se possível célere fosse, ‘inda tomado por profunda tristeza, recordações de momentos mágicos de dias retrógrados, ficou apenas e tão-somente com as lembranças mais fáceis e doces de momentos vividos na “Paris dos Trópicos”, norte brasileiro, sempre sentindo a presença insinuante do pantasma de omissas recordações desmemoriadas. Vovô trouxe consigo uma enorme experiência de vida, muita saudade e muita tristeza. Nunca mais retornou ao convívio deles. Jamais se esqueceu da marcante presença que todos eles possuíam em seu coração, todavia, mesmo sem saber do que lhes acontecera após sua partida. Para meu avô, ninguém envelheceu ou adoeceu. A lembrança tornou-se eterna.

Acho que vovô, só muito recentemente, entendeu o que foram aquelas lembranças esquecidas ao seu retorno. Provavelmente tudo ficou mais claro, e entendê-las certamente foi um bálsamo para sua alma. Eu havia percebido, não muito tempo antes de sua partida, que ele ostentava uma certa alegria no rosto, embora não comentasse sentimentos tão profundos e tão-somente seus. Não facilmente, digo. Revelou-me, por fim, e só depois q’eu disse ter entendido sua história, que as tais lembranças não lembradas eram da presença magnífica que ele sentia e às vezes via dentro daquela pensão antes do falecimento de Guilhermina e Horácio, o anjo tão belo e vivo quanto durante aqueles dias em

que irradiava reconfortantes luzes e abençoava com sua simples presença aquela velha pensão. Com algum propósito “provavelmente divino”, segundo vovô, esta presença por ele foi vista próxima de cada um à véspera de suas mortes, como a preparar um caminho todo especial para os nobres anciões. Uma presença difusa. E por isso impossível de ser recordada.

Só agora, tardiamente porém, entendo o que me aconteceu quando ao enterro de meu avô. Eu chorei, não pela morte em si, evento natural, mas pela minha distância dele. O funeral foi triste, a despedida, amarga. Terrível gosto da derrota. Palavras silenciadas. Saber adormecido. Ali estava o corpo de alguém q’eu queria e muito bem, já sem animosidade. Vovô amado, cujas experiências reveladas ecoam em minha lembrança livremente. E ao término da homenagem final e fúnebre, quando todos já, e até o fim de suas vidas sem a calorosa presença de vovô, se retiravam do cemitério, uma súbita decisão me tomou de todo lá permanecendo por mais tempo. Recordações, desta vez, só minhas. Rosto banhado pelo choro sagrado, custei ter visto um vulto próximo do jazigo. Olhava-me, um sorriso gostoso e meigo na face também igual àquela vista por vovô quando, pela última vez, visitara os nobres anciões Horácio e Guilhermina em sua última morada. E seu olhar transmitia segurança e também tristeza. O espírito do anjo protetor que, corporificado, era aquela bela moça-mulher que tanto deu vida sem exigir nada em troca, senão amor e compaixão. A alma que viera dos Céus para conduzir vovô diretamente ao descanso eterno. A certeza de que não haveria sofrimento no porvir. E seu olhar também me dizia: em breve, quando tudo acabar, eu virei e pegarei suas mãos com meu amor eterno e o conduzirei para perto de vovô.

A tristeza, que era muita, cedeu lugar a dois sentimentos distintos em meu coração: a estranhez da visada, e por conseqüência o não entendimento da mensagem, e outro, o do contentamento puro e simples. Vovô se sentiria feliz ao saber, e até creio que saiba, que finalmente compreendi o porquê de tudo que lhe aconteceu. E se naquela brevidade pude vê-la, posso muito bem reviver as memórias de vovô que também são minhas.

Fato obumbrado, sombrio, o de afirmar a não-existência da magia dantes, uma vida estéril em meio a tanta tecnologia frieza, fleuma d’uma época cujos sentimentos humanos, à exceção da excitação, são obliterados. Não à-toa as belas e sedutoras, conquanto nelas haja tristezas e amarguras, lembranças de vovô, todas elas e eternamente vívidas. O anjo morreu, mas não simplesmente morreu, aqui adormeceu. Se a história que contei pareceu acelerada em alguns pontos e minuciosa n’outros, digo ser tão-somente lembranças gostosas que carrego de meu avô e de suas narrativas. E se um ou outro fragmento me pareceu importante, talvez trivial tenha soado para vovô, mas, garanto, tendo nada eu modificado, tudo que relatei é, e sempre continuará sendo, fruto de suas palavras por mim assimiladas.

FIM

---

Data : 01/01/2010

Título : P.C.

Categoria: Contos

Descrição: História de Ficção científica de maçante leitura. Talvez muitos não conseguirão terminá-la. Conto inserido em livro a participar de concurso literário.

P.C.

(Terceira versão)

Autor: Leon Nunes

Nota do Autor: História de Ficção Científica que aborda a criação de mundos, a percepção de mundos diferentes, a obrigação desta condição terrena por meio de leis e um lugar no qual acordaremos finda esta percepção mundana.

Esta é a terceira versão d'uma história escrita na segunda metade do mês de janeiro de 2010, recém-terminada a data de 07 de setembro do corrente ano. A partir dela, uma nova novela surgirá.

OBS.: conto inserido em livro a participar de concurso literário.

FIM

Data : 01/01/2007

Título : Psicopata

Categoria: Contos

Descrição: Eu não poderia imaginar que iria acontecer...

Psicopata

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Nota: Conto escrito entre os dias 08 e 09 de julho de 2007.

Eu não poderia imaginar que iria acontecer uma tragédia na cidade onde há pouco tempo procurei proteção e sossego. Saí da cidade grande com a ideia de acalmar meus nervos, abalados devido sua agitação. Eu estava vendo o noticiário, quando escutei tiros sendo disparados na casa ao lado. Afundei-me no sofá; nada seria capaz de fazer-me sair de casa, afinal, queria um lugar para descansar, e assim deveria ser. Escutei uma voz masculina e outra feminina, e nada mais. Ele soltava gargalhadas, ela, urrava, pedindo ajuda. Ninguém iria ver o que lá se passava? Interessante... procurei paz, encontrei aflição.

Escutei a porta dos fundos da casa ao lado bater; um barulho oco no chão; uma porta de carro abrindo-se; um arrastar; a porta do carro fechar, e outro tiro. Mais gargalhadas. Os pneus rasgaram o chão saindo pelo portão e rua afora. Vou ver o que aconteceu; bando de baderneiros, pensei, contrariado. Saí pela porta traseira de minha casa, escorei-me na pequena cerca, olhei para os lados tentando procurar alguma coisa, pulei. À porta, chamei pelos vizinhos sem respostas. Entreaberta, trespassei a soleira sentindo invadir minhas narinas um nauseabundo cheiro. Atento a qualquer barulho, observava uma trivialidade tal qual a minha casa, sem perder um detalhe que passava despercebido por

minha visão. Vasculhei os três quartos, o banheiro, salas, e nada encontrei. E então, que gritos eram aqueles?

Antes que algum problema porventura pudesse acontecer, saí cautelosamente. Ser descoberto no momento de minha saída seria motivo suficiente para ser pego em flagrante e preso por estar invadindo propriedade alheia, e era justamente isso que eu não queria. Portanto, com extremo cuidado procurei não encostar em nada, até sair pelo pátio dos fundos, pular a cerca e voltar para casa. Só consegui respirar quando, já com a porta fechada, deitei no sofá. Enquanto, na condição de invasor, estava procurando alguma coisa que pudesse ter causado tanta algazarra, deixei para trás uma porta. Estava fechada; provavelmente levaria ao porão. Levantei-me n'um pulo, quando ouvi o barulho do carro estacionar nos fundos. Ouvi um bater de portas, as do automóvel e da casa, respectivamente. Mas o que terminou de tirar meu sossego foram as batidas em seqüência de três na porta traseira de minha casa. “Já vai”, gritei, branco como cera. Tremendo, abri a porta.

- Olá vizinho. Creio que ouviste alguns barulhos anteriormente, vi a luz da cozinha acesa e resolvi falar contigo. Na verdade, nada aconteceu.

- Não, eu acordei agora. Não escutei nada - respondi, ainda tremendo.

- Mas só pode ser sonâmbulo, pois deixaste cair as chaves do seu Comodoro na minha sala.

- Como? – perguntei, titubeante. Mas eu havia tomado extremo cuidado ao entrar na casa dele, pensei.

- Bem... acredito que nada encontraste lá dentro, estou certo?

- Desculpe, acabei de ter um pesadelo. Do que você está falando?

- Disso! – entregou-me as chaves. E realmente era. Maldição, como não percebi antes?, pensei novamente – Mas está tudo bem, se é somente sonambulismo, não darei queixa à polícia. Mas deveria procurar um médico.

- Bem, preciso voltar a dormir. Amanhã terei um dia cheio. Boa noite, e desculpe pelo meu sonambulismo – falei, já fechando a porta. No entanto, com o pé, impediu-me de fechá-la, abrindo-a a força.

- Eu que peço desculpas, meu caro. Sabes por que uso essa faca?

A pancada com o cabo foi o suficiente para apagar-me. Sem noção de tempo, acordei ainda zozó. O vi vestido com um avental, e o ouvi afiar o que

pressupus ser uma faca. Com a boca seca, dores latejantes pelo corpo, com dificuldades de abrir o olho esquerdo, tentei reconhecer o lugar em que eu estava sendo prisioneiro. De súbito lembrei-me da porta fechada que na pressa não havia conferido, e imaginei estar no porão. Era um laboratório, ou parecia ser. Fios de cabelos, de todas as cores e tipos, em pequenos e médios frascos; pedaços de órgãos humanos, nos maiores.

- Que bom que acordaste. Não gosto de operar as pessoas estando elas dormindo.

O psicopata iniciara a incisão com aquele aparelho primitivo – uma faca, para constatar minha certeza; iniciando da altura do peito até a virilha. Gritei, urrei de dor. Era isso que ele queria. Que maldita droga deste-me para não morrer, nunca saberei. Mas para seu desgosto, de dor apaguei. No entanto pude ainda ver que retirara um pequeno pedaço de meu intestino.

Pesadelo? A primeira coisa que fiz, foi conferir a enorme cicatriz. Embora sentisse que dentro de mim havia algo, ou faltava, não existia ali nenhuma marca. Nenhuma prova. Nada que pudesse dizer o que comigo acontecera naquele fatídico dezessete de agosto.

FIM

Data : 01/01/2009

Título : RASTRO NO CHÃO

Categoria: Contos

Descrição: “Eu não preciso provar coisa alguma”, falou meu amigo.

RASTRO NO CHÃO

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Nota do Autor:

Dedicado a Jean Lorrain; influenciado pela história “Os Buracos da Máscara”.

“Eu não preciso provar coisa alguma”, falou meu amigo. “Basta ter ido vestido daquela forma semana passada, uma vergonha!”, disse muito indignado. “Você deveria ter colocado um capuz, e uma toga negra. Não se vai ao Culto vestido assim, tão... simples”.

Clóvis e eu éramos amigos há muito tempo, acho que desde os meus três anos, sendo ele mais velho dois anos. Clóvis já era casado há cinco anos com uma bela mulher, que além de beleza tinha cultura, conhecimento; eu é que era a parte mais frágil da amizade – acho que ainda sou. Hipertensivo desde os dezoito, ainda carrego inúmeros problemas da ordem de saúde, eis o motivo de que ainda estou solteiro. Não foi por isso, no entanto, que me propus a sentar à mesa e escrever. Foi por algo mais “cômico”, digamos; mas muito preocupante.

A conversa não foi verdadeiramente enervante, mas manteve um teor sério do início ao fim. “É que eu não levei tanto a sério. Desta vez irei como manda o figurino”. Disse-lhe, convencendo-o a dar uma nova oportunidade para mim. “Está bem. Uma última vez. Mas não vá pensando que irá frequentar o Culto. A reunião da última vez simplesmente foi cancelada, e por sua causa. Vá com a roupa que ordeno usar. E mantenha-se calado quando lá chegar”, foi a resposta. “Amanhã, às oito e trinta da noite”, completou, “Eu passo aqui”.

Como demorou para chegar a hora marcada. Desde o meio-dia, já com a toga sobre a cama, esperava ansiosamente Clóvis chegar. O dia já havia amanhecido frio, e permaneceu frio ao longo de toda a tarde, com zero grau de temperatura, mas de sensação térmica negativa; um inverno típico do Sul, mas um tanto atípico em relação ao mesmo período dos últimos anos.

Já estava preocupado com o horário – vinte minutos de atraso – quando ouço um leve roçar de cortina. A janela estava entreaberta. O que achei estranho, pois eu estava certo que já tinha fechado portas e janelas. Foi quando levei um susto – o primeiro de minha vida, diga-se de passagem – ao vê-lo ali dentro. Como entrara em meu quarto? Bem, não estava dentro do quarto, mas sob a soleira da porta, escorado. Era Clóvis, eu já sabia. Mas quem estava ali era a toga negra com capuz, que cobria toda a sua face.

“Lá fora”, disse-me com estranha voz. “Meu carro. Iremos com o meu carro”.

Fomos até seu carro e nele entramos. Estranho foi que atravessamos o portão da área da frente como se não existisse. Mas resolvi não questioná-lo e o deixei dar a partida. No meio-tempo, como que adivinhando o que eu pensava, disse-me: “Você não está acostumado com essa toga. O que te impede de acreditar, é que você não segue filosofias. Não está errado, mas é necessário ter a mente aberta para essas coisas. Precisa acreditar”. Sua voz me chegava aos ouvidos mais estranha ainda. E o que mais me apavorou foi seu silêncio prolongado após ter terminado de falar. Um silêncio que durou por todo o resto do caminho, até chegarmos no lugar marcado.

O sopro do desconhecido, o vento, era a única a única coisa que nos acompanhava. Mas o que muito me impressionou foi o caminho que percorremos. Inicialmente saímos da cidade, tendo passado diante d’um templo Rosa-crucianos, percorremos a estrada principal por um quilômetro e entramos n’uma desconhecida estrada de chão. De curvas à direita e à esquerda, e

algumas retas, há muito perdido o rastro da estrada principal que corria longe dali, sem enxergarmos vestígios da cidade, atravessamos entre sete e nove quilômetros de estrada de terra, sob um céu sem estrelas. Vez ou outra passávamos por arcos formados por árvores, que surgiam na escuridão de ambos os lados e vinham se encontrar alguns metros acima, misturando, às vezes, suas copas. A luz do farol pouco iluminava a escuridão, mais servia para colocar medo nos viajantes – aliás, quem seria louco para viajar por aquelas estradas àquele horário? Começou a tornar-se perturbador o silêncio de Clóvis, que sequer havia tirado o capuz enquanto dirigia.

A estrada parecia não acabar mais, quando, na curva à direita, paramos de chofre diante de uma casa. Só pude ter cochilado, do contrário teria visto seu contorno por entre as árvores. E era uma bela casa. Tudo indicava ser de três andares – mas só entramos na sala (um grande iluminado salão) do térreo; telhado pontiagudo composto por três janelas que nele se sobressaíam. Lugar estranho? Tudo bem que a última reunião foi cancelada por minha causa, mas pensei desconhecer tal lugar; se bem que Clóvis nunca havia dito nada sobre revezamento de lugares. Poderia ser muito bem a mais nova casa a receber assembléias.

“É aqui. Podemos descer”, foi o que me disse, quebrando o assustador silêncio. A casa me parecia perturbadoramente quieta como se algum demônio de antigo panteão lá dormisse esperando seu retorno. O único som que ouvi desde que desci do carro, foi o farfalhar das folhas das árvores na dança dos ventos.

Pouco me importava onde estávamos. E o pior é que eu não parava de pensar em Carol, sua esposa. Vai entender o motivo. Só sei que a imagem dela me veio à lembrança. Engraçado que o chão mais parecia estar atapetado com a mais fina lã, muito parecido com a da minha sala, do que estar coberto por algumas folhas secas que se espalhavam pelo chão. Até achei que éramos os únicos a estarem lá, ou pelo menos os primeiros a chegarem. Não havia sequer um carro além do Chevrolet de Clóvis ali estacionado.

Quando Clóvis colocou a mão na porta, apenas encostou, abriu-se imediatamente. Diante de nós, quase mergulhado em uma escuridão (não fosse a luz da sala lá adiante), um dos irmãos, de toga, indicava a direção. Não deu para ver direito aquela ante-sala, mas tive a impressão de haver, nas paredes de ambos os lados, inscrições e desenhos um tanto que blasfemos, como que observando quem ali passava. “Não diga uma palavra, custe o que custar. Não responda, também. Finja que é tudo normal. Beba, se quiser, mas não fale”, sussurrou-me Clóvis, após cutucar-me no ombro.

Estranhei por ter visto os irmãos só depois de ter entrado na sala iluminada, mas essa estranheza logo desfez-se. Quase fomos barrados por um dito-cujo qualquer, de andar superior, nosso anfitrião ou juiz-sei-lá-do-quê; e o salão cheio de irmãos. Clóvis apenas movimentou a mão direita, que entendi ser o “abre-te sésamo” que nos daria o direito de usufruir – se é que “usufruir” possa ser a palavra correta a ser usada – de toda a comemoração; sim, comemoração era o que parecia acontecer.

No canto direito, o bar. Bebidas de todas as cores e sabores. Garçons que iam de um lado ao outro, carregando bandejas, também vestidos a caráter. No

canto esquerdo, muitos deles sentados, e bebendo. Todos no mais completo e ensurdecedor silêncio.

Foi para essa direção que Clóvis me carregou, e entendi que era para ficar sentado em uma cadeira qualquer, enquanto ele se perdia no salão. Depois de quinze minutos, tendo reparado que a pessoa ao meu lado já não se movimentava, resolvi chegar perto e nela tocar. Se senti algo? Bem, senti, mas aquilo não era nem um pouco humano. Seria possível? Aquilo que estava dentro da toga era feito de cera! De cera! Sorri e voltei ao meu lugar, não acreditando nos meus sentidos.

De minha parte, não tinha muita coisa a mais para fazer. Era só esperar Clóvis sair de algum lugar... a verdade é a que fui deixado sozinho. Sozinho no meio daquela reunião sem música, sem som de voz, só de movimentos (meu vizinho de cadeira continuava imóvel). Se bem que, aos poucos, cada um deles sentavam em cadeiras e, como a pessoa ao lado, ficavam imóveis, iluminados pela luminária no centro da sala e algumas lâmpadas espalhadas nas paredes.

Custei para entender o que se passava. Mas, afinal, aonde estava Clóvis? Todos imóveis agora, e também assustadores. Imagine ver várias togas, todas sentadas, sem ter alguém dentro? Pois foi justamente isso que vi quando em cada um deles eu toquei, tendo derrubado o capuz. Mas que diabo era aquilo?

Outra coisa: passei a escutar um som arrepiante. Nessa hora eu não sabia se eu corria ou ficava no mesmo lugar. Se tudo ao meu redor deixava de existir – só as togas agora em posições dantescas; de onde vinha o som? Ou melhor, de quem?

Está bem. Eu corri. Mas ainda dentro da sala, sem saber para onde ir, o que não adiantou nada. Só parei quando caí, tropeçando n'uma das cadeiras que eram sentadas por aquelas túnicas, ou togas, ou vestimentas satânicas.

O absurdo – não bastasse tudo o que aconteceu – ocorreu ali mesmo no chão. Grudado em minhas mãos, e corpo, estava uma estranha substância de origem duvidosa. E sabe o que era? Não?

Pistache. PISTACHE! Pistache, ora. Hahaha, pistache. O maldito demônio havia passado por aí. O pistache era a Sua marca. O Seu sinal. A Sua presença. E eu me senti mal. Pois, além do pistache, eu estava... sozinho, sem as túnicas como companhia. E me vi no espelho; na verdade uma grotesca imagem que perdia forma, até desaparecer. Pistache; eu... que horror! Eu havia morrido e...

“E você fumou demais. Sabe-se lá o que se injetou. Idiota! Eu falei para não exagerar, você é fraco”, repreendia-me Clóvis, tentando me reanimar. Eu estava nu, de barriga para baixo, no chão, delirando. O tapete era o que se interpunha entre eu e o chão. “Não iremos mais à reunião. Acabo de cancelar por telefone. Péssima essa tua ideia para passar o tempo”. Realmente nunca mais o acompanhei à reunião alguma; parei a todo custo com as drogas. Mas isso é algo que não me sai da cabeça. Não mesmo.

FIM

2009

Data : 01/01/2011

Título : SÁBADO EU VOU, DESDE QUE NÃO CHOVA

Categoria: Contos

Descrição: Este conto é o meu pedido de desculpas, em formato Liliputiano, aos amigos Paulo Monteiro e Ernesto Zanette pelas minhas ausências aos encontros de sábados no bar Riviera.

SÁBADO EU VOU, DESDE QUE NÃO CHOVA

NOTA: Conto Liliputiano em pedido de desculpas pelas minhas ausências aos encontros no bar Riviera aos sábados.

Leonardo Nunes Nunes

24 de setembro de 2011, sábado

Sábado. Dez horas da manhã. Minhas promessas de encontros semanais. Eu vou, desde que não chova. Meu lado individualista como sempre, e sempre, falando mais alto. Só que não choveu, está nublado. E mais uma vez, minha ausência. A Morte, que me esperava, continuou esperando. Fica para sábado que vem. Desde, claro, que não chova. Enquanto eu fico aqui, decepcionado comigo mesmo. Minha ausência será sentida novamente, conquanto faça mil promessas d'um novo reencontro. Meu lado individualista que até a Morte fez esperar. Decepção. Ai de mim! Decepção.

Data : 29/10/2008

Título : SKELETON IN THE CLOSET

Categoria: Contos

Descrição: Tudo ocorreu há dois anos. Em verdade, um ano e meio. Nunca imaginei haver...

## SKELETON IN THE CLOSET

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Escrito entre as datas de 29/ 10 e 07/ 11/ 2008; revisado as datas de 25 e 26/ 06/ 2011 para publicação no Projeto Passo Fundo.

“E o único pecado mortal é desistir.”

Sobrevivente –

Stephen King

Tudo ocorreu há dois anos. Em verdade, um ano e meio. Nunca imaginei haver um compartimento secreto em minha própria casa, embora soubesse que era mais velha do que eu; isso até encontrar aquele diário em formato de agenda, datado a partir de três de agosto do estranho ano de 1894. Sobre a agenda, nada em particular – tenho certeza que poderia ser encontrada em qualquer armazém da época. Encontrei-o sob pequenas montanhas de papéis roídos por traças, livros de diversos gêneros e objetos que me eram completamente desconhecidos. Além, é claro, de muito pó, acumulado desde os anos seguintes. Abaixo do diário-agenda, ainda, estava o armorial, com capa desgastada e quase rasgada, com um insignificante papel (portador d’um desenho de não mais de quinze centímetros, cuja importância só percebi tempo depois de sua descoberta) que separava duas páginas que logo vi – também – serem importantes. Tudo isso dentro de um sótão não menos empoeirado, escuro (ou seja, sem luz elétrica), úmido e, por um prisma inusual, assustador. Assustador para qualquer um, desde que cá não tenha morado por menos de uma vida inteira. E não obstante eu ter nascido e me criado aqui, sempre me perguntei o porquê de nunca, até então, ter atravessado aquela porta por mais de um metro sem jamais ter tomado a atitude de entrar naquele q’eu pueril e tolamente considerava um quarto andar.

Na sala, anexada à cozinha, recordo de me ter debruçado por sobre as duas relíquias de minha família com grande voracidade. Que bela letra possuía a pessoa que o escreveu, e que belo brasão meu sobrenome carregava! Os Soaes eram uma família grandiosa, em estirpe e em poder. Hoje, entretanto, não passam de duas ou três pessoas perdidas ou no estado de Santa Catarina, Rio Grande do Sul – aonde vivo – ou, talvez, Paraná. Foi-se a fortuna. Foi-se o prestígio e o renome. Os anos passaram e quase nada restou além de algumas propriedades caindo aos pedaços, como a que eu vivo. Sobrevivo, aliás. Ruínas de um passado dourado.

Miguel Soaes era um grande barão da época. Disso ninguém poderia negar. Tinha no café e no trigo uma boa fonte de riqueza. De certo, a riqueza tinha a sua origem muito antes do que posso calcular. Sua esposa, a baronesa Stephanie Soaes, por sinal dona da encantadora letra no diário-agenda, era uma mulher tão maravilhosa quanto sua costureira caligrafia – ao menos é assim que conheço sua história. Tiveram um casal de filhos que, por sorte, o destino foi menos cruel que o dos pais. Epiphane Soaes tornou-se uma bela dama, casou-se e teve, tal qual a mãe, dois filhos n'um futuro muito próximo, além de muitíssimo dinheiro; e Brás Soaes, que, embora impotente desde o nascimento, ocupara o lugar do pai barão assim que o progenitor morrera, casando-se com a bela dama de uma família de Rhode Island, EUA, de muito poder e conhecimento, de nome Isabele von Buren. Creio já ter traçado os pontos que ligam minha família, o resto vocês já podem imaginar.

O diário. Ah, o diário. No que me tange, o diário ainda conserva aquele perfume que certamente Stephanie usava. Admito que me apaixonei por ela. A leitura do manuscrito encantou-me: por conseguinte, passei a imaginá-la sempre quando acordado, além dos sonhos em que, em desvario, acreditava, ela se apresentava: e sua imagem projetada pela minha mente enamorada satisfazia-me a alma. O conteúdo lido mostrou-se inicialmente perturbador, acentuando quaisquer dúvidas que porventura minha “querida-imaginária” deixou-se saturar. “Está sendo um período conturbado o qual vivemos...”, e eu respondo: sábias palavras. Foste, sem dúvida – “... e cada vez vai piorar” – uma infeliz visionária. É assim que eu a vejo: casar-se com Miguel foi prejudicial à sua saúde.

Até hoje posso vê-la perambular pela casa. Seu espectro recusou-se partir: ela demonstra grande preocupação em sua busca pela solução. Mas um espectro que reside única e exclusivamente em minha sensível, porém exacerbada imaginação: uma mente que esconde a incapacidade de discernir, com alguma propriedade, o real do imaginário, e que muitas vezes a confusão cria uma outra linha de vida, paralela, mormente dentro dos pensamentos dela, capaz de anular a distância e fazê-la também sentir a presença do meu espírito. E não há nada no mundo capaz de apagar a beleza que, dela, a lembrança incumbiu-se de engendrar.

Observei o brasão, as cores, a coroa, o manto, a cruz no centro, o escudo, as estacas e espadas, e tive um sobressalto quando, a muito custo, percebi que o conjunto que formava o brasão, na verdade, lembrava vagamente as formas rabiscadas no papel. Este fato foi o suficiente para colocá-los lado-a-lado e vislumbrar melhor as minúcias que os ligavam. O desenho rabiscado não era do símbolo que minha linhagem carregava, mas de um deus alienígena. Como conceber esta ideia? Como aceitá-la? O assunto paradoxal não era abordado por alguém cuja sanidade estava abaixo do domínio das faculdades

mentais, mas por uma mulher que concatenava e muito bem as ideias! Por isso meu coração excitou-se em demasia; afinal, diante de mim aparentemente estava revelada toda a verdade: a importância q'eu acreditava existir em meu nome, talvez a única coisa de valor que restara do passado glorioso, inexoravelmente dava lugar a uma súbita vergonha que, paulatinamente, enrubescia minha face.

“Miguel passou a encontrar-se às escusas com pessoas estranhas, envolvendo-se com elas, um grupo de vestes negras, demasiadamente”. É perceptível a preocupação, o medo que ela sentia. “Sinto, outrossim, uma presença amorosa” – é meu espírito, minha querida, que vaga pelo tempo em sua busca – “A Lua parece saber mais do que eu dos passos de Miguel, o infelizmente. Ela sabe para onde vai. Mesmo quando a noite está forrada por negra e espessa neblina, sendo guiado por mãos não-humanas”. O horror insinua-se em seu relato ao citar as últimas palavras do pensamento transcrito. E eu o sinto em toda sua completude! Estremeço também. Não obstante a distância temporal, o hediondo encontra-se ‘inda imiscuído nesta casa; o diário, uma chave. A verdade não passa de uma traiçoeira cobra: no instante em que você menos espera, ela te pica voraz e mortalmente.

“Algumas vezes, vejo-o sair à francesa durante horários diurnos deveras atípicos para a conduta de um barão... indo em direção ao nada e perdendo-se no horizonte... Seu semblante, sombrio, permanece inabalável, como se, dentro dele, houvesse uma outra vida que reinasse, convicta de sua exagerada experiência psicológica, sobre outra vida, esta exterior, muito mais fraca e de conduta questionável”. É intrigante o desenho no papel, quando por fim descobre-se que tem um significado.

“Hoje deveria ser um dia comum, mas meu coração foi tomado por um vago, mas indiscutível terror: pela primeira vez vi quem são estas pessoas”. E o meu também. Deve ter sido difícil descobrir que aqueles a quem o marido traz para dentro de casa têm “olhos vermelhos”, como lobos famintos. “Corri e tranquei-me no quarto quando vi aqueles que precipitavam-se biblioteca adentro, e pus-me a escrever; é assim que tento livrar meu pobre coração”. Quantos horrores ela viu com a entrada daqueles convivas inumanos em suas vidas! Estremeci quando li: “...meu medo intensificou-se assim que ouvi a voz de um daqueles que lá entravam, era um misto de rouquidão, agressividade e sussurro. Meus olhos custaram a acreditar que, afora o barão meu marido, ninguém movia os lábios. Então, de onde surgira as vozes?”. Isso ocorreu mais de uma vez, segundo seu relato: “Agora são duas da tarde e Miguel acaba de entrar com os homens estranhos na biblioteca. Um horário que vinha resguardando para si com passeios solitários em nossa propriedade, agora preenchido com conversas em línguas estranhas com tais homens de olhos vermelhos. Estou com medo do barão, agora. Anda estranho...” S'eu pudesse, roubá-la-ia para mim: protegê-la-ia dos perigos evocados pelo barão meu antepassado.

Mas a pior parte estava porvir. Li o diário-agenda até próximo do final e assustei-me com o crescente horror nele descrito. Stephanie diz ouvir as vozes pela casa inteira, sussurrantes, em vários momentos tanto do dia quanto da noite, e de ver seu marido retornar de lugares dos quais o homem jamais poderia pisar, quando muito citar durante sua mais perfeita sanidade mental.

“Perguntei a Miguel onde havia ido, mas dele recebi como resposta um grunhido de desdém. Quando entreguei-lhe a toalha para banhar-se, recusou-a imediatamente. Havia chegado em casa exausto, branco como cera, de lugares que não sou capaz de imaginar. Talvez nem ninguém seja capaz disso ideal. Quando perguntei sobre as vozes, pude escutar, n’um sussurro ‘inda ofegante, outra pergunta: ‘Você os escuta?’. Sim, eu os escuto, como o vento que lá fora bate, ou o ranger de algumas tábuas da escada, durante a noite. Sinto aversão quando escuto as vozes, é como se eles pudessem me tocar. E quando limitei-me a responder monossilabicamente, tornou ele a falar: ‘Foi tudo um erro, mas agora é tarde’. Sua voz era assustadora, aterrorizante. ‘Quer saber quem eles são?’ ” Juro agora que desviei meu olhar do diário para outro lugar qualquer, perdido. De alguma forma (para mim) inexplicável, senti q’eu estava na mesma situação da do barão; parecia pelo menos.

Foi aí que olhei para o brasão e para o desenho e compreendi o que ambos significavam. “Os enviados do demônio” – foi sua resposta. “E eles estão em todos os lugares de nossa propriedade. Desde as ínfimas passagens até as aberturas maiores, dentro de casa e fora, em qualquer lugar”. Eis o porquê de eu eventualmente sentir determinadas presenças.

Distraidamente levantei-me e caminhei até a sala. Então o barão cultuava um deus estrangeiro! O arrependimento, por sua vez, segundo o narrado, parecia inevitável; todavia, a esta altura, não adiantava mais arrepender-se. O estrago já havia acontecido. O Mal já havia se pronunciado. Por qual motivo, isso Stephanie sequer poderia imaginar; desconfio, entretanto, que tenha sido uma desastrosa tentativa de evitar um mal maior, como a derrocata de sua fortuna, tornando-se, então e com vida própria, um culto quase hipnótico cujos estragos assemelham-se ao uso não-medicinal e exagerado do ópio.

O desenho permanecia sempre em minhas mãos. Recordo que a cada nova página lida, eu olhava para a figura e tentava imaginar que deus era aquele. Acho que, paralelamente à ridícula e paradoxal ideia, eu acreditava. Simplesmente acreditava na existência daquele deus desconhecido, e talvez até o aceitava. Nunca em minha vida pude conceber outro deus senão tão-somente aquele cristão. “Acho que estou perdendo minhas faculdades de pensar, de raciocinar e de entender o porquê disso acontecer. Sou muito jovem, ainda. O destino parece guardar algo implacável e cruel para mim, e o coitado do Miguel perderá sua alma para aqueles demônios de olhos inflamados e escarlates. Ao menos o céu, um canto pequenino dele, está disposto a receber-me. Vou encontrar aqueles que já se foram, inclusive meu amor, que sequer pensa cá na Terra nascer. Tenho pena daquele que carregar este abominável e amaldiçoado nome, será este que herdará a desventura e também a pobreza...” De toda forma, lá estava eu, cheio de dúvidas, a perambular pela sala.

Queria concatenar as ideias, custasse o que me custasse. E ao olhar novamente para o desenho, pensamentos ao longe (em Stephanie), esbarrei na ampla parede ornamentada por um único quadro, tamanho médio, derribando-o ao chão, com o impacto quebrando a moldura já envelhecida. Da parede, mesmo desbotado, despontava um desenho semelhante àquele garatujado. Diante dos fatos já nem pensava q’eu deveria me preparar para novos sobressaltos: encontrar este rabisco apagado escondido pelo quadro só confirmou os manuscritos de minha bela Stephanie e também a tangibilidade dos eventos de outrora. Apavorei-me, por certo. E até quase enlouqueci (se é que eu já não me

havia alucado). Tinha, pois, ela razão: o mal já dominava a casa. A figura do deus acorçado, apoiado, quem sabe, n'alguma viga que sustentava minha casa, me fez ver a pluralidade da realidade, suas inúmeras facetas, inclusive a da morte. E minha querida, já há muito falecida amada estava coberta de razão: "...e o barão anda agindo de forma violenta comigo. Tenho não mais um vago receio, mas um medo incontável de Miguel. Tenho medo que ele possa perder o controle e... matar-me".

Eu tentava digerir minhas descobertas, conquanto olhasse aparvalhado diário-agenda, papel garatujado e o desenho na parede. Não poderia jamais desistir de descobrir a causa principal da ruína de minha família. Tratava-se d'um pecado mortal, ademais já se havia isso tornado questão de honra – apesar de nunca ter havido honra alguma. Pela primeira vez em minha vida senti uma irrefreável vontade de procurar a verdade, ainda que me levasse direto ao fundo do poço, escondida ou não entre simples palavras. Minha vida (ou uma boa parcela dela), claro, foi o custo a ser pago. O desejo de vingança, não obstante a extinção do sangue Soaes se achegasse até mim de modo a me transformar novamente em pó, me motivava. Li até o último fragmento do seu preternatural relato: eventos que ocorreram há pouco mais de cem anos e que carregam consigo um quê inumano, mágico e fora do que é concebido como natural ou comum. Na última página de seu diário, disposta de tal maneira incongruente, desigual, a formidável letra de até então cedeu lugar a uma outra um pouco mais tremida, direta e incisiva, 'inda que conservasse a beleza de outrora. Letra de desespero, seu relato terminava com apenas uma palavra que dizia simplesmente: "Quebre-a".

Corri até o porão para pegar um machado e retornei imediatamente. Bati com todas as minhas forças com o lado oposto ao da lâmina até conseguir, feito alguém fora do seu juízo, derrubá-la. O suor vertia em bicas, e o q'eu fazia era apenas limpar com as costas da destra entre um sofrido golpe e outro. Demasiado esforço foi o de carregar, levantar e bater, pois peguei a primeira coisa pesada e com um cabo que eu pudesse segurar.

A parede desfez-se em pó e pedras e blocos de tijolos incrivelmente resistentes. Mas o que me fez ficar impressionado não foi a resistência da parede, nem tampouco a câmara secreta que ela ocultava – eu tive a nítida impressão de que a casa em q'eu vivia estava cheia de labirintos, câmaras e saletas trancafiadas por portas ocultas e papéis de parede mofados. Pelo contrário. Impressionado fiquei com o seu conteúdo. Dentro da câmara havia um corpo, praticamente mumificado não fosse os ossos n'algumas partes à amostra, coberto pelo pó e pelos tijolos e pedras caídos da parede. Eram os restos mortais daquela que, através da caligrafia, fiquei apaixonado! Caí de joelhos suplicando seu retorno, chorei como poucas vezes fui capaz. Tive certeza que, de alguma maneira, há um século, ela sentia minha presença e que queria poder, através dos olhos vidrados da morte, conhecer aquele cuja propriedade era seu coração, mas que havia, por motivos alheios ao entendimento humano, chegado atrasado.

Senti o peso do passado desmoronar-se sobre mim. Suportei, no osso do peito, algo que eu não estava preparado para encontrar, mas que o destino encarregou-se de oferecer. Arrastei-me para o lado, caído, e, recostado à parede, tornei a chorar. Não era um choro de tristeza, de derrota. De maneira alguma. Mas de raiva. Passei a sentir ódio por carregar um sangue, um estigma

amaldiçoado, incapaz de lutar contra. Um choro pelo encontro do corpo de Stephanie, que deveria ter sido sepultada na capela mortuária da família, hoje tomada pela hera; e também pelo descaso do infelizmente barão Miguel Soaes. A desgraça e a pobreza me fazem agora sentido.

Se a culpa foi apenas do barão, isso ninguém saberá. Se algum antepassado, antes mesmo de Miguel, foi quem trouxe o culto a este deus, nada tenho para afirmar. Era o diário um aviso, um sufocante e agonizante pedido por socorro que chegou até mim. Agora sinto que sua alma, como tanto ansiava, enfim, descansou: contribuí para dar-lhe um lugar mais digno.

Carreguei seu corpo com extremo cuidado até o jardim, e lá abri uma nova sepultura. Antes de enterrá-la, porém, encostei levemente meus lábios nos seus e tive a nítida impressão de ou retornar ao tempo ou, por instantes, dela estar viva, pois senti seus ressequidos lábios responderem aos meus, não mais ressequidos, mas carnudos e belos. Dei uma última demão e alisei com a pá a terra, convicto de ter feito por ela o meu melhor. Seu característico cheiro, o gostoso perfume ficou retido não somente em minha lembrança, mas na casa, no campo e no jardim onde a enterrei. Levantei uma pequena lápida e nela escrevi “Amor”. Posso jurar agora tê-la escutado sussurrar algo em troca, conquanto meus ouvidos já não se me ensurdescessem, antes que eu pudesse novamente olhar para o corpo em minhas mãos.

“Encontraremos-nos lá, meu amor”

Jamais esquecerei aqueles segundos de intensa paixão. Jamais temerei não poder amar até morrer.

Hoje vivo só de lembranças. Lembranças provocadas pela imaginação, lembranças reais que marcaram profundamente minha vida. Hoje só espero a morte chegar, uma espera longa e angustiante. Se coloco estas palavras em um papel, é para marcar a extinção dos Soaes, afinal é meu destino esperar e morrer; esperar aqueles homens sombrios, de olhos escarlates, executarem sua tarefa final. Assim, talvez, toda a minha espera não terá sido em vão. Assim, talvez, ao lado de meu amor ficarei. É como eu disse: não vou desistir, pois é um pecado mortal. Não importa se enviados de algum deus alienígena, ou o próprio demônio colocar suas imundas patas por sobre meu corpo; ao lado dela em breve estarei!

FIM

Nome baseado em fragmento de conto de Stephen King.

A tradução literal é “Esqueleto no Armário”. É uma expressão idiomática do inglês, que significa ter um segredo em família.

Data : 02/02/2015

Título : The Shorty Award - um voto

Categoria: Contos

Descrição: Peço que votem em mim no prêmio internacional The Shorty Award

Olá

Peço humildemente um voto, em mim, no prêmio internacional The Shorty Award.

Basta ter conta no twitter (acho que dá também por outros meios, se bem conferi nas regras) e

preencher a frase, em inglês, "I nominate @LeonNNunes for a Shorty Award in #author because..."

E votar !

O link é este:

<http://shortyawards.com/LeonNNunes>

É simples. E gratuito.

Um grande abraço fraterno no coração.

Leon Nunes

Data : 08/03/2007

Título : Triunfo, nunca chegará

Categoria: Poesia

Descrição: Ao sabor do vento, meu tormento Igual ao pulsar, são minhas tristezas

Triunfo, nunca chegará

Ao sabor do vento, meu tormento  
Igual ao pulsar, são minhas tristezas  
Que vem me convidar para dançar, e abraçar o infinito  
Tentando segurar-me na corda do destino  
Para não cair na tentação nebulosa e falsa de  
ser feliz.

Quisera eu, um dia, entender motivo;  
E sempre que sinto-me assim, ouço o latido dos lemures  
Anunciar mal prenúncio  
Da morte, com suas afiadas garras, que vem retalhar  
(Minha vida...) Com sua infame delicadeza.

Nonsense é a esperança que insiste em fixar-se  
em meu peito arfar  
Como se me impelisse diante dos malditos demônios  
E fizesse eu lutar.  
É meu desejo acabar  
E não mais sentir sofrimento igual  
Nesta sofrida e já dolorida carcaça  
Que, hoje, meu corpo transformou-se.

Mas... o que vejo chegar?  
Há pouco escuro, agora na penumbra  
Vejo, então, aquele ser sem face, porém coberto

por máscara cinza;  
Ele chega, ele atormenta (Ai! Ai de mim...)  
Pois ele vive, e existe  
Sou escolhido, pois o sonho não inventa – Cria!  
E metido estou no “Jogo dos Tempos”.

Prostrado – ele vai pular e saciar a sua sede e fome – no lugar de sempre – e se alimentar (com a podre carne em mim contida) – para nunca mais deslocar.

De pouco, resta a solidão  
Aquele amiga inseparável, fria sedução  
Aonde reconforta-se meu coração ultrajado.

De qual telhado aquilo pulou?  
De qual vizinhança aquilo chegou?  
Se for do pesadelo, pena, pois é mais belo;  
Nem minha Deusa está – melhor assim, ela não verá meu sofrer – nem sua luz ilumina.  
E o que vejo ao seu lado?  
Meu rosto, lívido  
Porém banhado, pelo suor, ou lágrimas  
E é triste, pois o que deveria acontecer  
Mais uma vez, em vão – nada aconteceu.  
Novamente escuro,  
Sei que, por algum motivo, fui poupado, ainda  
para presenciar sua triunfal chegada.  
Um sonho... Meu sonho, que um dia  
Realidade tornar-se-á.

Fim

Nota de publicação: Talvez não seja este um belo poema, mas se eu conseguir transmitir o que senti no momento da criação, por si só já é válido. Espero que gostem.

Poema feito na data de 08/03/2007.

Leon Nunes

Data : 08/10/2010

Título : Tu passaste pelo Abismo

Categoria: Contos

Descrição: Foi esta a minha charla com Mefistófeles.

Tu passaste pelo Abismo[1]

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Escrito entre os dias 07 e 08 de outubro de 2010.

Desagradável foi a minha experiência, ontem à noite. Sem forças para levantar, acabei adormecendo no sofá da sala. Dormir não é bem a palavra exata, as pálpebras sequer baixaram completamente, ainda podia ver resquícios da realidade à minha frente. A respiração compassada. Passei a escutar um estranho ruído: não partia de mim, mas da presença ao meu lado. Demorei a percebê-lo ali. Parado. Pacientemente à minha espera, à espera do meu despertar. Com visão turva, encarei-o da mesma forma de como faria com qualquer outro objeto dentro de casa. Distingui na turva visada certas feições humanas e sobressaltei-me. Esfreguei com a destra meus olhos e, por fim, vi. Vi uma pessoa escorada n'um elegante cajado, vestido formal e elegantemente, terno, camisa, gravata, paletó. Sapatos do couro mais lustroso possível, dir-se-ia d'uma cor muito parecida com a pele humana. Mãos de frade e cútis lisa e um olhar sereno, convicto. Um perfeito gentil-homem, não fosse sua origem. Não parecia ter arrombado minha casa, quanto muito ter nela entrado por qualquer porta.

- Assustei-o? – começou ele. O sorriso no rosto tornava-o mais estimável.

- Sim, assustou.

- Desculpe. Não foi a minha intenção.

- E quem é Vossa Senhoria? – utilizei d' um sarcasmo, d'uma ironia ao interpelá-lo.

- Muitos, e ninguém ao mesmo tempo.

- Entendo. E o que te trouxe até minha casa? Por onde entrou?

- Entrei de minha tradicional maneira. Simplesmente aparecendo, assim por dizer. Vim para ajudar. Olhando para a sua mesa, o maço de folhas já datilografadas, creio que precisa de auxílio. E urgente. A idade vem chegando – arqueou as sobrancelhas.

- Ainda não entendo aonde quer chegar.

- Simples. Quero ajudar.

- De que forma, quero dizer.

- Posso transformar sua vida. Dar-lhe riqueza, saúde e sucesso. Mulheres também. Eu quero fazer isso. Entendas tu q'eu sinto uma necessidade de ajudar. E tu foste o meu escolhido.

- Tentador, Mefistófeles.

- Hum! Vejo que atribuíste, enfim, um nome a mim. Platão? Não, Goethe; estou certo?

- Sim, Matheus.

- Não é bem esse o nome com o qual estou acostumado a ser chamado, mas tudo bem. Pode me chamar assim, se preferir, L. Ou devo dizer Lucas – o olhar oblíquo dizia mais coisas completando o que as palavras falavam.

- Vejo que você é, também, adepto a atribuir nomes a pessoas.
  
- Não tenho esse costume, mas adapto-me facilmente. Afinal, foste tu quem começaste.
  
- Correto. Fui eu.
  
- E então? Aceitas?
  
- Já estou acostumado à pobreza. Ao insucesso. Penso em parar de escrever, também. Não vejo porque ter-me escolhido, uma vez que tantos outros escritores sejam melhores do que eu.
  
- Humildade. Gosto disso. Aprecio isso n'uma pessoa.
  
- Talvez.
  
- E então? Sabe, eu li todas as tuas histórias. Tu és um escritor de mão cheia, Lucas. Aconselho-o a não desistir de escrever. E aquele material ali – apontou para a mesa, com uma folha ainda dentro da máquina de datilografar – será o início do teu sucesso.
  
- Supondo que eu aceite. O que você leva de mim?
  
- Ah! Isso é algo que podemos negociar, meu caro L. – novamente o sorriso em seu rosto, desta vez carregado de malícia.
  
- Correto. Nada mais justo; sei – respondi, já fazendo ideia do que se tratava esta negociação – Mas diga-me, diabo, como posso saber que Vossa Senhoria – mais uma vez utilizei d' um sarcasmo, d'uma ironia – está falando a verdade. Não é você o Pai da Mentira?
  
- Eis o nome com que muitos me chamam. Até estranhei que tu não me chamaste assim. Para viver n'um mundo como este, precisa ser normal. Mas sei que tu não és normal, não na concepção real da palavra – espalmada, levantou a destra à minha direção, enquanto a sinistra apoiava-se no cajado – Tens valor. E eu aprecio isso – sorriu novamente, de orelha a orelha, exultante – Com efeito. Sou. Mas também gosto da verdade.

- Não acho que quem tenha que provar alguma coisa seja eu, não é? – perguntei, obrigando-o a dar-me provas de suas palavras.

- Não. É bem verdade. Isto tu já provaste, meu caro L., em inúmeras de suas criações literárias. Quem deve fazer isso sou eu.

Dito isso, o telefone tocou. Olhei com estranheza a perfeita sincronia do término de sua fala e do toque do telefone. Poderia ser qualquer um, mas já estava bastante noite para uma ligação importante. “Não vai atender, L.? Pode ser importante!” Atendi. Por instantes o diabo desapareceu, enquanto do outro lado da linha a resposta d’uma grande editora me era dada. Perguntei-me mentalmente se algum dia eu já tinha dado meu telefone residencial n’algum cadastro de envio de material, mas não recordei tê-lo disponibilizado.

- Boa noite, L. Aqui é da Editora O., sou o gerente comercial Henrique Dornelles, e estou ligando para dizer-lhe que o seu “S. D.” foi aceito para a publicação. Consideramos uma obra-prima do gênero e tenho certeza de que fará um grande sucesso. Faremos um coquetel de lançamento do seu livro e outras quantas festas você decidir fazer, com pompa e glória. Tudo por nossa conta; é claro. Luxo será o seu sobrenome; e nós podemos fazer isso. Temos condições de transformar o seu livro no título mais vendido por um, dois, três, quantos meses você quiser, nas principais livrarias do Brasil, inclusive teu nome destacado nos principais jornais do país. Faremos ainda uma parceria com a maior editora dos Estados Unidos para que possa publicar, também, em terras estadunidenses; e outra, com uma das maiores livrarias da Europa, para que possa publicar nos principais países europeus. Basta aceitar a proposta de um dos nossos representantes e da noite para o dia a sua vida se transformará. Espero sinceramente que você dê o sim para que possamos, já, a confeccionar o seu mais novo livro. Já estou vendo as manchetes dos jornais: escritor recém-descoberto é o mais novo membro da Academia Brasileira de Letras! Ou ainda: o sol brilhou para o mais novo escritor de Literatura Fantástica do Brasil! O que acha? Bom. Eu sei que já é noite. Voltarei a ligar amanhã para congratulá-lo pela melhor decisão de sua vida! Adeus.

- E então? – o diabo retornou ao mesmo lugar de antes. Tinha em sua face a interrogação de sua pergunta.

- Da mesma forma de como não acredito em Deus, não acredito em Vossa Senhoria. Não acho, entretanto, que alguém possa me fazer crer n’algo inexistente. E Vossa Senhoria inexistente para mim. E não só para mim, mas para muitos. Acredito em Deuses, falíveis, errantes, o plural é a resposta. Sei, também, que muitos o compõem. Mas não dou importância a isso.

Não foi tão coerente minha resposta, mais parecia tê-la dado em sonhos. Creio ter conseguido passar o recado, mas para quem? Quando acordei, eu estava falando com o cabide onde estava uma calça e uma cinta minhas, tendo chegado ali não sei como. Era manhã cedo e, com um pouco de fome, de imediato, considerei ter tido um sonho conturbado, agitado. Minhas costas doíam; o sofá não era lugar para dormir-se. Olhei para o gancho do telefone pensando ter imaginado aquela ligação. Voltei até a outra sala, aquela da máquina de datilografar, e qual foi a minha surpresa quando vi um calhamaço de folas datilografadas e empilhadas ao lado da máquina. Para o meu espanto, o título era realmente composto pelas iniciais “S. D.”. Teria eu datilografado enquanto sonhava? É possível, mas nunca agi assim. Todo aquele material me fez rememorar as palavras do diabo dos meus sonhos e de sua necessidade de auxiliar. E isso me levou a outra pergunta: eu aceitei? Aceitei o auxílio do meu onírico Mefistófeles?

Tudo que sei é que nem bem terminei a leitura do sétimo capítulo quando o telefone tocou.

FIM

Último fragmento de “Roda E – Whoa!”, Livro das Mentiras.

Data : 12/02/2014

Título : Tu vais morrer?

Categoria: Poesia

Descrição: Poema. Completaste quatro anos?

Tu vais morrer?

25 / 05 / 2012 sexta-feira 13h 42min

( a parte mais sensível dele )

Leon Nunes

Completaste quatro anos?

A fatalidade a tirará desta existência

Mesmo que lute contra

Teus olhos azuis não mais brilhará.

Falta pouco. Não há muito. Menos de quatro anos

respirou

Brincou.

Viste o quanto desta vida? Aproveitou?

Muito?

A doença diminui sua força e vida sobremaneira

Resta agora

deitada e sem ânimo

Esperar.

Tu vais morrer?

Partirá? Ao partir, partirá todos nós

Uma parte sua fica, a outra

leva junto a nossa.

Quanto tu fores, leve consigo os bons momentos

e diga aos seus que quem ficou não

está bem.

Quando tu fores...

Para Lady, gata.

Ano : 2010

Título : VAGAS REMINISCÊNCIAS POR SOBRE O RIO PASSO FUNDO

Categoria: Contos

Descrição: Por que estou na ponte sobre o Rio Passo Fundo? Por que esqueci o caminho de casa?

Vagas reminiscências por sobre o Rio Passo Fundo

Autor: Leonardo Nunes Nunes

Nota: A brincadeira rendeu. Esta história aborda o Pulador.

Para Paulo Monteiro.

Início: 17/ 09/ 2010 13:05

Fim: 02/ 10/ 2010 13:26

Por que estou na ponte sobre o Rio Passo Fundo? Por que esqueci o caminho de casa? Digo que meu nome é Castro, mas quem sou eu? Dizem que aqui passaram os tropeiros. Dizem ainda que um deles afundou o pé direito e praguejou qualquer coisa dizendo ter sido o passo muito fundo, provavelmente sujando a bota. Sobre a ponte, falam que foi um comerciante que a construiu com finalidade de poder escoar suas mercadorias, sem utilizar o mínimo de recursos municipais. Grande Brasil. O meu maior conflito eu não consigo resolver. Até agora não consigo entender o porquê de eu continuar aqui, estático, olhando sempre para o rio, desde há muito poluído, escutando o barulho dos carros passando logo atrás sem jamais vê-los ou a qualquer pedestre.

Esqueci, além do caminho de casa, meu passado. Esqueci, inclusive, do que foi o ontem! Mas mantenho, entretanto, vagas reminiscências em minha memória. Não tenho ideia de quantos anos tenho, mas posso lembrar-me daquele dia treze do ano 20., quando empunhava o excelente e elucidativo livro de Paulo Monteiro, O Massacre de Porongos e Outras Histórias Gaúchas. Talvez eu possa rememorar-me de qualquer indício capaz de me fazer entender o porquê do meu esquecimento, ao longo de minha narrativa. O que também não entendo por que faço, uma vez que não vejo ninguém a me escutar. De qualquer modo, fa-lo-ei a título de disquisição.

Naquele dia, logo no início da manhã, sem ter o que fazer, recomecei a leitura do ponto donde provavelmente eu havia parado. Lembro perfeitamente do capítulo referente à Batalha do Pulador, o número de mortos, à página quarenta e cinco, e os dois capítulos subseqüentes d'um autêntico mate-amargo[1] histórico. Recordo da vontade louca e repentina de pegar meu carro e guiar até o campo onde aconteceu o combate, alimentada pelas informações lidas ao longo das páginas. Banhei-me do conhecimento ali incluído, acrisolando e oxigenando meu cérebro com conteúdos nunca ou pouco estudados, aprofundando cada vez mais meu interesse n'um mundo até então desconhecido, pouco chegado.

Os estudos daquele livro (pois sim, uma simples leitura tornou-se um estudo) me levaram dali para um lugar fascinante, no qual pude imaginar tudo aquilo acontecendo outra vez. As horas passavam rápido, e quando dei por mim já era meio-dia, hora do almoço. Dei um pulo do sofá e pus-me a preparar um rápido repasto – não lembro o que era. Findo este, peguei minha mochila e a enchi de sei-lá-o-quê mais duas camisas e minha câmera Kodak. Respondendo prontamente ao desejo de partir, peguei meu sedan e entrei na Av. Presidente Vargas, no Bairro São Cristóvão, diante da Brigada Militar, percorrendo-a até a Av. Sete de Setembro na Gare, pegando à direita a Coronel Chicuta e, por fim, cruzando a Av. Brasil em direção à saída para Porto Alegre. Tudo isso em velocidade espantosa, mas não estranhei. Creio ter dobrado à direita, mas não lembro ao certo onde. Segui o asfalto até certa altura quando dobrei não lembro se à esquerda ou à direita, entrando n'uma estrada de chão batido. Dali para diante, não demorei muito para encontrar a porteira de entrada da fazenda onde fica exatamente o local donde aconteceu a batalha – o que me faz perguntar-me agora como eu conhecia a porteira de entrada, uma vez que nunca até então lá pus os pés. Por sobre ela, um grande arco de madeira com os dizeres “Fazenda da BATALHA DO PULADOR”, letras douradas e um pouco apagadas, amparado por uma terceira coluna de madeira, posta recentemente por conta de alguma queda ou da velhice natural da peça única.

Atravessei sob alpendre encostando meu sedan logo adiante. Dele descí carregando às costas a mochila e vagorosamente caminhei, deslumbrado, sobretudo pela beleza do lugar realçada pelo encantador céu azul e pela luz do sol radiante, até um descampado, onde tudo aconteceu. Minha mente fervilhava de emoções. Aquilo era demais para mim. Tudo ao redor parecia remontar ao passado, como a um quebra-cabeça ajuntado por mãos invisíveis. Era meio da tarde e eu me perdia em enganosas efabulações formadas por minha mente. Batia um vento gélido, mas não dei importância. Admito que por um bom tempo tudo aquilo me foi reconfortante; eu sentia no âmago, aquilo tinha um poder de atração maior, mui fascinante. Mas que meus olhos não me enganavam, ah disso tenho certeza, não me enganavam mesmo!

Eu vi. Juro pela minh'alma, se é que eu tenho uma. Eu vi o céu enegrecer. Eu vi saírem dele estranhas criaturas aladas vindo à minha direção. Ouvi sons que não eram sons, guinchos ululantes de animais impróprios da Terra, o relinchar de cavalos também alados e o zunir de setas providas de sei lá de onde e de qual besta. Também ouvi o nítido som de metralhadoras cuspidas a direções diversas, mas um som tão distinto, perdendo-se no horizonte, demonstrando serem apenas duas metralhadoras ali empregadas. No início fiquei na dúvida se aquilo era minha imaginação ou não. Porém percebi ter

havido ali, não sei como, um deslocamento temporal capaz de reviver acontecimentos de antanho, recriando uma segunda e mais cruel vez aquela conflagração sangrenta que vitimou 1.014, e eu nela imiscuído. Aquele era o zênite de minha loucura. E louco, pus-me a gritar.

Todas as criaturas pareciam guiadas por uma diretriz distinta, por um mistagogo, por uma vestimenta e bandeira muito parecidas com as das antigas Divisão do Norte, 2º Exército Libertador e Exército Libertador Serrano, porém surradas, rasgadas, sujas de sangue e terra, mas nem por isso coerentes nos ataques. Algumas dessas criaturas lembravam vagamente a feição humana, mas não eram homens. E desses homens que não eram homens, muitos desmembrados, a maioria já estava em decomposição e poucos ainda continuavam de pé. Dos cavalos, asas de morcego e dragão sobressaíam das costelas, olhos incandescentes. Alados, cruzavam o céu sobre minha cabeça, e outros, já pousados no chão, mantinham a vermelhidão no olhar. Todos, cavalos e homens, combatiam entre si.

Além do medo, do pavor e da loucura, mais um sentimento: comiseração. Eu olhava com tristeza para aqueles do Exército Libertador Serrano. Não sei por quê. De qualquer forma, não era agradável vê-los. Nem tampouco o céu enegrecido de aspecto aterrador. Não eram nuvens de chuva. De forma alguma. Mas um grande e infinito círculo, pelo qual ainda passavam as criaturas, e percebi, n'algumas delas, cores e tamanhos diversos, todas elas sendo sugadas ou expelidas a talante de uma força superior. Insano, e em delírio, pensava no número de sepultados os que passavam pelo cone, que era o círculo, e na impossibilidade de uma segunda morte uma vez já ter há muito havido a primeira; um pensamento alienígena, distante.

Alquebrado, reuni o pouco que restava de minhas forças e arrastei-me até meu sedan, sempre dando olhadelas para trás. Aquilo me afetava em demasia. Não queria permanecer um segundo mais naquele cenário no qual eu também fazia parte, e do qual eu havia criado. Não ousei, entretanto, visar uma vez mais aquele horror, e partir dali seria a única atitude a tomar a fim de obter minha sobrevivência. Eu continuava a ouvir os guinchos ululantes, o relinchar dos cavalos alados, o zunir de setas atiradas por bestas agora clandestinas e também o nítido som das duas metralhadoras cuspidas a direções diversas, perdendo-se no horizonte. Queria fugir dali o mais rápido possível. A aproximação de meu carro parecia lenta ou era eu quem se arrastava lentamente? E quando uma daquelas criaturas aparecia diante de mim, no céu, fechava com todas as forças meus olhos e me guiava somente com a última imagem do sedan de antes de cerrar as pálpebras, torcendo febrilmente estar arrastando-me em linha reta. Não sei se eu imaginava ter sido atingido por alguma daquelas setas, ou pelas balas das metralhadoras ou ainda pelo ataque dos homens que não eram homens. Continuei me arrastando. Continuei. E continuei. E continuei. In saecula saeculorum[2] até, enfim, bater com a destra na porta, abrindo-a em seguida não sei como.

Em dois piscar de olhos, já estava sentado diante do volante com a chave na ignição. Procurei não olhar nos espelhos retrovisores e correr o risco de ver que alguma daquelas criaturas estava em meu encalço. Como um autômato, girei a chave e liguei o motor, partindo dali a toda brida. Agora eu lembro. Lembro da disparada tresloucada daquele abominável campo de batalha, da direção desvairada estrada afora, das árvores passando velozmente pelo lado de fora,

da poeira vista através do retrovisor central ao cruzar a estrada de chão, do asfalto chispando sob as rodas velozes do sedan, da fuga incontrolável e irrefreável daquela confluência diabólica. Por que estou na ponte sobre o Rio Passo Fundo? Por que esqueci o caminho de casa? Digo que meu nome é Castro, mas quem sou eu?

#### PEQUENA NOTA EXTRAÍDA DO JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ

(manhã do dia seguinte ao do acidente)

Na última noite, mais um acidente nas estradas gaúchas preencheu as alarmantes estatísticas de tragédias ocorridas sempre em fins de semana. Desta vez o acidente foi na Rodovia XX, que liga Passo Fundo a XX, próximo à localidade do Pulador. A foto foi tirada por um motorista que trafegava a rodovia em sentido contrário e mostra as ferragens do automóvel depois da capotagem. Do carro só sobrou algumas peças que voaram enquanto captava. O capitão do Corpo de Bombeiros de Passo Fundo, Heitor Alarante, disse tratar-se do “pior acidente nos últimos meses” e que, por conta do impacto, “o braço direito foi encontrado a cinquenta metros de distância e a cabeça esmagada.” Embora tenham sido procurados, os Bombeiros não encontraram nem os documentos do automóvel, muito menos os do motorista. A identidade da vítima ainda não foi confirmada, mas, segundo pesquisa no DETRAN, o número da placa levou ao nome de Castro F. G. A rodovia foi bloqueada, em ambos os sentidos, até o carro e o corpo fosse retirado dali. Não se tem ideia quanto ao horário em que a rodovia será aberta novamente para a passagem de automóveis, que já formam uma extensa fila nas duas vias.

FIM

---

Data : 25/07/2014

Título : Valsa da Passagem

Categoria: Contos

Descrição: "Por quê? Por que do suicídio? Que aconteceu à auto-estima? Que fez da mão instrumento da morte a empunhar revólver, faca, estilete? (...)"

Valsa da Passagem

Leon Nunes

25 de julho 2014 17h 27min – 18h11 min

digitado noite, entre 21h 30min e 21h 59min

Por quê? Por que do suicídio? Que aconteceu à auto-estima? Que fez da mão instrumento da morte a empunhar revólver, faca, estilete? No pulso não corre mais sangue? E o medo? A porcaria do medo, que deveria proteger esta carcaça, onde? O dedo a tocar em partes escondidas; a letra, pois, tão maltratada, rasurada, em frangalhos – cadê? Do tempo, que já não é mais espaço, perdido, enegrecido, da pele arrancado? Caiu. Ah! Caiu. No esquecimento de qualquer glória corrompida. Da raiva, o sentimento – o sentir, com tato, olfato, paladar – da raiva: arrote cósmico a devastar constelações, planetas, impérios. Aonde tudo? Para onde o nada? E o que estou fazendo aqui?

O ensombrecido da vegetação neste campo florido de flores negras move quaisquer habitantes do desconhecido. Silêncio! Silêncio. Escuta algo? Que interrogação é esta na nossa face? Minha querida, minha querida. Do sem sentido, desconexo. A tinta no bloco a formar palavras inelegíveis. Dançar uma última dança. Valsa da Passagem. Foi lá, não mais torna; veio, tornará, o arrepio – o arrepio. Minha alma sangra no movimento lento da constelação apagada. E meus olhos, dentro e fora, treva; a cor dos olhos que preenche minha face, e que nada vê. Não. Não nada; há algo lá no fundo. Só não sei o que é. Eu espero. Espero.

Voltou? 'inda sangra; meu coração – há um dentro de mim? – parado. Eu tento ouvir minha respiração. Ouço apenas o indecifrável-ruído-baixo-não-escutado. Jamais. Aqui – jamais. A espera dói. Finjo criar mundos; finjo fingir; a vida que tateia cá é morte. Escuta a onda chegar a ti; a onda de meu lamento. O caminho, afinal, é sofrido; longe o fim. De tanto fingir, acredito. Desacreditando. Que antes houve uma vida – amparo-me nesta ilusão repleta do sofrer-eterno. Penso que houve sim uma faca, enferrujada, que se cravou no pulso e no peito. Mas pode ter sido qualquer coisa cortante: o dente da engrenagem rasgou a veia da vida. Nesta ilusão, um mundo, um pouco d'água. Na água, vinho – ou seria sangue, dane-se. Desse vinho eu bebi. Entorpecí-me da mais pura alucinação. Babei o veneno que desceu pela garganta. A ausência da porcaria do medo.

Há um buraco em mim. Dentro deste corpo etéreo. A navegar do fim para o fim. Não me é possível entender. Compreendeu? A caneta cósmica desliza na folha negra de papel-mortalha. E como nunca, sinto-me tão morto quanto vivo. A espera, esta sim, é longa, já disse. Se cheguei até aqui, pode ser que não há lugar para mim. Dar-te-ei um descanso. Torno a voltar em outro instante. Tua

mão está cansada. Ficarei esperando. A imaginar motivos, absurdos, sem uma lágrima sequer. Tua mão dói. E o ponto-final – este nem sabemos se há.

FIM

Data : 10/03/2012

Título : Venere Tvrbvl

Categoria: Contos

Descrição: Dividido por muitas sendas, composto por coberturas de todo tamanho e espessura...

Venere Tvrbvl

Leon Nunes

2009/2012

Conto escrito entre as datas de 12/ 05/ 2009 & 10/ 03/ 2012

Não obstante o conto que se segue seja inspirado em “A Vênus de Ille”, história (ou estória) escrita por um dos grandes da Literatura Mundial, Prosper Mérimée, ele surgiu como tantos outros, talvez uma obra de barro provinda de oníricas bolas de fogo, como dizia Arthur Machen; provindos, como diria Dostoiévski, de outra força, ou ainda ordem cuja influência foge aos sentidos básicos que nos são pertinentes.

Há de haver um sentido para ele.

L.N.

## PARTE 01

### D

discute-se há muito sobre um problema generalizado de saúde: a hipertensão. Mas, afinal, o que é e como surge? Aliás, do pouco que sabemos, o que é o Corpo Humano? Mente e Corpo?! Coração? Seríamos realmente capazes de atravessar certas barreiras carregando conosco o tabernáculo em que vivemos? Eu creio que sim. É factível. O fato de vivermos “numa plácida ilha de ignorância em meio a mares tenebrosos de infinidade [1]” nos cega os verdadeiros sentidos, e nos presenteia com os mais básicos de nossa sobrevivência. Mas, embora disso pouco de nós saibamos, para que isso aconteça, e este “isso” é fatalmente acompanhado de sofrimento, é necessário que tenhamos alguns problemas de saúde. A hipertensão um exemplo.

Nosso coração funciona como uma bomba eficiente que bate sessenta a oitenta vezes por minuto ao longo de toda nossa vida e que impulsiona de cinco a seis litros de sangue por minuto para o corpo. Todo esse movimento caracteriza a hipertensão arterial. Por sua vez, a pressão arterial é a força com a qual o coração bombeia o sangue através dos vasos; é determinada pela resistência encontrada ao circular pelo corpo. Pode ser modificada pela variação do volume de sangue ou viscosidade, da frequência cardíaca e da elasticidade dos vasos. Os estímulos hormonais e nervosos que regulam a resistência do sangue acabam por sofrer influência pessoal e ambiental. A hipertensão é a pressão arterial acima de quatorze por nove milímetros de mercúrio em adultos com mais de dezoito anos. Mede-se a pressão geralmente quando se está em repouso por quinze minutos, do contrário sairá ela alterada; altera-se também quando medida após exercícios físicos, nervosismo, preocupações, alimentos, fumo, café, drogas...

Tanto os profissionais da área de saúde (médicos, enfermeiros, técnicos) quanto o indivíduo que se auto verifica (uma prática não recomendada, por sinal) devem observar mais alguns fatores para que não se obtenha valores alterados: verificar se o manguito está firme e bem ajustado ao braço, largura da circunferência de quarenta por cento e sempre na altura do coração, além de não falar durante o procedimento. É considerada normal a pressão quando a sistólica não ultrapassa cento e trinta, a diastólica inferior a oitenta e cinco. Hipertensão grave alcança cento e setenta e nove por cento e nove, ou mais. Para qualquer resultado entre estes valores dá-se o nome de moderada, leve, limítrofe e normal. A hipertensão pode ser sistólica ou diastólica ou somente sistólica. No Brasil, pesquisas afirmam, de dez a quinze por cento da população é hipertensa. Noventa e cinco por cento deste universo populacional tem a chamada essencial ou primária, cuja causa não se define; cinco por cento restante está dentro da categoria de causa bem definida.

A hipertensão sistêmica é uma doença crônica, não obstante silenciosa e lenta, que quando não tratada pode atingir outros órgãos e sistemas. No sistema nervoso central poderá ocorrer infarto, hemorragia e encefalopatia hipertensiva. No coração, cardiopatia isquêmica, insuficiência cardíaca, aumento do órgão e,

em alguns casos, morte súbita. No sistema vascular, entupimento e obstrução das artérias carótidas, aneurisma da aorta e doença vascular periférica dos membros inferiores. Naqueles com insuficiência renal crônica, nefrosclerose. No sistema visual, retinopatia. Não sei exatamente o que me ocorreu.

Uma pessoa portadora da hipertensão, a doença do século, tem por obrigação saber de todos os detalhes acerca desta silenciosa praga, e até mais. O epítome acima é pouco para alguém que, como eu, está dentro das estatísticas relatadas. E, não para curar, mas somente tratar, o indivíduo que não se adequar à medicação está fadado a sérios problemas de saúde (e, pelo visto, adequado a ela também). Eu tomo remédios há dez anos. Desde os vinte, regularmente; a partir dos dezoito, se levar em conta os mais fracos e experimentais. Contabilizo doze anos condenado a não viver sem a interferência destas drogas que prolongam minha vida e sofrimento. Doze. Aprisionado em um mundo preto-e-branco.

Sobrevivência. É isso que eu faço. Sobrevivo todo o dia. Tomo, no total, cento e setenta a cento e oitenta miligramas diários, medicação equivalente a cinco mil e cem miligramas por mês, aproximadamente. De tudo que tomei ao longo deste período deixo a carga da imaginação.

Tomei muitos remédios – alguns de melhor efeito do que outros; e também algumas combinações. A verdade é que jamais deixarei de toma-los. Recordo quando fui à estratosfera, com pressão superior a duzentos e dez por dezoito – não duvido que eu já tenha estado lá antes. O resultado daquela primeira experiência foi o desmaio, seguido da perda dos sentidos e a visão branca. Para voltas à vida (como maldito Lázaro que sou), mais remédios, além de muito chá de folha de chuchu e erva cidreira. O corpo se torna um peso morto, e um peso morto é difícil carregar. Fui ao hospital medicar-me como soro e voltei para casa, por uns dois dias sentindo-me aniquilado.

Penso que precisava de um baque maior para que me deixasse com uma severa sequela, não simples desmaios como vinham ocorrendo até então. Nada daquilo me abalava. Se bem que, secretamente, é forçoso admitir, a necessidade de remédios já causava em mim uma certa dose de tristeza. Meu coração, empedernido, há muito se havia esvaziado da (pouca) alegria de viver. Então, não seria justo dizer que o maior abalo é a ausência da alegria de viver? Talvez eu me contradiga, mas quando se constrói uma represa maior que o nível da água nada é capaz de destruí-la, salvo uma onda maior, o que é impossível no deserto acontecer. Era isso que me coração carregava. Vazio. Inclemente, não mais encontrava graça na vida. E, terrível falar, depois da sequela de meu retorno, a vida tomou outro significado, este mais pedante e horrível: a vida é barata e insegura, já dizia o velho Vlad.

(Ainda mais pelo que vi!)

Se foi um sonho ou se foi a febre, se foi o desmaio e dele a batida na cabeça ou o delírio que tive, nada é capaz de me fazer esquecer daquele lugar e jamais deixarei de acreditar em sua existência. Se antes era folclore, ou imaginação exacerbada de alguns ficcionistas, agora é verdade. É real. O contato com aquela esfera, aquele universo, aquele lugar feito de pedra só me foi possível devido minha frágil saúde, por eu ser hipertenso, e também por ter a mente aberta. Poucos foram os que atravessaram aquela intransponível

barreira; menos ainda aqueles que reparam naquela além da barreira do sono [2] a vida mais verdadeira, por ela ser, digamos, imaterial. Eu fui mais adiante.

Não foi simples acaso. Não foi inesperado, nada ocorre de repente. Eu já vinha me sentindo mal. Achava que minha lentidão, na falta de um nome melhor, era apenas mais uma simples tontura, então nem reparei que se tratava duma piora em minha saúde. Mas o fato é que qualquer caminhada me extenuava sobremaneira. Difícil suportar o próprio peso de meu corpo. Tontura. E enquanto eu pensava ser uma simples tontura, era só fechar meus olhos que tudo rodava, zunidos e sussurros de seres malditos em meus ouvidos escutava. Faço hoje uma leve conjectura acerca do que falavam, à época não passavam de sons insuportáveis produzidos pela minha cabeça quando, dorida, deitava-a no travesseiro. E, a despeito de minha ingenuidade, bastava cobrir-me da escuridão de meu quarto para escutá-los; sono era artigo raro: deveras perturbado. Perdi muitas madrugadas, insones, em minha faina noturna contra aquela loucura provocada pela precária saúde – algumas delas banhado em suor. Perdi muitos empregos também – quem haveria de empregar um doente?

Não posso reconhecer com exatidão onde termina essa “sensação” e onde começa todo um conjunto de consequências de uma hipertensão maltratada; sei, no entanto, haver um limite, uma fronteira entre os dois. Mesmo que esta fronteira seja invisível, e ela é, creio haver um porquê para mo escolher; pois do contrário, muito antes de acontecer, poderia eu muito bem ter nascido normal, ter vivido normal. Soma-se a isto quem sou e como sou – a destra, o sinal, a prova – para obter-se um resultado inevitável: o horror do fracasso. Pelo menos, duvido que seja um consolo, sinto-me hoje melhor: próximo da morte estou. Aconselho calma aos esfomeados vermes de meu corpo; padecerão do mesmo mal que padeço, afinal. Peço paciência aos impacientes; não esperam o inesperado. Resta-me o conforto de já ter conhecido o lugar para o qual, destinado, eu vou.

## PARTE 02

### R

ico era o que eu gostaria de ser. Gozar de uma vida decente e saúde perfeita. Ser tudo o que eu quis. Ter tido uma meninice, talvez o pior período de minha vida, dourada, agraciada. A vida é ácida: abri os olhos e me vi um adulto, repleto de inexperiência e afogado em problemas. Pouco. E amargo. O sentido que ela tinha me foi usurpado. Não chamo de sorte ter de esperar a vontade do governo para ter os remédios; chamo de dependência. O pouco de dignidade se esvai por entre os dedos. Incapaz, desisti de lutar.

Precisava eu de mais motivos para entrar em pânico? Atarantado, fiz o que fiz, tomei a decisão sem pensar. E talvez influenciado pelo maior demônio – meu inconsciente – bebi, um por um, de todos meus remédios. Não deixei uma cartela intacta (salvo a última, quase no fim quando apaguei). A única justificativa de eu ter tomado tantos remédios em sequência, acho, pode vir a ser a intenção

de curar-me da maldição (há quem diga hereditária) que me assola, mas a consequência prova o quão precipitado fui. Do pouco que me lembro, recordo de ter caído, vendo os móveis rodopiar à minha volta. Desapareciam à minha roda em um turbilhão que terminava num vórtice, lançando clarões brancos aos meus olhos. Daí para diante, escuridão. Nela imerso perdi a noção de tempo, de espaço. E embora eu tivesse sentido doer o peito, respiração desacelerada, a dor cessou e o coração, acelerado, parou.

Tenho dúvidas de como Ana, minha vizinha de apartamento, me encontrou e me salvou. Acudiu-me prontamente a coitada senhora de setenta anos. Revelou-me ter tido um pressentimento, em suas palavras uma ligação psíquica que a fez vir a meu socorro. Encontrou-me caído ao chão, boca espumando, um braço debaixo do corpo, pernas dobradas e cabeça arqueada. Só fui acordar no hospital bastante tempo depois, lentamente descobrindo que estava ligado a aparelhos que ainda me mantinham vivo.

#### A ligação entre o mundo real e o mundo onírico

A ligação entre o mundo real e o mundo onírico deu-se através de uma passagem estreita, iluminada por uma irritante cor branca, além de pequenas tochas amareladas acima de minha cabeça, que causou em meus olhos o ato involuntário de estreitar-se para continuar a enxergar, e de meu braço direito o movimento maquinal e instintivo em direção aos olhos. De alguma maneira vi, noutros de meus desmaios, aquela mesma luz – teria eu treinado para atravessar a barreira? – de modo que nada daquilo me parecia estranho. Mesmo acreditando já ter visto em outros momentos aquela luz embranquecida, meus sentidos novamente me traíam, pois, de acordo com meu avançar, gradual e paulatinamente, uma tonalidade avermelhada, feito a do sangue ou a do rubi, tomava seu lugar. Falo assim por não ter identificado direito o que era – se sangue ou rubi – e o porquê daquela visada. De toda forma, acreditando tratar-se de outra existência minha, quiçá a verdadeira, aguntei no osso do peito o ininterrupto luzeiro.

Digo que andei à sua direção. Mas naquele lugar, creio, o efeito de meu movimento em nada se assemelhava ao passo convencional de nossas andanças nesta dimensão. Flutuei. Eis o termo correto. Flutuei até sua origem, e aonde cheguei não gostei do que vi. Minha visada causou-me repulsas: o odor, generalizado, exalava positivamente do maior ao menor dos poros que formava paredes, teto e chão daquela que identifiquei como uma grande sala. Segurei o vômito a todo custo. Facilmente escutei o pulsar do que julguei ser um coração que não era o meu, e às vezes o som dum longo e fundo respirar chegava aos meus ouvidos. De alguma forma naquele lugar havia vida.

Questiono-me se em sonhos, aqueles meus, agitados, encontrei tanto material quanto vi naquela grande sala (digo sala, mas sou incapaz de dar um termo melhor para aquela estranha galeria, ou biblioteca). E mesmo nada

versado em conhecimentos profundos e proibidos, não obstante o deslumbre, atinei e reconheci, porque não sei, compêndios, grimórios, tomos dos mais raros e desconhecidos, cuja natureza tinha em sua essência ciências próprias dos mares tenebrosos da infinidade. As estantes (na falta de uma palavra melhor) eram exatamente iguais a todo sistema revestido do poro que formava absolutamente a totalidade daquele lugar – ah, se de tudo eu soubesse! Escolhi ao acaso um livro e o abri. Havia poeira em sua capa (capa?) e no mais leve encostar toda ela desprende-se e voou e se espalhou. Na página recém-aberta, uma garatuja. No rodapé da imagem uma espécie de mantra estava escrito em letras meio tremidas, o qual, sem sucesso, tentei recitar. Trazia com abundância caracteres desconhecidos da língua humana, e repetia exaustivamente duas letras de nosso alfabeto: “n” e “a”. A figura, uma blasfêmia a parte – Füssli e Doré me perdoem. Todo o conjunto (livros, caracteres, desenhos, até o próprio lugar) me fazia duvidar do que até então eu considerava grotesco.

Em nenhum daqueles livros, tenho certeza, mão humana encostou – não: retiro o que disse. Sei de quem teve a onerosa oportunidade de manusear alguns deles. Quero dizer que eu fui um dos poucos a ter acesso àquele sítio do saber oculto. Agora condigo mais co’a verdade. Quando digo que nenhuma mão humana os tocou, falo tão-somente que nenhuma mão humana os desenhou: impossível o homem garatujar aquelas figuras. Aquilo foi feito por um poder, uma força muito maior do que sequer imaginamos. A tal figura da página aleatória, por exemplo, era composta por medonha face, olhos inchados e rubro-negros, focinho canino, ombros pontudos (pontas que lembravam lanças, dentes ou colmilhos de serpentes recheados, provavelmente, do mais letal dos venenos); não suscitava qualquer semelhança com o mundo dos homens.

Motivado pela curiosidade (talvez o segundo demônio mais poderoso), tentei identificar um nome para aquela representação pictórica. E mesmo que eu me esforce, nenhum nome, sendo ele praticamente impronunciável, nem mesmo um adjetivo deste mundo é capaz de determina-lo. De título me foi possível ler a expressão “VEL”, cujo significado nunca soube. Folhee as páginas seguintes e também as anteriores em busca de alguma explicação – e quem disse que lá eu iria encontrar? Não se explica, sente-se. Naquelas páginas vi outros desenhos feitos por mãos calejadas que não eram mãos, por mentes obcecadas que só eram mente e mais nada. E feito a primeira, figuras de criaturas ou lugares não menos assustadores. Seres (incompreensíveis para a cabeça frágil do homem) cujas “malditas faces que olhavam de esguelha e babavam para fora [3]” da página, a despeito de sua hediondez, atraíam olhares de repulsa, admiração e medo de incautos visitantes; formas chamativas, talvez pedantes, não sei; horríveis. Para cada uma delas vinha no rodapé nomes. Cada qual mais estranho que o outro. Nominatas ádvenas, embora manifestas, identificadas por uma união de letras e caracteres que ainda me são ignotas: “TIHL” dizia uma, “MA ALH” era o título da outra. Nenhuma explicação categórica havia naquelas páginas como eu tencionava encontrar. Mas sou capaz de jurar ter entendido o significado de algumas – poucas – delas, cujos nomes, no rodapé, pude encontrar. Nogad e Katu foram os que mais reconheci. Havia significado patente neles.

Absurdo. O que mais se pode dizer daquilo? Absurdo e curioso. Tomado por um impulso desconhecido, logo me vi abrindo outro livro. Como eu posso tornar crível cada detalhe daquele recanto? “NAH-alguma-coisa” era seu

impronunciável nome. Havia nele, para meu espanto e agrado, embora eu nunca tenha disso fiel à matemática, fórmulas algébricas, não-euclidianas, anticonvencionais, expostas de tal maneira belas e incompreensíveis – mesmo o mais experiente em cálculos matemáticos teria um mar de dificuldades para entende-las e elucida-las – naquelas páginas do tomo em minhas mãos. Triviais cálculos somatórios, divisíveis pelos decimais menores que zero e maiores que o primeiro número negativo da sequência, fórmulas que meu incapacitado cérebro se recusou decorar. Do porquê de serem praticados, resolvidos, o pouco que pude entender daqueles nefastos cálculos referia-se a contemplação de viagens espaço-temporais, além, é claro, de passagens interdimensionais. Mas, afinal, o que era tudo aquilo? E por que eu?

Não sei. Talvez o resultado não seja referente ao homem. Mas a criaturas que saibam transitar sem alterar o equilíbrio, se é que haja um. Por isso os Whateley, os Le Sorcier, Pickman – ai, como sei destes nomes? – e tantos (embora poucos) outros que descobriram, em uma ou outra, fórmulas que deveriam permanecer secretas à humanidade. Por algum motivo, o qual ignoro, resquícios, fragmentos tão-somente, pois sei que fiz mais, permaneceram em meu consciente e em minhas lembranças quando despertei no hospital. E, daquele tomo em específico, de tantos nomes nele impresso, um pude mais facilmente lembrar: MOLINA ASKABAULD, o criador-compositor de tal blasfêmia – e em suas próprias palavras a final observação, em cima e embaixo, todos devem ser feitos... em ângulos maiores de quinze e menores de quarenta e dois graus.

Não entendo. Por que tudo aquilo me foi mostrado? Desconfio, por eu ser um humano, por isso um intruso, que eu tenha descoberto uma interferência qualquer e, sem estourar, pela bolha ter atravessado. Mas ainda assim esbarro em outras questões que, da mesma forma, me são estranhas, extravagantes. Seria por conta de minhas pequenas investidas no preternatural? Não acho; meu parco conhecimento de até então não abriria sequer as portas do invisível. Bem, ocorreu por eu ter a mente aberta, mas só isso não bastaria para conhecer o que eu conheci. Mas eu estava lá, algures, vendo e tocando em livros não-existentes, conteúdos humanamente impossíveis de serem assimilados, cálculos desvairados, conhecendo demônios desconhecidos, lugares e matérias e composições que comprovam a materialidade do imaterial e o insensível e precário estado dos sentidos básicos que nos são concernentes. Sinto vergonha disto, mas talvez seja melhor assim: ninguém, julgando-se são, está preparado. (Será que eu estive?)

Mais adiante, em outro livro, este com capa de couro, li até fartar-me nomes gregos. Donos de conhecimentos obscuros (quais?), idênticos àqueles que, em sonhos, são ciciados para os mais sensíveis, iguais a mim (não posso falar), reunidos num só compêndio por motivos exclusivos, dentre os quais três deles destacavam-se por suas contribuições e descobertas, repetidos com frequência quase idolatrada ao longo dos capítulos: “SAVAS CONSTANTOPULOS”, um dos mais poderosos de todo este execrável grupo de pensadores ocultistas; “DIAMANTIS MILAIKONOMOS” e “HELENO TRIANTAKUROS”, o especial, cujo nome carrega o grandioso significado “dom da profecia”. Por que deveria eu saber disso? Qual foi o motivo desta minha viagem?

Medo. De alguma maneira eu estive em outro mundo. Pisei em solo onde ninguém deveria pisar e que o destino (mais uma vez a falta de um termo apropriado me trai) se encarregou de me levar, fazendo ainda graça de minha ignorância. Se eu, cujos pés tocaram aquele sítio para além das constelações (e ao mesmo tempo tão próximo que quase consigo senti-lo), não consigo entender sua existência, imagino o resto dos que se consideram humanos e sozinhos no universo – quão decepcionante seria se descobrir enganado. Todavia, ainda que me parecesse loucura, não me foi difícil aceitar. Aceitar a tangibilidade de toda sua existência. Talvez de fictício apenas minha presença (ficção, ficção, seria o homem tão-somente ficção?) – afinal “não estávamos destinados a chegar longe [4]”. Medo do que viria descobrir? A curiosidade continuou gritando mais alto.

### PARTE 03

#### D

ividido por muitas sendas, composto por coberturas de todo tamanho e espessura, eu me encontrava em um lugar singular e ádvena aos conceitos mesquinhos e à pequenez humana. Sem noção de quão grande era aquele espaço, deslumbrei-me mais com o que via. Eram livros, sim, mas aquele lugar pensava por si próprio. Vivo. Pulsante. Asqueroso. Radiante.

Tinha vida própria e isso me foi possível perceber com uma olhadela um pouco mais atenta ao que eu ingenuamente considerava uma simples parede: com extremo vagar ela se comprimia e se expandia num movimento contínuo! Elas eram formadas por escamas de diferentes espessuras, assim como o chão em que eu pisava (deste, mais grossas), e a sensação de que ondas eletromagnéticas (outra vez me falta termo melhor) cruzavam meu corpo era cada vez mais nítida. Sua cor era muito parecia co'a do verde-musgo, em alguns pontos tonalidades verde-escuras, quase marrons, sempre de acordo com o meu flutuar e também com o movimento paulatino daquele terreno. Quando, enfim, atinei com a ideia de tocar naquela estrutura, depois de ter lido algumas páginas e de ter pego alguns livros, constatei que não estava dentro de uma caverna ou reentrância terrena, e sim dentro, literalmente dentro, no interior de uma outra vida, de outra existência. Tanto na parede quanto no chão em que eu pisava, reparei quando agachei, senti ao toque uma terrível umidade qual só me passou agonia. O horror que se escondia por detrás daquelas estruturas vivazes, senti perfeitamente, ainda mantinha força igual ao período em que vivia em todas as dimensões, agora num tempo de pseudo-morte, à espera e sonhando, um ativo esconso contínuo, um “sem-parar” eterno de células alienígenas estrangeiras ao nosso mundo.

Não mentirei que tremi diante de uma possibilidade funesta. Possibilidade esta a de haver algo ou alguma coisa simplesmente à espera do despertar e por consequência, através do posicionamento correto das estrelas, do reinar absoluto (como em eons esquecidos). Mas é mister dizer que o medo agudo e paralisante eu não senti. Diferente de quem quer que seja, não sei explicar, no

Íntimo, eu esperava. Eu ansiava. Ainda tremendo, claro. Sem medo de qualquer espécie ansiava por este encontro. Ou seria reencontro? Volto a dizer: eu não sei.

Me aproximei de uma espécie de altar – em verdade havia apenas três pedestais dourados e reluzentes – bastante simples. Cada um daqueles pedestais dourados ostentava em seu bojo de rubis vermelhos um tomo de saberes sombrios e inauditos. Confio plenamente em minhas lembranças, e elas me exortam a olhar para cada um daqueles livros mesmo de olhos abertos. No pedestal central o tenebroso Al Azif do louco árabe. À direita dele, portanto à minha esquerda, U. Kulten de von Juntz. À esquerda, visto sob minha perspectiva à direita, Barlium Nokovissis. Como eu sei disto? Ai, como eu sei? Trouxe em minhas lembranças bagagens das mais perigosas. Eu sei. É esta a posição em que ainda estão.

Atarantado pelos recém-descobertos tomos (como se os outros fossem algo trivial e descartável), mas nem por isso insano, distanciei-me de modo a contemplá-los melhor. Reparei neles o desábito do manuseio, pois até vermes os carcomiam! Então me reaproximei deles e abri, afastando alguns vermes, o livro do pedestal do meio. AZATHOTH pude ler. Na página seguinte, SUBB-NIG'R'ATH. No fundo eu sabia que nada daquilo me beneficiaria, então voltei a me distanciar (como se nada tivesse acontecido, propriedade concernente aos sonhos), virando às costas e os deixando intocáveis novamente – sem me importar de ter deixado A.A. aberto. Também não sei como decorei tantos nomes misteriosos e censuráveis. Recito-os facilmente, é bem verdade, mas creio que isso se deva às circunstâncias que me submeti no reio do preternatural, somadas às visadas, não obstante reprocháveis, exóticas. Isso, por certo, contribuiu e muito para que fragmentos do todo em minhas lembranças se mantivessem frescos.

Nem bem me posicionei a meio caminho da parede viva, deparei-me com uma grande janela. Dela me aproximei com cautela: não queria cair. Olhei através dela e tive a sensação de estar no fundo do mar. Pus a destra naquela bolha e, sentindo uma textura lisa e aquosa nas pontas dos dedos, percebi que qualquer objeto a atravessaria sem estourar. Ao longe vislumbrei o que me parecia uma grande cidade feita de pedra e reparei que eu me encontrava no topo de alguma torre ou, do pouco que consegui identificar, uma espécie de trono também de granito ou mármore.

Questionei severamente se, com aquelas visadas, eu ainda era um humano. Nada em mim parecia ter mudado, e alguma coisa me dizia que era hora de ir embora. Precisava retornar ao meu mundo e viver dono de informações e recordações condenáveis. Permiti que uma força alheia a minha tomasse as mãos, e também a voz, embora eu não tenha escutado coisa alguma de minha garganta, para reger e recitar certos encantamentos que se apagaram instantaneamente dos registros de minha memória. Tudo que lembro daquele instante de partida foi de ter lido uma frase cujo significado agora me soa como sendo turbulência contigo, em latim TVRBVLNERAE SEMP' AB TI. O vulcão de Hades. A deusa do secreto e do oculto. O dia de Vênus, talvez. Em tudo há uma ligação. Precisava eu venerar. TVRBVUL! Exaltar a turbulência por não haver paz na passagem. Esquecido; e acabado. Tudo dividido em si mesmo.

Luzes me engoliram. Uma profusão delas, amarelas e brancas, azuis-celestes e verdes-mares, carmesins. Enquanto eu era carregado de lá por mãos invisíveis, escutava sons e vozes. Até despertar e reparar que estava no hospital, sozinho e ligado a aparelhos. Com muito esforço espichei o braço esquerdo e apertei a campainha à espera do técnico ou enfermeiro, qualquer um que viesse primeiro a meu auxílio.

Eu vivi duas vidas. Uma delas vegetal, a outra vagando por aí, em mundos paralelos e distantes e próximos em busca do conhecimento. A vida vegetal, por seu turno, no coma induzido hospitalizado, fez de meu corpo cobaia de experimentos médicos invasivos e agressivos. Não sei se as consequências de meus novos problemas são decorrentes do exagero de remédios ou do coma prolongado, mas nada nem ninguém me convence do contrário: o símbolo que carrego nas costas, e que me induz a venerar a turbulência, surgiu com meu retorno à vida como um memento dado por forças vis e mãos – invisíveis – inumanas.

“A repugnância espera e sonha nas profundezas [5]” enquanto zomba de minha insipiência e daquele meu período letárgico nas profundas interestelares. Quais seriam as chances de alguém como eu pisar naqueles pagos? Nulas sob o ponto de vista de não existirem na ótica do comum, do cotidiano. E, contrariando todas as convenções, trago as esquisitices daquela região de sonhos sendo eu a prova cabal de nosso próprio sono coletivo. E antes que meu corpo etéreo volvesse para junto da carne, no entretanto das cores e sons, fui exortado a repetir, parafraseando as vozes à minha roda, um pequeno fragmento invocatório. Torço, tenho fé, do fundo de meu coração, que nada daquilo venha a despertar tão cedo. Mas sei que aquela criatura despreza tempo e espaço, por isso rezo que eu esteja morto quando isso acontecer. Minha experiência comprova que viver neste universo e nesta dimensão não é seguro, e ainda é tempo de alertar que nem nunca foi, nem nunca será.

IÄ! IÄ! CTHULHU FHTAGN!

Fim

---

[5] “O Chamado de Cthulhu” (1926) – H. P. Lovecraft.

Data : 21/04/2012

Título : Viandante

Categoria: Poesia

Descrição: Tendo eu viajado por estradas estranhas Fui dar a uma planície...

Viandante

Leon Nunes

21 de abril de 2012, sábado

05h41min – 06h03min

Uma madrugada insone.

Tendo eu viajado por estradas estranhas

Fui dar a uma planície

não menos estranha

Cuja magia me foi contagiante.

Cheguei com fome e sede

e, invisíveis, mãos me deram de comer e beber.

Porém, apesar da realidade

que meus olhos viam,

Aquilo nada tinha de real

E quando fui atinar o que realmente acontecia

Me encontrei – de novo – naquele caminho

que percorria.

Tudo era repetição

e incontáveis foram as vezes que me vi naquelas estradas estranhas

E também naquela planície.

Se tudo foi um sonho

Se tudo foi uma realidade

inventada

Se viandei por mundos

escusos

Por que então? Por que continuo a viandar?

Por que não cessou minha caminhada eterna?

Somente ontem fui perceber.

Minhas mãos estão manchadas.

É que eu não nasci ainda

Para o horror desta vida.

Sou apenas um viandante

À procura da verdadeira das jornadas.

FIM